UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
DEPARTAMENTO DE LETRAS CLÁSSICAS E VERNÁCULAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOLOGIA E LÍNGUA PORTUGUESA

TELMA APARECIDA FÉLIX DA MATTA CCORI

A prosódia do filler *este* da língua espanhola: leituras pragmáticas

Versão Corrigida

São Paulo
2018

TELMA APARECIDA FÉLIX DA MATTA CCORI

A prosódia do filler *este* da língua espanhola: leituras pragmáticas

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Filologia e Língua portuguesa do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, da Universidade de São Paulo, como parte dos requisitos para obtenção do título de Doutor em Letras.

Orientador: Prof. Dr. Waldemar Ferreira Netto

São Paulo
2018

Autorizo a reprodução ou divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte

Catálogo na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

Ccori, Telma Aparecida Félix da.

A prosódia do *filler* este da língua espanhola: leituras pragmáticas
/Telma Aparecida Félix da Matta Ccori; orientador Waldemar Ferreira Netto. -
São Paulo, 2018
121 f

Tese (Doutorado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da
Universidade de São Paulo. Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas.
Área de concentração Filologia e Língua Portuguesa

1. Prosódia. 2. *Fillers*. 3. Marcadores Discursivos.

CCORI, Telma Aparecida Félix da. **A prosódia do filler *este* da língua espanhola:** leituras pragmáticas. Tese (Doutorado) apresentada à Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Doutor em Letras.

Aprovado em:

Banca Examinadora

Prof. Dr. _____ Instituição _____

Julgamento _____ Assinatura _____

Prof. Dr. _____ Instituição _____

Julgamento _____ Assinatura _____

Prof. Dr. _____ Instituição _____

Julgamento _____ Assinatura _____

Prof. Dr. _____ Instituição _____

Julgamento _____ Assinatura _____

AGRADECIMENTOS

A Deus

Como maçãs de ouro em salvas de prata, assim é a
palavra dita a seu tempo (Provérbios 25:11)

RESUMO

CCORI, Telma Aparecida Félix da Matta. **O filler *este* da língua espanhola**: leituras pragmáticas. 2018. 125f. Tese (Doutorado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018.

A palavra morfofonológica *este* da língua espanhola é submetida a análise acústica no presente trabalho com o objetivo de verificar-se padrões prosódicos para seus diferentes usos: referencial (adjetivo/pronome) e metadiscursivo. Os valores dos parâmetros acústicos mensurados para a ocorrência de *este* referencial são comparados aos das ocorrências de *este* metadiscursivo com a finalidade de reconhecer-se uma subcategorização do uso metadiscursivo: *filler* e marcador discursivo. São utilizados dados de fala espontânea do espanhol do México, coletados no *website* YouTube. Verificamos que, do ponto de vista prosódico, as tendências de comportamento de *este* referencial metadiscursivo apresentam divergências ou convergências a depender da interpretação pragmática relacionada ao último uso.

Palavras-chave: Prosódia , *Fillers*. Marcadores Discursivos

ABSTRACT

CCORI, Telma Aparecida Félix da Matta. **The prosody of Spanish filler *este***: pragmatic interpretations. 2018. 125 f. Tese (Doutorado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018.

The word *este* of Spanish is acoustically analyzed in the present work in order to verify prosodic patterns for its different uses: referential (adjective / pronoun) and metadiscursive. The measured values of acoustic parameters for each type of occurrence are compared with the purpose of proposing two different classes inside metadiscursive use: a *filler* and a discourse marker. We use spontaneous speech data from Mexican Spanish, collected on the YouTube website. From the prosodic point of view, the behavioral tendencies of metadiscursive and referential *este* have divergences or convergences depending on the pragmatic interpretation related to the last use.

Keywords: Prosody. Fillers, Discourse Markers

SUMÁRIO

1 Introdução	1
2 Hipótese e Objetivo	6
3 Pressupostos Teóricos	7
3.1 <i>Fillers e Placeholders</i>	11
3.2 <i>A palavra este na língua espanhola: uso referencial vs. uso não-referencial</i>	18
3.3 <i>Disfluências e Pausas</i>	24
3.3.1 <i>Sobre as pausas silenciosas</i>	25
3.3.2 <i>A pausa silenciosa na análise do discurso</i>	26
3.3.3 <i>Diferenças entre o uso de pausas silenciosas e preenchidas</i>	27
3.3.4 <i>Questões sobre a definição de pausa preenchidas</i>	28
3.3.5 <i>Sobre a natureza linguística do som preenchedor de pausa</i>	30
3.3.5.1 <i>O som preenchedor de pausa como um signo</i>	32
3.4 <i>Procedimentos de análise no estudo sobre os fillers</i>	34
3.5 <i>Unidades prosódicas</i>	38
3.6 <i>Evidências sobre o controle na produção de um filler</i>	44
3.6.1 <i>Aportes teóricos da Análise do Discurso</i>	48
3.6.2 <i>Marcadores discursivos vs. Marcadores metadiscursivos</i>	49
3.6.3 <i>Estudos prévios acerca da palavra este com valor metadiscursivo</i>	51
4. Metodologia	58
4.1 <i>Critérios de seleção das fontes</i>	58
4.2 <i>Da constituição do corpus</i>	62
4.3 <i>Utilização do Audacity</i>	63
4.4 <i>Imprecisão de valores absolutos</i>	71
4.5 <i>O programa Exprosódia: Medidas de Tom Médio</i>	71
5 Resultados	75
5.1 <i>Este referencial vs este metadiscursiva: diferenças no parâmetro duração</i>	75
5.2 <i>Tendências de F0 nas realizações referencial e metadiscursiva de este</i>	77
6 Discussão	83
6.1 <i>Dados de este referencial</i>	83
6.2 <i>Dados de este metadiscursivo</i>	87
6.2.1 <i>Princípios de análise da distribuição entre ‘este’ e ‘eh’</i>	100
7 Conclusões	106
8 Perspectivas Futuras da Investigação	108
Referências Bibliográficas	111
Anexo A	
Anexo B	

1. Introdução

O objeto de estudo do presente trabalho é o comportamento prosódico da palavra *este* da língua espanhola em uso metadiscursivo.

Na literatura reconhece-se que a palavra é utilizada como um sinal de hesitação (Martín-Zorraquino & Portolés, 1999), contudo a maneira como se entende a expressão de hesitação por meio da partícula é um tanto distinta. Para autores como Martín-Butragueño (2002) *este* funciona como um articulador do discurso, de maneira semelhante a outros marcadores como *mira/oye*, *o sea*, *etc.* Para Martinez (2003), entretanto, a partícula funciona à semelhança de uma pausa preenchida. Sem discordar de nenhum dos autores, na investigação ora levada a cabo propomos que ambas as maneiras de entender o funcionamento metadiscursivo de *este* em língua espanhola são válidas.

Por uma lado, o fato de ter-se a sequência sonora *este* também constituindo um significante no sistema linguístico chamado espanhol não é de nenhuma forma um entrave para seu funcionamento como som preenchedor de pausa, uma vez que fenômenos similares se constatarem em outras línguas.

Como observam Watanabe & Rose:

Filled pauses (sometimes called fillers) involve the articulation of some sound during the delay. The sound may resemble an actual word (e.g., in Spanish, *este* [...] or in Japanese, *ano* 'that') or be a non-lexical formation (e.g., in English, *uh* or *um*). (WATANABE; ROSE, 2012 p. 480)

Por outro lado, se o emprego da partícula *este* não incide sobre o conteúdo proposicional dos enunciados adjacentes em nenhum nível linguístico de análise (como sugerem Martinez et al, 2004), há indícios de que pode sinalizar diferentes fenômenos da produção linguística em tempo real, e deste modo não se pode descartar de maneira definitiva a possibilidade de análise de *este* como um operador na articulação discursiva.

Constatam-se dados de outras línguas, em que um demonstrativo também funciona no nível discursivo da língua, mais especificamente, à maneira de um apelativo. Como por exemplo na língua russa (Podleskaya, 2010), conforme veremos na seção Pressupostos Teóricos.

A proposta de analisar acusticamente ocorrências de *este* em uso metadiscursivo é feita com o objetivo de lançar luzes sobre a complexidade pragmaprosódica do fenômeno. O trabalho ora realizado tem como uma de suas inspirações o originalmente desenvolvido por Ferrara (1997)¹, e discutido por Wennerstrom (2001), sobre a palavra morfofonológica do inglês *anyway*.

Em sua pesquisa a autora colocou em evidência o fato de a palavra apresentar características prosódicas particulares em cada um de seus distintos usos, sendo identificados três: dois usos como advérbio e um uso como marcador discursivo. Como observa a autora *the three types of anyway carry different intonational patterns* (2001, p. 123)

Three distinct contours were visible. *Anyway 1* shows a flat or level intonation contour [...] *Anyway 2* shows a quite different pitch contour. A gentle rise is followed by a gentle slope down. [...] However, the pitch contour for *Anyway 3* is very distinct from that of the other two types. A typical contour for *Anyway 3*, the discourse marker, followed the pattern 153-181-123 [Hz]. (FERRARA, 2001 p. 123-124)

Figura : Três diferentes contornos entoacionais para a sequência segmental *anyway*

A autora constata que a primeira curva melódica corresponde a um uso ‘adverbial-aditivo’ da palavra em que esta possui significado semelhante a *besides* (<<além de>>, <<ademais>>). A segunda curva observada diz respeito ao segundo uso adverbial de *anyway*,

1 Kathleen Ferrara, “Form and function of the discourse marker “anyway”: Implications for Discourse Analysis, *Linguistics* 35 pags 343-387, 1997

classificado como ‘adversativo’, no qual a palavra equivale à “*nonetheless*” (<<não obstante>>, <<a despeito de>>).

Quanto ao terceiro uso, classificado como ‘resumptivo’, correspondente à categoria marcador discursivo, a autora nos fornece a descrição de que *it subtly signals a resumption of the trend of thought of the narrator*. (2001, p. 121):

(1) ANNIE And um ((laugh)) and I don't know how if you buy blanks or what but somehow we worked it out so that you can make a gunshot noise but we didn't actually shoot anything. Anyway, so we sent my brother up there.

WENNERSTROM, 2001, p 121 [grifo meu])

A partícula *anyway*, conforme observa a autora em relação a excertos de fala como o apresentado acima, “*is able to signal that the event portion of his narrative is being resumed*” (Wennerstrom, 2001, p. 122). A função da palavra, como frisa, não ocorre no nível sintático da proposição,

It is too simplistic to say that *Anyway* 3 gives cohesion to the preceding sentence only, because [it] span much more of the text. I claim that *Anyway* 3 connects more than two sentences; it connects two levels of representation, and the resumptions can span large passages of intervening text in personal narrative. (WENNERSTROM, 2001, p.122)

Investigações semelhantes a de Ferrara recentemente têm sido levadas a cabo no âmbito da linguística hispânica. É o caso, por exemplo, do estudo de Hernandez (2016), feito sobre a partícula articuladora do discurso *bueno* (espanhol Peninsular). A autora procura correlatos acústicos para as três funções pragmáticas do marcador identificadas por Martín-Zorraquino y Portolés (1999)²: marcador de ‘*modalidade deôntica*’, ‘*enfocador de alteridade*’ e ‘partícula metadiscursiva de abertura de diálogo’.

Diferente da análise de *anyway* em que também se contempla os usos da palavra chamados por Wennerstrom ‘lexicais’ (isto é, os usos em que a palavra é reconhecida como pertencente à categoria léxico-gramatical ‘advérbio’), no estudo de Hernandez (2016), a

2 Martín-Zorraquino y Portolés 1999:4162, 4176, 4193

palavra *bueno* constitui objeto de estudo exclusivamente como marcador discursivo, não sendo levadas em consideração nas amostras de fala analisadas pela autora as ocorrências adjetivais da palavra.

- (2) G: sí↓ está bueno/ el Jotabé siempre está bueno (RISAS)
E: sí↓ además si estuviera fresquito estaría mejor ¿no? ¿o qué?
G: no↓ a mí me gusta– hay gente quee **bueno** pues se lo afloja con hielo
[L.15.A.2: 1134-1138]

(HERNÁNDEZ, 2016, p. 81)

Apesar da ocorrência adjetival da palavra na primeira fala do trecho de diálogo apresentado acima, apenas “*bueno*”, enquanto marcador discursivo é grifado (terceira fala), pela autora, o que evidencia o escopo de sua investigação.

Este último uso “de *bueno*” reflete «el sentido concesivo característico de los marcadores que expresan el acuerdo con el interlocutor» (Martín-Zorraquino y Portolés 1999: 4165) y que[...] tratan de atenuar las conclusiones expuestas por el hablante anticipando el acuerdo con el interlocutor y consigo mismo.

(HERNÁNDEZ, 2016, p. 81)

Hernandez (2016) opõe o uso do marcador em (2), acima, classificado como de modalidade deôntica, aos seu usos em (3) – (5 e 6 no original) – abaixo, em que *bueno* é classificado como uma partícula metadiscursiva.:

- (3) a. A: ¿ya puedoo?/ ¿ya puedo poner la lavadora?
C: **bueno bueno** vale↓
[140.A: 173-174]
- b. A: **bueno** entonces Javier↑ ¿qué?// ¿cómo te va?
[H.38.A.1: 68]

(HERNÁNDEZ, 2016, p. 81)

O uso da palavra no excerto em (3^a), para a autora, consiste num caso em que *bueno* “es [...] una partícula reactiva” (2016, p 82), sendo a reação expressa pelo falante a de alguém que manifesta concessão com o objetivo de resolver uma questão, ou fechar um tema que no diálogo vinha sendo um ‘objeto de insistência’ do interlocutor. Em relação ao segundo uso em (3b) nota que serve para sinalizar o início da interlocução.

O uso de *bueno* em (3) é classificado por Martín-Zorraquino e Portolés (1999, p. 4191) do mesmo modo que a partícula *este*. Os autores consideram que

las partículas se hallan[...] claramente vinculadas con los elementos estructuradores de la información [...] y con los reformuladores. [...] Los marcadores metadiscursivos constituyen enunciados autónomos. Van destacados por pausas más marcadas que las que afectan la maior parte de las partículas. (MARTÍN-ZORRAQUINO; PORTOLÉS, 1999:4191)

A distinção entre marcadores discursivos e metadiscursivos delineada por Martín-Zorraquino e Portolés na passagem acima é aplicada na categorização de distintos usos de *bueno*, porém o mesmo não se verifica em relação à partícula *este*.

As análises acústicas realizadas no presente trabalho visam ao reconhecimento de que também a partícula *este* pode ser empregada pelo falante de variadas maneiras na articulação discursiva.

Apesar de em nossa tarefa termos também incluído amostras da realização lexical (ou referencial) de *este* (*pronome/adjetivo demonstrativo*), tais amostras servem fundamentalmente como grupo de controle para a análise das ocorrências da palavra em uso não-referencial – aos quais genericamente nos referiremos como metadiscursivos.

A identificação de contrastes acústicos entre uso referencial e não referencial, de palavras que também funcionam na articulação discursiva (*bueno, ahora, no, este*), é o objeto central do estudo realizado por Martínez et. al. (2003).

As hipóteses e objetivos que norteiam o presente trabalho são os que se apresentam a seguir:

2. Hipótese e Objetivo

Nossa Hipótese

Por meio da prosódia é possível detectar diferentes matizes pragmáticos da função metadiscursiva de “*este*”, do mesmo modo como a função metadiscursiva pode ser diferenciada da função referencial, pois em ambos os casos as diferenças de uso possuem correlatos acústicos.

Objetivos

Geral

Verificar se na linguagem oral da variedade mexicana de espanhol a palavra morfológica *este* apresenta regularidades quanto aos parâmetros F0 e duração em uso metadiscursivo, se estas regularidades são paralelas às observadas no uso referencial da palavra, e se possíveis irregularidades podem constituir correlatos acústicos de diferentes valores pragmáticos internos ao uso metadiscursivo.

Específicos

- ◆ Levantar dados de uma variedade da língua espanhola (optamos pela variedade falada no México) a partir de amostras de fala espontâneas.
- ◆ Descrever características prosódicas de cada uma das ocorrências da palavra *este* encontradas nas mostras de fala, bem como suas características pragmáticas.
- ◆ Analisar comparativamente e quantitativamente as características prosódicas e pragmáticas de cada ocorrência da palavra *este*,
- ◆ Verificar possíveis congruências e incongruências entre as características prosódicas do uso referencial e do uso metadiscursivo de *este*, e identificar possíveis padrões prosódicos para os diferentes matizes pragmáticos do uso metadiscursivo.

3. Pressupostos Teóricos

A palavra morfofonológica *este* conhece dois usos em língua espanhola: um deles tem valor deítico, podendo funcionar como pronome ou adjetivo. O segundo uso, não menos frequente que o primeiro, porém exclusivo da linguagem falada, corresponde a um valor de articulador discursivo, constatado por autores como Erland (2014), para quem “*este(m)*” é “*Supuestamente uno de los marcadores más usados. Actúa como un marcador de reformulación, trunco equivalente a “esto es” que viene de la locución latina id est (2014 p.144)*”.

Pons Bordería (2008) denomina a expressão “*esto es*” como um conector, do mesmo modo como faz com as expressões *es decir*, *a saber* e *o sea*. Pondera que “*el caso de esto es muestra [...] como la interrelación entre estudios filológicos y pragmáticos puede producir resultados óptimos [...]*” (2008, p. 249)

O autor observa que, a despeito da proximidade sincrônica entre as quatro expressões, a evolução histórica de cada uma é peculiar. Em relação a *esto es*, coloca a ideia de que:

La historia de [esto es reformulador] permite apreciar que un cambio desencadenado por la actividad del hablante puede introducirse en el lenguaje por medio de una tradición textual[...] (PONS BORDERÍA 2008, p. 270)

De acordo com esta visão, haveria duas forças operando no surgimento de um novo significado para uma dada expressão da língua. Este processo é representado pelo autor por meio da figura abaixo:

Figura 2: Processos da mudança linguística (KABATEK, 2001 e 2005a, apud PONS BORDERÍA, 2008, p. 270)

Com a ilustração o autor procura explicar como as mudanças linguísticas podem ser corresponder a *innovaciones em el uso del lenguaje [...] o a la adopción de nuevas tradiciones discursivas, com las nuevas necesidades comunicativas asociadas a las mismas* (p.270)

Após comparar os funcionamentos de *id est* em textos jurídicos medievais da península Ibérica e em textos jurídicos escritos em espanhol arcaico, o autor afirma que

Dadas las semejanzas formales y estructurales entre ambos tipos de documentos, creemos que existen razones para considerar el valor reformulativo de *esto es* como una traducción del valor reformulativo que *id est* poseía en los documentos latinos. (PONS BORDERÍA, 2008 p. 258)

Em relação ao funcionamento das expressões do latim e do espanhol arcaico, observa que

En todas las compras y donaciones halladas en el corpus de documentos legales, [esto es reformulador] se situa en una posición fija en la narratio, directamente antes de la expansión analítica del referente donado; exactamente el mismo lugar ocupado, en los documentos latinos, por *id est* [...] con el mismo valor reformulativo. (PONS BORDERÍA, 2008 p. 257)

De acordo com o autor, diferentemente de outros conectores reformulativos, que apresentam significados secundários – por extensão do primário –, a expressão “*esto es*”, assim como “*a saber*”, continua invariavelmente sendo um reformulador parafrástico em espanhol moderno:

	O SEA	ES DECIR	ESTO ES	A SABER
Paráfrasis	+	+	+	+
Consecuencia	+	+	–	–
Valores modales	+	–	–	–

Figura 3 : Interpretações pragmáticas dos conectores *o sea*, *es decir*, *esto es* e *a saber* (PONS BORDERÍA, 2008 p. 270)

O filólogo Cascón-Martín (1995) sobre a expressão “*o sea*”, observa que “*en la lengua coloquial se ha convertido en una de las muletillas más universales: multitudes de personas parecen incapaces de engarzar cuatro frases sin otros tantos <<o seas>>*” (1995, p. 166). O mesmo autor apresenta exemplos do fenômeno a partir de uma mostra em que aparecem várias intervenções de um dado interlocutor, em um diálogo:

(4)

– ... alguna de estas cosas pues comprometen muchísimo, ¿no?; *o sea*, no sé, pienso que...
[...]

... yo, yo no me [he] examinado todavía ninguna, ¿eh?, *o sea*, no me he examinado, pero me voy a examinar...
[...]

... Pues yo todavía no me he examinado ninguna vez ¿sabes?, *o sea*, yo conducir realmente sé, porque yo he cogido el coche de mi padre muchas veces, por ahí, ¿no?, *o sea*, no sé...

(CASCÓN-MARTÍN, 1995 p.166)

Apesar de considerar exemplos de uso da expressão *o sea* como os apresentados acima, Cascón-Martín não se ocupa da tarefa de uma descrição sistemática de contextos de ocorrência e interpretações pragmáticas envolvidas. Realizando um trabalho de cunho filológico, o autor tem como objetivo cotejar o emprego da locução no registro formal e /ou escrito da língua com um uso constatado na língua oral coloquial.

Numa análise realizada por Poblete(1998) sobre a mesma locução , é possível identificar pelo menos duas diferentes funções pragmático-discursivas para a expressão: ordenador e reformulador discursivo.

Quanto ao conector *esto es*, conforme anteriormente observado, parece funcionar estritamente como um reformulador de exemplificação (Pons Bordería, 2008).

Diferentemente de *esto es*, a forma *este é* amplamente utilizada no espanhol falado, e não se limita à função reformuladora/parafraseadora, sendo apresentada na *Gramática Descriptiva de la Lengua Española* (1999) nos seguintes termos:

También la partícula *este* (derivada del demostrativo homónimo), sirve [...] para señalar que el hablante mantiene el turno de uso de la palabra.[...] Frente a *eh*, *este* no suele indicar la acumulación de la información . Y de modo parecido a *eh*, si puede parecer un rasgo o señal de búsqueda de la expresión adecuada, no es menos cierto que manifiesta notoriamente que el hablante no desea ceder su turno de habla sino que quiere seguir hablando.(MARTÍN-ZORRAQUINO; PORTOLÉS, 1999 p. 4199 [grifos meus])

De acordo com a descrição de Martín-Zorraquino y Portolés (1999), o uso da palavra *este*, quando não em função referencial, se aproximaria ao da interjeição *eh*. Na breve menção que os autores fazem ao emprego de ambas as formas como sinal de busca da expressão adequada, não asseveram categoricamente que de fato ocorra tal fenômeno, e sobre a função reformuladora de *este* não é feita qualquer menção. Por outro lado, a análise dos autores sobre ambas as formas os leva a afirmar com certa insistência que tanto *eh* quanto *este* são utilizadas pelo falante de língua espanhola como estratégia de manutenção de turno. No que diz respeito à origem do *este* que funciona como articulador discursivo, são bastante sucintos ao afirmar que deriva do demonstrativo homônimo “*este*”, que compõe paradigma ao lado de “*ese*” e “*aquel*”.

Na sequência apresentamos algumas descrições feitas na literatura linguística contemporânea sobre itens articuladores de discurso em diversas línguas, cuja forma e função se assemelham bastante ao “*este*” não referencial da língua espanhola, tal como analisado por Martín-Zorraquino y Portolés.

3.1 *Fillers e Placeholders*

Fox (2010s p.1), utiliza o termo *filler* (preenchedor) para referir-se a expressões que aparecem na fala

When speakers in a conversation experience difficulty remembering a word[...] One of the key sets of practices that speakers engage in when searching for a word is delay of that word, that is, a delay of what has been projected to come next by the lexico-semantic-syntax of the utterance-so-far, in its activity context. (FOX, 2010 p.1)

Para a autora, no caso específico da língua inglesa, um *filler* pode tanto corresponder ao som “*uh*”, classificado como interjeição de hesitação, como ao neologismo *whatchamacallit*, uma forma cristalizada a partir da expressão “*what you may call it*” (2010, p.1)– ‘*como se pode chamar isso*’. No caso da forma cristalizada, entretanto, reconhece-se um tipo especial de *filler*. ao qual se denomina *placeholder*.

Um *placeholder*, conforme explica, é um *filler* que desempenha *a special grammatical role in word searches* (Fox, 2010, p.1). O papel diferenciado do *placeholder* na substituição da palavra exata sendo buscada pelo falante, consiste no fato de que entre a expressão empregada e a palavra a ser dita, que se está procurando, ocorre uma espécie de ‘concordância’. Vejamos o seguinte exemplo colocado pela autora:

(5)

English; Two Girls

Ava: I wanted to know if you found a *whatchamacallit*, a parking space

(FOX, 2010 p.2)

No enunciado acima, a forma “whatchamacallit” é pronunciada após o artigo indefinido “a”, em substituição ao sintagma nominal, também precedido pelo artigo “a”, “*parking space*”. Desde um ponto de vista sintático, há perfeita correspondência entre o lugar do placeholder – expressão ‘*holding a place*’ (reservando lugar) –, e o ocupado por “*parking space*” na estrutura. Já numa perspectiva sintático-semântica, o significado da expressão que dá origem à “whatchamacallit” (<<como se pode chamar isso>>), pode ser entendido como uma autorreferência à necessidade de encontra-se um nome’, neste sentido, com a realização de um sintagma nominal a necessidade é satisfeita.

A autora apresenta ainda um exemplo da língua russa:

(6) *Russian*

<i>On</i>	<i>kupi-l</i>	<i>vsjakie</i>	<i>et-i ...</i>	<i>pirožny-e.</i>
<i>he</i>	<i>buy-past.sg.m</i>	<i>various</i>	<i>PH-acc.pl</i>	<i>cakes-acc.pl</i>
#‘He bought various PH [whatchamacallit] ... cakes.’				
<i>Lit. ‘He bought various them ... cakes.’</i>				

(FOX, 2010 p.2)

Se quiséssemos realizar uma tradução do enunciado em russo acima conservando a marca de hesitação tal como expressa naquela língua, o enunciado resultante seria algo como “*Ele comprou vários, eles...bolos*”, uma vez que o placeholder (PH) *et-i* apresenta a marca de concordância de número – e caso (acusativo) – com o termo para o qual reserva lugar na estrutura.

Podlesskaya (2010, p. 20) considera que no caso de línguas “*with no or little morphology, placeholders are, by definition, used in their default form*”. A autora coloca como exemplo o Chinês Mandarim, uma língua que não apresenta flexões de qualquer natureza na qual os demonstrativos *zhege* (‘este’), e *nage* (‘aquele’) funcionariam como *placeholders* independentemente de apresentarem os traços de concordância requeridos. Um exemplo apresentado pela mesma autora, entretanto, permite problematizar o estatuto de *placeholder* dos demonstrativos do Mandarim.

(7) Mandarin Chinese

a. nage [S wo mingtian you shijian].
PH I tomorrow have time
'PH, I have time tomorrow.'

(ZHAO; JURAFSKY, 2005 p. 180, apud PODLESSKAYA, 2010, p. 20)

No exemplo acima, o suposto placeholder (PH) *nage (aquele)* funciona como um antecipador de toda a sentença (S) “wo mingtian you shijian”, - “eu amanhã tenho tempo” .

Hayashi & Yonn (2010, p 46) resolvem a problemática constatando que *Interjective demonstratives are observed in Mandarin as well*. Com o termo “demonstrativos intejectivos” os autores se referem a um uso do demonstrativo em língua chinesa que o equipara ao da interjeição “um” da língua inglesa. Tais empregos são ilustrados nos exemplos abaixo, nos quais tanto o demonstrativo distal quanto o proximal são empregados como antecipadores de um cláusula inteira:

(8) Mandarin

ta zhei-ge:: (0.8) shi: (0.2) en::
he prox.dem-cl is uh
'He, zhei-ge:: [=um], (0.8) i:s (0.2) uh (.)' (.)

(HAYASHI ; YONN, 2010, p 45)

A tradução do enunciado com marca de hesitação acima, seria literalmente “Ele, este... é.. ah...”.

Um fenômeno semelhante é descrito pelos autores em relação à língua japonesa, na qual se identifica uma distribuição complementar entre as formas demonstrativas distais de valor pronominal, *are*, e de valor adjetival *ano*, a primeira funcionando como *placeholder* e a segunda como interjeição ou *filler*. Abaixo é apresentado um exemplo desta última função do demonstrativo.

O contexto do enunciado, conforme esclarecem os autores, é o entrevistador “H” tentando abordar uma maratonista sobre o fato de ela ter tirado a bermuda em frente ao público após cruzar a linha de chegada:

(9) Japanese

1 H: iya konkai ano hashittemo
well this.time adn.dist.dem run:even.if
'Well, this time, ano [=um], even if ((you)) run ((in a race)),'

(HAYASHI;YONN, 2010 p. 44)

No referido caso, o emprego da marca de hesitação “*ano*” é um exemplo de uso em que não se busca por um item vocabular específico, talvez nem mesmo por uma estrutura sintática. Antes, o problema de planejamento enfrentado tem a ver com todo o conteúdo proposicional a ser proferido, “*ano*” é utilizado como um sinal de que H ‘não sabe como’, ou sente um certo constrangimento em tocar no assunto.

Analisando exemplos como o deste tipo, os autores ponderam que diferentemente dos demonstrativos utilizados como *placeholders*, os demonstrativos interjectivos

[...] are not produced as a syntactic constituent occupying a specific syntactic slot in an ongoing utterance. Given this, the occurrence of interjective demonstratives is not constrained by the syntactic environment in the unfolding structure of the utterance-in-progress, and therefore, their distribution is quite flexible. It can occur anywhere in the course of an utterance when the speaker gropes for a next word/phrase/proposition to say.
(HAYASHI; YONN, 2010 p. 46 [grifos meus])

Observando que é comum a utilização de demonstrativos como *placeholders* nas línguas naturais, Hayashi and Yoon citam a análise feita por Hanks (1992: 60) para o fenômeno, de acordo com a qual a origem de tais usos tem fundamentos cognitivos:

[W]hat is basic to deixis is the access (cognitive, perceptual, spatiotemporal) that participants have to objects of reference in the current speech event. Access, like awareness, is an intensional arc from participants to objects, and this inherently orients deixis towards the denotatum. (HANKS ,1992 p. 60, apud HAYASHI; YONN, 2010p. 48)

De acordo com Hanks (1992), portanto, o demonstrativo, nas línguas em que é empregado como um elemento extraoracional (ou *filler*), cumpre, entre outras, a função de sinalizar que o referente da expressão temporariamente substituída pela dêitico se encontra acessível na esfera conceitual do falante e/ou do ouvinte. Analisando a utilização dos *fillers* demonstrativos em Mandarim, Hayashi & Yoon (2010) constatam que *zhege* (este), é uma marca de titubeio que suporia resolução pelo próprio falante, enquanto *nage* (aquele) indica que o referente da expressão sendo procurada se encontra tão apartado do falante quanto do ouvinte, em outras palavras, o ouvinte estaria a uma ‘distância’ equivalente a do falante em relação ao referente, e portanto poderia ajudá-lo na seleção da expressão exata:

Forma	Tipo denotacional	Tipo relacional	Índice de compartilhamento
zhe-ge	este	exclusivo	falante
na-ge	aquele	inclusivo	falante (+ ouvinte)

Tabela 1: Interpretações pragmáticas dos *fillers* demonstrativos em chinês

(HAYASHI; YOON, 2010, p. 52)

Os autores notam que é também comum que elementos funcionando num primeiro estágio como genuínos *placeholders* evoluam para a função de interjeição de hesitação, deixando de espelhar as características gramaticais dos elementos do qual tomam escopo, e de integrar a estrutura sintática do enunciado de ocorrência, como também observa Podlesskaya (2010, p.20)

A typical interjectional function acquired by a default placeholder is to signal the beginning of a turn of talk, or, more locally, to signal that the speaker is going to take the floor in a conversation
(PODLESSKAYA, 2010 p.20)

A autora exemplifica com a expressão enfática “este” da língua Russa, composta pelas formas “*eto*” (forma nominativa singular neutra do pronome demonstrativo proximal) + “*samoe*”(forma nominativa singular neutra do pronome enfático), a qual se identifica que em russo *is often used as an “opening” marker*:

- (10) Russian
 Eto samoe, já vot čto xoč-u skazat.’
 PH.nom.n.sg PH.nom.n.sg I.nom here what want- pres.1.sg say.inf
 ‘PH [Look], here is what I want to say ...’

(PODLESSKAYA, 2010 p.20)

Na glosa em língua inglesa, a autora traduz o “*este*” *enfático do russo com a expressão “look”,* equivalente a “*olha*”, mas que por ser enfática poderíamos equiparar à expressão “*veja bem*”.

Em relação aos incipientes estudos sobre o funcionamento dos *fillers* nas línguas ocidentais, Fox (2010, p.2) considera que

Perhaps because English and other western European languages tend to use fillers lacking morphology [...] (preferring instead pause vowels), linguists have tended to ignore the significance of these forms [...]
 (FOX, 2010 p.2)

O que a autora quer dizer faz bastante sentido quando atentamos para o quadro abaixo,

Língua	<i>Filler</i> (item que cumpre função de preencher o tempo da pausa)	Fonte
Espanhol	eh, em, este, pues	Brody (1987 apud CLARK e FOX TREE 2002) and van der Vlugt (1987 apud CLARK e FOX TREE 2002)
Português Brasileiro	éh, ah, ahn, mm	Marcuschi (1999 apud ALMEIDA, 2009) e Campos e Cruz (2007 apud ALMEIDA, 2009)
Português Europeu	aa, aam, mm	Mata (1999 apud MONIZ 2006)
Francês	eu, euh, em, eh, oe, n, hein	Duez (1982, 1991, 1993 apud CLARK e FOX TREE 2002)
Inglês	uh, um,	Clark e Fox Tree (2002)

Alemão	äh, ähm	Fischer (1999 apud CLARK e FOX TREE 2002)
Sueco	eh,äh, ääh, m, mm, hmm, ööh, a, öh	Allwood et al. (1990 apud CLARK e FOX TREE 2002) and Eklund (1999 apud CLARK e FOX TREE 2002)
Norueguês	e, e=, e= =, eh, eh=, m, m=, m==, hm,	Svennevig (1999 apud CLARK e FOX TREE 2002)
Holandês	uh, um	Swerts (1998 apud CLARK e FOX TREE 2002)
Hebraico	eh, e–h, em, e–m, ah, a–m	Maschler (1997 apud CLARK e FOX TREE 2002)
Japonês	eeto, etto, ano, anoo, uun, uu, uunto, konoo, sonoo, jáa	Hinds (1975 apud CLARK e FOX TREE 2002) Cook (1993 apud CLARK e FOX TREE 2002), Emmett (1996, 1998 apud CLARK e FOX TREE 2002)
Chinês	nage, zhege, uh, mm	Zhao & Jurafsky (2005 apud MONIZ 2006)

Tabela 2: Fillers em 12 línguas

Com exceção da língua espanhola, todas as línguas ocidentais listadas na tabela acima apresentam em seus sistemas sons vocálicos funcionando como *fillers*. O próprio nome *filler*, “preenchedor”, ou “som preenchedor” carrega consigo a noção de que um som (*não uma palavra*) sendo empregado em lugar do silêncio. É nesta perspectiva que se tem uma pausa preenchida em oposição a uma pausa silenciosa. Mais adiante apresentamos algumas ideias referentes a ambos os tipos de fenômeno, provenientes de estudos psicolinguísticos e linguísticos.

Na sequência passamos a uma análise do comportamento sintático do “*este*” extra-oracional, articulador discursivo, ou *filler* da língua espanhola.

3.2 A palavra *este* na língua espanhola: uso referencial vs. uso não-referencial

Os adjetivos demonstrativos da língua espanhola são descritos por Rigau (1999) em função de seu sistema dêitico de um modo geral

El español distingue três términos de deixis espacial: los adverbios *aquí, ahí, allí*, que se relacionan con los determinantes demostrativos *este, ese, aquel*. Las formas masculina y femenina del demostrativo pueden combinarse con un SN o parecer solas. En el primer caso, el SN complementa al demostrativo [...] En el segundo caso, el determinante actúa como un pronombre en el sentido de que no requiere complemento. (RIGAU, 1999, p. 328)

Os dois casos acima considerados por Rigau não correspondem aos usos referenciais da palavra *este* (adjetivo e pronome) .

Abaixo, dois exemplos apresentados pela autora:

- (11) a. Este no lo sabía
b. ¿Sabes que mi hermana se ha comprado este (mismo) coche?

(RIGAU, 1999 p. 328)

No primeiro exemplo, ‘Este’ tem função pronominal, funcionando na sentença de maneira semelhante a ‘Él’ (‘Ele’), com a diferença de que o demonstrativo, na estrutura sintática de (11^a), é preferivelmente empregado num registro escrito da língua

O segundo exemplo é dado a título de ilustração de que em espanhol o artigo demonstrativo pode servir para a referência a tipos, remetendo não somente à deixis espacial, mas também a uma similaridade entre o objeto indicado pelo dêitico e um terceiro objeto localizado fora da esfera espacial física. O significado da sentença em (11b), como a autora procura elucidar com o adjetivo ‘mismo’, entre parênteses, é “*Sabia que minha irmã comprou um carro igual?*”.

Enquanto adjetivo, o demonstrativo *este* deve obrigatoriamente encontrar-se em posição de adjacência imediata em relação ao nome que modifica.

- (12) a. Este niño es alto - este niño es bajo (Demonte, 1999 p. 138)
b. Este animal es un elefante pequeño . – Este animal, que no es pequeño, es un elefante pequeño – (Demonte, 1999 p. 145)
c. Este libro es difícil de traducir. – (Bosque, 1999 p. 251)
d. Traducir este libro es difícil. – (Bosque, 1999 p. 251)
e. Este asunto desafía a la comprensión – (Bosque, 1999 p. 257)
f. En este árbol anidan cigüeñas. – (Rigau, 1999 p. 26)
g. Este impreso debe firmarlo [cualquier avalador (de un crédito)]. – (Picallo, 1999 p. 366)
h. Este traje lo llevaba el día cuando se casó. – (Brucart,1999, p.508)
i. Este tipo de caligrafía parece la suya. – (Picallo & Rigau, 1999, p 992)
j. Este primo nuestro, que nos visita siempre durante el Verano. – (Picallo & Rigau, 1999, p. 993)
k. Este palacete pertenece ala familia real. – (Picallo & Rigau, 1999:1019)
l. Este sitio aún es hermoso. ¡Tiene tan pocos visitantes...! – (Sánchez-López, 1999 p. 1096)
m. Más chicos que chicas leyeron este libro. – (Sáez del Álamo, 1999 p. 1147)
n . Este libro es menos denso que «La busca». – (Sáez del Álamo, 1999 p.1152)

Do mesmo modo como é possível em espanhol uma estrutura como “Este primo nuestro”, em que o substantivo se encontra entre dois adjetivos com função determinante, no caso em posição medial entre um demonstrativo à esquerda e um possessivo à direita, igualmente se constata estruturas de dupla determinação do substantivo, nas quais o demonstrativo é posposto. Quando ocorre tal fenômeno, o determinante à esquerda é necessariamente um artigo definido.

- (13) a. El niño este es muy listo y ya no se le engaña fácilmente.
b. Quén es el escritor este del que me hablabas ayer?
c. La casa esa está en alquiler desde hace por lo menos cuatro o cinco años.
d. En el hotel ese se está comodísimo.
e. Siempre recordaré los montes aquellos de mi infancia.

(EGUREN, 1999 p. 951-950)

O fenômeno da posposição do demonstrativo permeia todo o paradigma, ou seja, as formas singular e plural, masculina e feminina de *este*, *ese* e *aquel*, manifestando-se sempre a concordância entre o artigo que antecede o demonstrativo que o procede. Além disso, a

posição do demonstrativo é, de modo invariável, imediatamente adjacente à do nome modificado.

No que diz respeito ao do funcionamento de este enquanto pronome, Eguren (1999) apresenta exemplos como os dos enunciados abaixo.

- (14) a. Cuando Pedro se encuentra con Juan_i, este_i siempre le saluda.
b. *Cuando Pedro se encuentra con este_i, Juan_i siempre le saluda
c. Cuando Pedro se encuentra con Juan_i, él_i siempre le saluda.
d. Cuando pedro se encuentra con él_i, Juan_i siempre le saluda

(EGUREN, 1999 p. 944)

Por meio dos exemplos em 14, acima (15, no original), Eguren procura demonstrar que quando em uso pronominal, o demonstrativo “este” pode funcionar apenas anaforicamente, sendo que “*debe seguir obligatoriamente a su antecedente dentro de una misma oración, mientras que el pronombre personal puede ser tanto anafórico como catafórico*” (1999, p. 943). De acordo com Eguren, portanto, a ocorrência concomitante do pronome demonstrativo e de seu referente em um enunciado condiciona o lugar da realização pronominal na estrutura, que deverá suceder à realização do substantivo.

Já o uso metadiscursivo de *este* apresenta como característica marcante uma total independência em relação aos elementos do entorno sintático. Os exemplos a seguir são provenientes de um trabalho de gravação e transcrição de falas realizado como parte do projeto “Cambio y variación lingüística en la ciudad de México” (LASTRA; MARTÍN-BUTRAGUEÑO 2000; apud MARTÍN-BUTRAGUEÑO, 2003). Conforme explica Martín-Butragueño, as falas são “*procedentes de entrevistas semiinformales con seis hablantes, todos ellos de nivel medio de instrucción , tres hombres y tres mujeres, de tres grupos diferentes de edad.*” (2003, p. 378). Mantemos o formato de transcrição original do autor, no qual não se apresentam símbolos de pontuação:

- (15) a. este luego no teníamos dinero (GR , CD 2-3-00:09)
b. y este pues no no o sea que (GR , CD 2-3-02:10)
c. con decirle que yo este a los diez (LM , CD 1-1-01:54)
d. dos años pero este cayeron heladas (FR , CD 1-2-00:31)
e. y hasta eso que sembrábamos nada más maíz y y este flores (FR , CD 1-1-03:48)

- f. pero pero vamos este yo sé que siempre ha habido gente (MZ , CD 1-3-03:25)
 g. y este bueno estábamos en Tepito no (MZ , CD 1-3-00:02)
 h. los doctores este me dicen que debo de caminar una hora (EM , CD 1-6-04:23)

(MARTÍN-BUTRAGUEÑO, 2003 p. 401)

Na primeira sentença acima, o demonstrativo *este* precede o advérbio de tempo *luego*, portanto não funciona como adjetivo modificador de nome. É antes uma partícula de abertura de enunciado à semelhança do que ocorre na língua russa com a combinação demonstrativo +pronome enfático “*Eto samoe*” sobre a qual discorre Podlesskaya (2010 p.20). Retomamos 15 a. em 16.

(16)

este	luego	no teníamos dinero
dem. prox.	adv. temp.	[S não tínhamos dinheiro]

Em 15b. O demonstrativo é precedido pela conjunção aditiva “y” e seguido pela palavra morfofonológica “*pues*”, que pelo contexto de ocorrência sintática, igualmente aparece na função de interjeição, e não como uma conjunção causal. O mesmo se verifica com a locução “*o sea*”, que aparece no enunciado à maneira de um expletivo

(17)

y	este	pues	no	no	o sea	que
conj. aditiva	dem. prox	interj	adv. neg	adv. neg	loc. interjectiva	conj. rel

A sentença em 15c igualmente apresenta um demonstrativo extra oracional, desconectado tanto da oração infinitiva³ que o precede, quanto da locução adverbial que o segue

(18)

con decirle que yo	este	a los diez
Sent. Inf.	dem. prox	loc. adv.

Em 15d. novamente o uso do demonstrativo não é referencial. Aparece precedido de *pero* em função de partícula de valor enfático – e não de conjunção adversativa – e seguido do

3 A oração pode ser glossada em português como “Se eu lhe disser que eu”.

sintagma verbal *cayeron heladas* (literalmente “caíram geadas”, referência a um fenômeno climático)

(19)

dos años	pero	este	cayeron heladas
<i>SN</i>	<i>part. enf</i>	<i>dem. prox</i>	<i>SV</i>

Na sentença em 15e. e há duas ocorrências de demonstrativo; a primeira delas correspondentes ao pronome neutro “eso”, que provavelmente faz referência a um conteúdo proposicional anterior – não apresentado por Martín-Butragueño. A segunda ocorrência de demonstrativo corresponde ao elemento extra oracional *este*

(20)

y hasta eso [que sembrábamos nada más	maíz	y	y	este	flores]
	<i>obj dir</i>			<i>dem. prox</i>	<i>ob. dir</i>
				<i>masc.sing</i>	<i>fem. pl</i>

No enunciado em consideração, a palavra morfológica *este* ocorre imediatamente após a conjunção aditiva *y*, que aparece duplicada, sinalizando que a seleção do nome referente ao segundo objeto do verbo “*sembrar*” (<<semear>>, <<cultivar>>), termo a ser acrescido a *maíz* (<<milho>>), demanda um certo esforço. A pronuncia do *filler* “este” serve para completar o tempo requerido para a escolha da palavra “*flores*”, com a qual o demonstrativo não concorda nem em gênero e nem em número.

Quanto ao enunciado em 15f, inicia com um “*pero*” enfático duplicado, ao qual se segue a realização do verbo “*vamos*”, que pragmaticamente, neste caso em particular pode ser entendido como “convenhamos”:

(21)

pero pero [vamos]	este	[yo sé que siempre ha habido gente...]
<i>Imper. {apelat}</i>	<i>dem. prox</i>	<i>Sent.</i>

Após a realização do verbo no imperativo (que diga-se de passagem, apresenta um valor apelativo), é realizado o demonstrativo “*este*”, não é anáforico e não referencial, mas uma espécie de introdutor do conteúdo expresso com a sentença “*yo sé que siempre ha habido gente*” (<<eu sei que sempre houve/teve gente...>>).

Já em 15g, o demonstrativo *este* aparece precedido pela conjunção aditiva “y” e pelo marcador discursivo “*bueno*”, ambos na função de **ordenador continuativo** do discurso.

(22)

y	este	bueno	estábamos en Tepito	no
<i>conj adit</i>	<i>dem. próx</i>	<i>marc. disc</i>		<i>marc disc</i>

O emprego do demonstrativo em posição medial entre os dois elementos extra oracionais serve de apoio na articulação discursiva. Após a pronúncia do marcador “*bueno*”, faz-se referência ao cenário da narrativa “estábamos en Tepito”, e finalmente se realiza o fechamento do enunciado com o marcador “no” (<<não>>, <<né>>), em geral pronunciado em tom interrogativo. Conforme já observamos, nem o símbolo de interrogação, nem qualquer outro sinal de pontuação é usados nas transcrições que o autor apresenta para os enunciados que estamos analisando.

Finalmente, em relação a 15h., temos novamente o demonstrativo *este* servindo como introdutor de um conteúdo proposicional, à semelhança do que ocorre em 15a.

(23)

los doctores	este	me dicen que debo de caminar una hora
<i>SN</i>	<i>dem. prox</i>	<i>SV</i>
<i>masc.(gen)/ pl. (num)</i>	<i>masc.(gen)/ sing.(num)</i>	

De um ponto de vista sintático, temos um demonstrativo cindindo uma oração justamente no ponto medial entre o sintagma nominal e o sintagma verbal associado (ou entre sujeito e predicado).

O que sintaticamente nos diz que o demonstrativo não corresponde a uma anáfora pronominal, sendo antes um elemento extra oracional, é seu número singular. Além desta marca sintática, acreditamos que prosodicamente haveria também outros indícios do funcionamento metadiscursivo de *este*.

Fenômenos como a realização de ‘este’ nos contextos considerados em (15), durante muito tempo foram tratados como **disfluências** na literatura linguística. Atualmente, vem-se realizando trabalhos por meio dos quais se visa a uma melhor compreensão sobre como ocorrem; contudo, os títulos das investigações permitem ainda entrever esta perspectiva, como por exemplo no trabalho de Karl. G. D. Bailey & Fernanda Ferreira (2007): “*The processing of filled pause disfluencies in the visual world*”.

3.3 Disfluências e Pausas

Do mesmo modo que os silêncios (pausas), a ocorrência de unidades segmentais que não fazem parte do conteúdo semântico de um enunciado é um fenômeno bastante comum na fala, são os chamados *fillers* (Clark & Fox Tree, 2002), ou “preenchedores de pausa”. São classificadas dentro do conjunto de fenômenos da fala denominados disfluências, dentre os quais também se encontram, os truncamentos, os falsos começos, as repetições, os alongamentos, etc. Vejamos a transcrição de um excerto diálogo entre entrevistadora e entrevistado, no programa televisivo *La maleta de* (México):

- 1 ENTREVISTADORA . [...] tu gorra... (pegando um bone de dentro da mala do entrevistado)
2 ENTREVISTADO . No puede faltar.
3 ENTREVISTADORA . ¿Por que? ¿Porque es la de la suerte o algo asi?
4 ENTREVISTADO. **Mm** lleva conmigo:: **ehh::** (pausa silenciosa) doce ano. trece anos ya
5 ENTREVISTADORA. ¿Quién te la regalo? ¿Por que es tan importante?
6 ENTREVISTADO. **Este:** la compre **en:** Barcelona **y::** desde ahi me ha acompanado y y es algo que siempre traigo tá (...) tengo muchas gorras y todo pero esta es como una especial.
7 ENTREVISTADORA. Se te ha olvidado de vez em cuando?
8 ENTREVISTADO. No nunca (pausa) hasta ahorita (risos)
9 ENTREVISTADORA. La gorra de la suerte (ininteligível) veo aqui que traes (pausa) una Biblia
10 ENTREVISTADO. Lo principal lo mas importante y lo que (...) se puede olvidar cualquier cosa **hasta::** la ropa del equipo menos mi Biblia.

Transcrição de trecho de diálogo no programa mexicano *La maleta de..* (Record TV) - 19 seg a 1m2seg, disponível in <https://m.youtube.com/watch?v=6fqr06pNiUA> (acessado em 19/01/2016)

No trecho transcrito acima destacamos as seguintes disfluências: 1) as pausas preenchidas “mm” e “eh” na linha 4, e “este” na linha 6; 2) os alongamentos em e y, na linha 6, e hasta na linha 10, todos observados na fala do entrevistado.

Cumpre-nos destacar que os alongamentos de segmento ocorrem “intra material lexical”,

- O alongamento “en” (linha 6) faz parte do elemento locativo “en Barcelona”, informação de onde ocorreu a compra do boné em questão
- O alongamento vocálico da conjunção aditiva “y” (linha 6) é o nexos que adiciona a informação a respeito do grande uso feito do artigo adquirido
- O alongamento em “hasta” (linha 10) suspende o discurso e simultaneamente antecipa que o objeto a ser referido na sequência é algo de bastante consideração.

Quanto à pausa preenchida, ou *filler* realiza-se em total independência em relação aos demais itens da cadeia segmental que constituem a estrutura lógica do enunciado.

Na sequência apresentamos uma breve revisão literária a respeito das pausas silenciosas com o objetivo de contrastar seu estatuto teórico com o que se atribui às pausas preenchidas.

3.3.1 Sobre as pausas silenciosas

A pausa, enquanto objeto de estudos linguísticos, fonéticos e psicolinguísticos, conforme observa Crystal (2008, p. 355), é reconhecida como um fenômeno de funções diversas.

Acusticamente, as pausas podem ser definidas como "tempos de parada que se traduzem por uma breve interrupção do sinal sonoro, e que podem ocorrer no interior de um mesmo turno conversacional ou entre turnos", assegurando "*la alternancia entre un tiempo de actividad y un tempo de reposo*" (GNECCO et al 2013, p.4).

O tempo de parada, ou pausa silenciosa pode ser o reflexo de

- Atividade respiratória
- Atividade cognitiva
- Intenção do falante em dotar o conteúdo dos segmentos pós ou pré pausa de carga expressiva.

Em linhas gerais, como apontam Gnecco et al (2013)

(...) hay en general un gran consenso para su definición [...] Candea (2000:21) la define como la interrupción significativa que puede medirse en tiempo [...] El hecho de ser [...] medibles en el tiempo permite clasificarlas a su vez en breves, medias y largas existiendo pequeñas diferencias en los milisegundos atribuidos a las mismas según los distintos autores. (GNECCO et al, 2013 p. 3)

Krivokapi (2007) identifica diferentes fatores acarretar a duração de uma pausa, tais como características individuais do falante, a velocidade da fala⁴, a organização do discurso em que está envolvida, a estrutura prosódica em que ocorre, a extensão frasal de incidência e o contexto sintático. O autor também nota que a variação na duração de pausas silenciosas de um falante para outro é maiormente observável quando a pausa é feita no interior de uma sentença.

4 Estudos como o de Fletcher (1987, apud Krivokapi 2007) e Butcher (1981, apud Krivokapi 2007) em relação às línguas francesa e alemã, respectivamente, demonstram que a duração de uma pausa depende não apenas da velocidade de fala, mas também do indivíduo em questão, já que nem todos os informantes por eles analisados aumentaram a extensão das pausas ao apresentarem um falar mais lento.

Em trabalhos de análise de falas espontâneas em inglês, grego e alemão, Smith (2004) ⁵, Bannert et al (2003) ⁶, e Swerts & Geluykens, (1994) ⁷, respectivamente, observam que os falantes tendem a realizar pausas maiores quando implicada uma mudança de tópico do que em outras fronteiras discursivas. Como se vê, não apenas a fonética tem-se ocupado do estudo das pausas.

3.3.2 A pausa silenciosa na Análise do Discurso

Além de serem classificadas por sua duração, as pausas silenciosas também são etiquetadas de acordo com critérios sintáticos, prosódicos e pragmáticos, visto que, ademais de atender à necessidade fisiológica da respiração, a pausa silenciosa também atende a necessidades cognitivas de “*planificación de los enunciados, participando de la demarcación del discurso en las fronteras sintácticas y también en el interior del sintagma*” (Gnecco et al 2013, p. 3).

Em seu artigo, intitulado “La Demarcación Discursiva y los efectos pragmáticos de las pausas y de sus elipsis: un análisis centrado en casos de discurso político”, Gnecco et al (2013) apresentam os resultados de um trabalho de análise sobre falas da então presidente argentina Cristina Kirchner, concluindo que em seu discurso político a ausência ou presença de pausas funciona de maneira semelhante à de um marcador discursivo que orienta o ouvinte em relação a como se estrutura a mensagem.

As autoras apresentam as seguintes taxonomias:

- pausas silenciosas cognitivas ou de planificação
- pausas silenciosas de titubeio
- pausas silenciosas demarcativas, gramaticais
- pausa silenciosa de função estilística e expressiva
- pausa silenciosa de função retórica

O último tipo de pausa silenciosa enumerado, é descrito como uma pausa de localização inesperada no interior do sintagma, que confere à palavra que a precede “*un peso semántico máximo*” (Gnecco et al 2013 p. 3).

5 apud Krivokapi, 2007, p. 3

6 Idem 2

7 Ibidem 2

Revisando as taxonomias sobre pausas em geral, as autoras propõem uma nova categoria, de função discursiva, à qual chamam *pausa elíptica*.

3.3.3 Diferenças entre o uso de pausas silenciosas e preenchidas

Em uma perspectiva psicolinguística, Corley et al (2010:3990) observam que as pausas silenciosas e os “ers” – com ers os autores se referem às pausas preenchidas ou *fillers* – não são totalmente intercambiáveis. Mencionam o estudo de Brennan & Williams (1995), no qual estes dois últimos autores demonstram que as pausas silenciosas fazem os ouvintes sentirem seus interlocutores mais confidentes do que quando usam pausas preenchidas.

Por outro lado, Christenfeld (1995) sugere em seu trabalho de investigação que as pausas silenciosas fazem o falante, aos olhos do ouvinte, parecer menos “relaxado” do que quando se utilizam pausas preenchidas.

An issue worthy of further study is the relationship of actual rhetorical skill to um rates. While we have evidence that eliminating ums has at most a minimal effect on the audience's impressions, [...] it may still be the case that peoples's um rates are correlated with their speaking talents. The direction of this correlation, though, might be surprising. *Ums* do not seem to increase with anxiety and lack of preparation[...] Instead, *ums* signal contemplation of options and the selection of words from a varied rhetorical skill. [...] The results suggest that perhaps speakers should actually strive to increase their um rates. (CHRISTENFELD, 1995 p. 185)

Arnold et al (2004, apud CORLEY et al, 2007 p. 659), por meio de um experimento observaram o movimento ocular dos participantes nos instantes em que recebiam instruções para mover os desenhos na tela do computador com o mouse. Os autores constataram que a presença da pausa preenchida *uh* na instrução aumenta a probabilidade de um movimento ocular inicial em direção a um objeto não previamente mencionado na troca comunicativa, e que mediante a ausência de disfluências em uma instrução os participantes tendem a voltar os

olhos para um objeto já mencionado previamente. Os resultados do experimento realizado por Arnold et al (2004) sugerem que os ouvintes são sensíveis ao fato de, para os falantes, ser mais difícil processar o nome de um item que não foi mencionado anteriormente no discurso. De acordo com a conclusão dos autores, os ouvintes podem “intuir” que imediatamente após uma disfluência, há a propensão de mencionar-se um novo elemento no discurso. (CORLEY et al, 2007 p. 659).

3.3.4 Questões sobre a definição de pausa preenchida

Em uma perspectiva linguística, Clark e Fox Tree (2002) questionam o estatuto teórico das pausas preenchidas (ou *fillers*) dentro da tradição de estudos gerativistas. Os autores observam que

models of speaking and listening, and of language generation and parsing, are often limited to fluent speech. But in conversation – the prototypical form of language use – fluent speech is rare (CLARK; FOX TREE, 2002 p.73)

Os autores exemplificam comparando o que seria a sentença ideal, passível de ser segmentada e analisada de acordo com os procedimentos da sintaxe gerativa, com o enunciado proferido em um ato espontâneo de fala correspondente:

- (24) a. Well, Mallet said he felt it would be a good thing if Oscar went.
b. Well, . I mean this . uh Mallet said Mallet was uh said something about uh you know he felt it would be a good thing if u:h . if Oscar went

(CLARK; FOX TREE, 2002 p.73-74)

Em 24b tem-se uma mostra de fala real colhida junto a um informante identificado como Reynard. Conforme se nota pela transcrição da fala, longe de constituir uma sequência de sentenças perfeitamente encaixadas, em seu enunciado Reynard

[...] took first one direction (“Mallet said something about”) and then another (“he felt it ...”). He replaced phrases (Mallet said by Mallet was), made clarifications (marked by I mean and you know), repeated words (if if), and added delays (silences and uh) (CLARK & FOX TREE, 2002, p.74)

Todos estes elementos da fala de Reynard que enumeram Clark e Fox Tree são num primeiro momento denominados pelos autores “**adições de performance**” (*performance additions*). Chamam a atenção para a divisão feita no âmbito dos estudos linguísticos entre os fenômenos ditos da **competência** e os fenômenos que seriam próprios da **performance**

Clark e Fox Tree observam haver três distintas visões na literatura sobre adições de performance como as que aparecem na fala de Reynard.

Na primeira delas, promovida por Chomsky (1965, p. 3 apud Clark e Fox Tree, 2002 p. 74), as adições de performance são consideradas “erros”. Entende-se, então igualmente como erros fenômenos que apresentam diferentes taxas de frequência: quer se tratem de erros bastante comuns (ou "característicos"), quer se tratem de erros pouco frequentes (ou 'aleatórios'), um erro, nesta visão, é um fato que sucede quando alguém aplica seu conhecimento linguístico em um ato de fala que é uma atualização deste conhecimento (performance). Conforme notam

[...] Under Chomsky’s influence, performance additions have been excluded from many accounts of speaking and listening as well (e.g. Ferreira, 1993, 2000; Frazier & Clifton, 1996; Kintsch, 1998; Marslen-Wilson & Tyler, 1980, 1981; Mitchell, 1994). (CLARK & FOX TREE, 2002, p.74)

A segunda visão sobre as adições de performance encontrada entre os estudiosos possui ainda fortes vínculos com a visão chomskyana: é a de que embora estas adições constituam erros, estes merecem atenção especial no âmbito dos estudos da linguagem pelo que podem revelar acerca dos fenômenos da performance.

Finalmente, na terceira visão que se tem sobre as adições de performance (Levelt, 1983, 1989; Schegloff, Jefferson, & Sacks, 1977 apud Clark & Fox Tree, 2002:74) considera-se que estas são genuinamente parte integrante da linguagem, “ “ [...] um exemplo são as auto-correções. Quando Reynard diz “Mallet said” e logo se corrige, ele deixa clara sua intenção de expressão ao substituir o constituinte inteiro por “Mallet was” . Mesmo que o verbo “said” [disse] na fala de Reynard fosse classificado como um erro, o fato de ele haver selecionado o nome Mallet não é um erro, tratando-se de um fenômeno governado por princípios linguísticos (Levelt, 1983). De igual maneira, as expressões “I mean” e “you know” de Reynard são expressões convencionais do Inglês, portanto estas também são parte da linguagem[...] Nesta visão, se coloca a questão [...] como os falantes as formulam e produzem? ” ” (Clark & Fox Tree, 2002 p. 74 [tradução livre])

A explanação dos autores a respeito de como se dá o fenômeno das adições de performance tem início com a descrição de Clark, 1996 (apud Clark e Fox Tree, 2002 p. 74) sobre a existência de duas faixas simultâneas de comunicação:

FAIXA 1 – O falante utiliza signos que se referem ao assunto oficial ou a tópicos do discurso proferido – é a faixa a qual corresponde o enunciado em 1a, que expressa o que viria a ser o conteúdo do enunciado de Reynard em essência.

FAIXA 2 – O falante utiliza signos que se referem à performance em si – os índices que aparecem na transcrição em 1b: “I mean” , “you know”, “uh”, “u:h”. Estes signos, no entender dos autores, indicam o julgamento do falante a respeito do momento exato de proferir-se uma palavra ou expressar-se uma ideia. As postergações de pronúncia, as reestruturações frasais, reparações vocabulares, qualquer expressão de intenção de fala, e outros fenômenos do gênero também são signos que se referem não a conteúdos proposicionais, mas à performance por meio da qual se veiculam os conteúdos.

3.3.5 Sobre a natureza linguística do som preenchedor de pausa

Os sons “uh” e “um”, caracteristicamente associados a problemas de planejamento, são identificados por Clark e Fox Tree (2002) como as adições de performance mais comuns da língua inglesa.

A respeito da natureza destes signos os autores colocam uma questão que é bastante relevante para o desenvolvimento do presente projeto de investigação:

Seriam sons como *uh* e *um* efetivas marcas linguísticas por meio das quais o falante quer referir-se aos problemas de performance, ou meros sintomas ou signos naturais destes problemas?

Os autores advogam em favor da hipótese de que [...] *uh* and *um* are, indeed, English words. By words, we mean linguistic units that have conventional phonological shapes and meanings and are governed by the rules of syntax and prosody. We will also argue that *uh* and *um* must be planned for, formulated, and produced as parts of utterances just as any other word is. (CLARK & FOX TREE, 2002 p.75)

Diferentemente de Levelt (1989, apud Clark e Fox Tree, 2002 p. 74-75), que apesar de considerar as adições de performance como parte da língua, trata os sons *uh* e *um* como **sintomas** de que o falante detectou algum tipo de problema em sua enunciação, Clark e Fox Tree procuram demonstrar que a produção de tais sons não se dá de forma natural e espontânea, sendo antes o resultado de um processo de seleção, da qual participam itens passíveis de serem escolhidos⁸.

Partindo desta observação, os autores também problematizam a ideia de que os sons *uh* e *um* sejam chamados “pausas preenchidas”:

The unstated assumption is that they are pauses (not words) that are filled with sound (not silence). Yet it has long been recognized that *uh* and *um* are not on a par with silent pauses[...] If *uh* and *um* are words[...] it is misleading to call them filled pauses. (CLARK & FOX TREE, 2002 p. 75)

⁸A possibilidade de seleção de outros itens que não os sons *uh* e *um* haver sido observada por Levelt, é razão pela qual Clark e Fox Tree problematizam a visão de produção espontânea do autor.

3.3.5.1 O som preenchedor de pausa como um signo

Não apenas a possibilidade de seleção de diferentes formas sonoras para a realização de um *filler* é o que faz com que Clark & Fox Tree (2002) rejeitem a denominação “pausa”, mas a identificação de sistematicidades de fatores influenciando a escolha de cada uma.

Concernente a fatores acústicos, os autores observam que a ocorrência do filler *um* tende a ser acompanhada de instantes de silêncio (pausas silenciosas) mais extensos quando comparadas às ocorrências do filler *uh*.

- **Uh:** usado para anunciar o que seria o princípio de uma interrupção menor no ato de fala.
- **Um:** usado para indicar o começo do que se espera ser uma interrupção maior na fala.

O contraste semântico entre “*uh*” e “*um*” radicaria na importância da interrupção anunciada por cada um. Observam os autores que nos casos de informantes que em seu léxico pessoal demonstram ter apenas o filler *uh*, este contrasta com a pausa silenciosa, e continua significando “indicação do que será uma breve interrupção no fluxo de fala”.

Por meio de uma revisão da literatura, e de exemplos do corpus por eles analisados, Clark e Fox Tree (2002, p. 90-91) enumeram interpretações possíveis para um filler, todas elas derivadas a partir do significado básico (“será feita uma interrupção no fluxo de fala”):

- (a) **o falante no momento está experienciando um problema de planejamento** (Levelt, 1983, 1989);
- (b) **o falante está “vasculhando” a memória a procura de uma palavra** (Goodwin, 1987; Goodwin & Goodwin, 1986; James, 1972);
- (c) **o falante está hesitante a respeito de algo** (ADH, 2000; OED, 2000);
- (d) **o falante demonstra dúvida ou incerteza sobre algo** (ADH, 2000; Brennan & Williams, 1995; OED, 2000; Smith & Clark, 1993);

- (e) **o falante quer demonstrar que ainda está engajado no labor de produção de fala** (Goffman, 1981), decidindo, por exemplo, o que dizer (Brotherton, 1979; Cook, 1969) ou como dizer (Boomer, 1965; Cook, 1971)
- (f) **o falante quer preservar seu terreno na conversação** (Maclay & Osgood, 1959; Mahl, 1987; Rochester, 1973);
- (g) **o falante quer ceder terreno ao interlocutor** (Clark e Fox Tree, 2002)
- (h) **o falante quer passar ao próximo turno** (Beattie, 1983; Sacks cited in Schegloff, 1982, p. 81);
- (i) **o falante completou o seu turno** (Cook & Lalljee, 1972);
- (j) **o falante está convidando seu interlocutor a falar** (Clark e Fox Tree, 2002)
- (k) **o falante solicita ajuda para completar o enunciado sendo por ele proferido** (Clark e Fox Tree, 2002) ; (Goodwin & Goodwin, 1986);
- (l) **o falante está sendo polido (cortês)** (Fischer, 1999; Jefferson, 1974)
- m) **o falante está pensando sobre aquilo que ele acabou de dizer** (Fischer, 1999);
- (n) **o falante está convidando os ouvintes a pensarem a respeito daquilo que ele acaba de dizer** (Jefferson, 1974);
- (o) **o falante está marcando fronteiras sintáticas ou discursivas** (Cook, Smith, & Lalljee, 1974; Fischer, 1999; Maclay & Osgood, 1959; Martin, 1967; Swerts, 1998);
- (p) **o falante provê informação sobre seu presente estado mental** (ou de espírito) (Brennan & Williams, 1995; Smith & Clark, 1993).

Os autores ponderam que ainda outras interpretações podem vincular-se aos usos de *um* e *uh* feitos pelos falantes da língua inglesa, sendo que o catálogo de cada uma resultaria em um extenso inventário de significados. Com o fim de manter-se uma descrição mais econômica para o significado dos *fillers*, eles propõem que as interpretações sejam tratadas não como significados *a priori*, mas como implicaturas a partir do significado básico – “será realizada uma interrupção no fluxo de fala, relativamente longa ou breve”.

3.4 Procedimentos de análise no estudo sobre os fillers

A identificação da extensão das pausas (silenciosas) acompanhando a realização do *filler* é um expediente utilizado por Clark e Fox Tree (2002) na tentativa de estabelecer distinções entre os empregos de *uh* e *um*

Por meio do gráfico na figura a seguir apresentam as principais durações de pausa precedendo ambas as vocalizações no corpus por eles analisado (London -Lund ou LL corpus) ⁹:

Figura 4: Principais extensões de pausas após *fillers* (CLARK; FOX TREE, 2002 p. 83)

Sendo as estatísticas baseadas na ocorrência de *fillers* em respostas dadas pelos informantes, os autores consideram que cada entrevistado calcula o tempo estimado para a melhor forma de réplica, e que com base neste cálculo é que é selecionado o item *um* ou *uh*.

Outro critério identificado pelos autores para a seleção do item *um* ou *uh* é a localização do *filler* dentro da unidade entoacional¹⁰.

9 Corpus que consiste em 50 gravações de conversas das quais participam de 2 a 6 falantes, sendo os informantes adultos e Britânicos e em sua maioria estudantes universitários. Os autores explicam que para sua análise levam em consideração apenas as falas dos informantes que ignoravam o fato de estarem sendo gravados.

10 Sobre a definição de “unidade entoacional” iremos a discorrer mais adiante.

Clark e Fox Tree apresentam três tipos de localização:

- (I) Na fronteira entre unidades entoacionais;
- (II) Após a primeira palavra do grupo entoacional (ignorando-se os próprios *fillers* *uh* and *um*);
- (III) Qualquer posição posterior a estas.

Por meio dos exemplos em (25) abaixo (22 e 23 no original), em que a fronteira entre unidades entoacionais é expressa pela vírgula, os autores procuram demonstrar as três localizações referidas:

- (25) a. [...] and then uh somebody said, . [I] but um - - [II] don't you think there's evidence of this, in the twelfth - [III] and thirteenth centuries?
b. Hamlet um - - - [II] starts, . [I] uh as a noble soul, th- there's no doubt that . [III] that Hamlet has got this nobility of soul.

(CLARK & FOX TREE, 2002 p. 94)

Os autores observam que a grande maioria das teorias sobre a produção de fala predizem que quanto maior o tempo de planejamento requerido, maior será o tempo de interrupção antecedendo uma fala. A este respeito ponderam que

Planning should be most difficult in location I, where speakers have to select the message, formulate the syntax for the unit, and create its overall prosody. It should be easier in location II, once they have made many of these selections. It should be easiest in location III, where they have completed even more of the processing. Past research has shown that speakers do indeed pause most (longest and most often) in location I, less in location II, and least in location III

(CLARK & FOX TREE, 2002 p. 94)

Havendo realizado uma análise estatística quanto à localização dos *fillers* *um* e *uh* dentro das unidades entoacionais de seu corpus de análise, Clark e Fox Tree apresentam o "resultado esperado" de que os *fillers* são mais frequentes na posição 1 (43 ocorrências em 1000

oportunidades), sendo a posição 2 a segunda do ranking (27 ocorrências em 1000 oportunidades), e a última a posição 3 (13 ocorrências em 1000 oportunidades).

Os autores observam ainda que embora interrupções com *um* e *uh* breves ou prolongadas tenham sido verificadas nas três posições, a maior tendência apresentada pelos falantes foi a de preencher a localização I, em que a interrupção costuma ser mais longa, com o *filler um* (56% dos casos); nas localizações II e III constatam que o mesmo *filler* aparece respectivamente em 39% e 37% dos casos.

Do total de ocorrências das versões prolongadas dos *fillers*, *u:m* e *u:h*, 77% teria também se dado na localização I, enquanto nas localizações II e III os percentuais de ocorrência seriam de 52% e 54%, respectivamente. Calculando-se percentuais de ocorrência não com base nos *fillers* em si, mas nas posições da unidade entoacional os autores chegam ao número de 47% de ocorrências na localização I correspondendo ao *filler* prolongado *u:m*, mesmo *filler* ocuparia as localizações II e III com a frequência de 22%. Os autores situam no outro extremo o [filler] “*uh*”, compreendendo apenas 13% de todos os *fillers* na localização I, porém 30% dos situados nas localizações II e III (Clark e Fox Tree, 2002:94).

A despeito das controvérsia que se encontram na literatura a respeito do que seriam os contornos de uma unidade entoacional, os autores notam que *ad hoc* a unidade entoacional mais comum é aquela que termina com *uh* ou *um*:

(26) **Alice** I must admit that *um*, the book-club, offered to buy us a special pre-Christmas

(CLARK e FOX TREE, 2002 p.100)

Lembrando que nas transcrições de Clark e Fox Tree a vírgula separa grupos entoacionais, a fala da informante Alice acima é uma mostra dada pelos autores de como se formulam a entoações de muitas unidades entoacionais encerradas por *fillers*: em “I must admit that *um*” o contorno final recai sobre o *filler um*. Os autores contabilizam 300 exemplos como este no LL corpus, dos quais mais da metade (166) apresenta uma palavra simples (curta)¹¹ antecedendo o *filler* que encerra o contorno final da unidade:

11 Constatam os autores que a “palavra simples” de maior frequência antecedendo o *filler* seria *and* (59% dos casos analisados), e *but* a segunda mais frequente (20% dos casos); em praticamente todos os exemplos contabilizados pelos autores a transição da palavra simples para o *filler* se dá com tonalidade nivelada (mid level).

(27) **Beth** and, . my auntie Flora went . uh . Elsie went home, and u:h, - - - my mother said,
- was going on about her to me, over the phone

(CLARK e FOX TREE, 2002 p. 100)

Os autores mencionam o trabalho de Shriberg & Lickley (1993), no qual se observa que dentro da unidade entoacional os falantes formulam os fillers *uh* e *um* de modo que para o ouvinte seja fácil distingui-los das palavras na circunvizinhança:

Every clause by a speaker has a melody with a maximum pitch, or fundamental frequency F0 . Likewise, every speaker has a minimum F0 . As Shriberg and Lickley documented, the F0 of each *uh* and *um* within a clause lies at about 60% of the distance up from the minimum F0 for that speaker to the maximum F0 for that clause (CLARK e FOX TREE, 2002 p. 100).

O fato de que o mesmo percentual (60%) se mantém para as mostras de qualquer falante, tanto em inglês americano quanto em inglês Britânico é ressaltado pelos autores, que colocam o seguinte exemplo:

(28) **Reynard** [...] this is this is one of the things that - *uh* one of the many things, - uh in English structure, which is - u:m - - - an item in a closed system

(CLARK e FOX TREE, 2002 p. 100)

Na realização dos *fillers uh* e *u:m* no interior do enunciado em (28) reconhece-se o referido percentual de distância de F0 (60%), em relação à F0 mínima do trecho de fala.

Ainda percorrendo sobre o mesmo trecho, os autores identificam-se duas partes em cada uma das clausulas proferidas pelo informante Reynard: primeiramente uma parte correspondendo à melodia da cláusula em si, e, em segundo lugar, uma parte monotonal, correspondente ao *filler*¹² (p.100)

12 A ocorrência de uma unidade entoacional exclusiva para a pronúncia do *filler* é também constatada por Zorraquino e Portolés (1999:4191), conforme visto na seção introdutória do presente trabalho.

3.5 Unidades prosódicas

Conforme observado, dificilmente um enunciado proferido na fala espontânea coincide com a unidade estrutural idealizada, cunhada na língua escrita. Entre as duas modalidades de língua existem diferenças sintáticas, que consistem não apenas em ordens distintas de encadeamento segmental, mas também em formas diversas de apresentação de ideias. Além disso, a fala é intrinsecamente embutida de melodia, o texto escrito só o é quando atualizado por meio da execução oral da língua, como na leitura em voz alta, seja esta fruto de visualização simultânea de caracteres ou de memorização.

As unidades prosódicas são um tema dos quais os estudiosos de prosódia tem-se ocupado desde longa data. Cruttenden (1986) já notava a diversidade de termos encontrados na literatura como grupo entoacional, frase entoacional, frase fonológica, unidade de tom, entre outros (1986 p.35), para o que viria a ser a unidade mínima de análise. Admite-se que a extensão material dessa unidade é bastante variável.

De acordo com o autor, os grupos entoacionais representam ao mesmo tempo uma unidade de planejamento do falante e uma unidade de apresentação do falante para o ouvinte, “*as if the speaker were saying to the listener: 'get this piece of processing over before we go on'*” (1986 p. 80). Cruttenden também observa que dada a gama de escolhas envolvida na produção de um enunciado não seria nunca possível predizer uma entoação frasal, “*the most that can be attempted is to put some limits on the range of speaker choice*” (1986 p. 80).

Para o autor, um grupo entoacional é uma unidade constituída de um acento tonal (*pitch accent*) principal, ou núcleo, e de outros acentos menos proeminentes.

Um dos fatores que pode influenciar a localização do núcleo dentro do grupo entoacional é o que Cruttenden chama **focalização**¹³. Trata-se de um fenômeno aplicável, sobretudo, à leitura em voz alta.

Tal como formuladas pelo autor, as definições de núcleo e foco acabam sendo 'circulares' – mutuamente dependentes – : o núcleo de um grupo tonal estaria nos segmentos correspondentes aos itens lexicais fazendo referência à informação foco da mensagem, e o foco da mensagem seria informação contida nos itens lexicais cujos segmentos apresentam o acento tonal. É então delineada pelo autor uma distinção entre foco extenso e foco estreito: Os

13 O pitch accent (acento tonal) na língua inglesa pode ser fonológico.

casos de foco extenso são caracterizados pelo fato de todo grupo entoacional em que se encontre o acento nuclear estar sendo enfatizado, em outras palavras, o foco extenso ocorre sempre que todo o conteúdo informacional da sentença for novo, isto é sempre que o enunciado como um todo veicular uma informação nova. O foco estreito, por outro lado é descrito como um caso em que apenas um constituinte do grupo recebe, de fato, a ênfase (1986 p. 81), ou seja, o constituinte em questão isoladamente corresponderia a uma informação nova.

Segundo o autor, uma ‘informação dada’, por oposição ao que se entende como ‘informação nova’, é um fato que o falante julga estar de alguma maneira na consciência do ouvinte, e que, por esta razão, não necessita ser ressaltado em sua fala. Quando o falante assume que uma certa informação encontra-se ‘fresca’ na mente do ouvinte, fazendo parte de uma gama de fatos predizíveis, os significantes que servem como seus referentes não se ressaltam no grupo entoacional, não recebendo acento nuclear.

Pelo fato de que quando se expressa informação dada uma parte da sentença não se encontra em foco, nestes casos sempre se terá foco estreito.

Apresentam-se como contextos em que se expressa informação dada:

A) Quando o que foi dito anteriormente é repetido de maneira “parafrástica” (paraphrastically).

B) Quando uma informação segue como assunção lógica do que foi dito anteriormente.

C) Quando informações dadas o são não por meio linguístico, mas em decorrência da situação física em que se encontra o falante.

Como observado, a diferença do foco extenso em relação ao estreito consiste no fato de que no foco estreito não se abrange todo o grupo entoacional em questão, mas apenas uma parte dele:

(29) (What have they given Bill?)
They've given him a golden HANDshake

(CRUTTENDEN, 1986 p.88)

Para o enunciado hipotético do inglês acima, cujo contexto de produção é dada entre parênteses como sendo uma situação em que alguém pergunta o que Bill recebeu, tem-se o constituinte “*golden handshake*” sendo focalizado, com o núcleo recaindo sobre os segmentos /hænd/ (hand-).

Contudo, por meio de outro enunciado bastante similar, Cruttenden nota que a localização do núcleo por si só não é suficiente para determinar a extensão do foco, que poderia muito bem consistir em um foco extenso:

- (30) (What's new at work?)
The boss's given Bill a golden HANDshake

(CRUTTENDEN, 1986 p.88)

Em última instância, ao menos na língua inglesa o contexto é que determinaria a classificação de um grupo entoacional como estando em foco extenso ou estreito.

Wennerstrom (2001), referindo-se a uma unidade prosódica denominada **frase entoacional**, observa que se trata de um construto ideal, correspondente a um conjunto de feixes de traços linguísticos. A autora enumera as seguintes características:

- a) Se pronuncia dentro do intervalo de tempo de uma "inspiração – expiração";
- b) Inicia depois de uma pausa;
- c) Ao longo de seu tempo de duração nota-se um declínio gradual na faixa tonal;
- d) Termina com um prolongamento dos segmentos finais, com uma porção de pronúncia mais lenta, sendo possíveis mudanças na qualidade de voz;
- e) Constituem o domínio de certas regras fonológicas (ao menos no que diz respeito à língua inglesa);
- f) Podem coincidir com constituintes sintáticos.

(WENNERSTROM, 2001 p.30-31)

Mesmo a descrição de frase entoacional baseada no feixe de traços linguísticos mencionados acima seria insuficiente para dar conta deste tipo de constituinte prosódico quando se leva em consideração o que a autora chama 'discurso natural', que equivale a fala espontânea:

In natural discourse, however, the intonational phrase is often less clear cut. Although in some genres as news reporting, the canonical intonational phrase I described is appropriate, speakers in conversational genres appear to manipulate the linguistic features of intonational phrases to signal interactional intentions (WENNERSTROM, 2001 p.30-31)

Wennerstrom menciona a estratégia de manutenção de turno descrita por Schegloff (1982), a chamada "rush-through", em que o falante interrompe a fala para inspirar em meio a uma frase entoacional e logo procede, sem pausa, na seguinte frase entoacional; a autora faz também lembrar que a ocorrência de elipses, recomeços e outros fenômenos da fala (2001 p.31), como a hesitação – da qual ora nos ocupamos – obscurecem o que viriam a ser os constituintes sintáticos, tais como pensados na tradição gramatical.

Tarefas como a da identificação de unidades entoacionais tem sido uma das ocupações da área de conhecimento denominada *Tecnologia da Fala*, na qual se procura, dentre outras coisas o reconhecimento automático da voz (decodificação de significante e significado) por parte de máquinas.

A respeito do lugar das ferramentas computacionais e da percepção do usuário da língua no âmbito dos estudos prosódicos realizados na linguística, Wennerstrom (2001, p. 12) considera que

computer analysis has increasingly become the standard whereas impressionistic analysis might have been considered sufficient in earlier descriptions of prosody. I believe that the purpose of one's research, rather than some arbitrary principle about technology, should determine the methodology and tools one chooses. (WENNERSTROM, 2001p. 12 [grifos meus])

Mesmo com as precisas medições de parâmetros acústicos que permeiam os estudos prosódicos na atualidade, uma época em que se tem fácil acesso a ferramentas computacionais, seguem-se realizando trabalhos sobre como dividir da melhor forma o

truncado *continuum* da fala em unidades. Não obstante os avanços tecnológicos, esta é uma tarefa que ainda não foi automatizada.

Dentre os trabalhos realizados em relação à língua espanhola com o objetivo de delimitar unidades prosódicas podemos mencionar a tese de doutorado de Cabedo (2009), intitulada “*Segmentación prosódica en la conversación coloquial*”. Cabedo identifica alguns fatores que dificultam a tarefa, em particular no espanhol:

[...] la variedad tonal fluctúa a lo largo de toda intervención elocutiva y, en ese sentido, no suele ser sencillo parcelar el discurso según un mayor o menor nivel de ascenso o descenso tonal. Por otro lado [...] en el español coloquial las emisiones de los hablantes tienden a combinar pausas demarcativas con aglutinaciones orales (voz rápida); en este último caso, las fronteras discursivas son difícilmente interpretables.
(CABEDO, 2009 p. 17)

No modelo de análise proposto pelo autor, ademais de variáveis numéricas, que correspondem à valores de parâmetros acústicos, também se leva em consideração o modo como um dado trecho de fala veicula conteúdo proposicional, sendo apresentadas pelo autor as categorias pragmaprosódicas “*actos*” e “*subctos de habla*”, propostas pelo grupo Val.Es.Co (Briz, A. & Grupo Val.Es.Co, 2002; Hidalgo Navarro & Padilla García, 2006, apud CABEDO, 2009).

As duas categorias utilizadas pelo autor são descritas com base nas propriedades ‘ser identificável’ e ‘ser isolável’. No fluxo de fala, uma unidade identificável é idealmente definida como aquela que pode ser reconhecida por possuir uma curva melódica completa. Uma unidade isolável seria adicionalmente portadora de conteúdo proposicional suficiente para o funcionamento independente em seu contexto de produção. Coloca-se a diferença entre um ‘ato’ e um ‘sub-ato’ como consistindo em que um ato é identificável e ao mesmo tempo isolável, enquanto um sub-ato é apenas identificável e só veicula conteúdo proposicional junto a outros constituintes do enunciado.

Desde um ponto de vista puramente acústico, o autor pondera que

Es evidente que[...] la constitución entonativa de las unidades (mayores [acto] o menores [subacto]) supone un problema metodológico no resuelto por la entonología tradicional; a saber, no existe una certeza concluyente sobre qué es una curva melódica completa y, tampoco, sobre qué es un grupo entonativo. Dicho de otro modo, en español hablado, y concretamente en su variante coloquial, es difícil establecer límites fónicos precisos que, de modo infalible y contundente, identifiquen curvas melódicas completas o, en general, grupos entonativos. Si estos límites existieran o, al menos, pudieran determinarse con una mayor o menor exactitud, sería relativamente sencillo programar una aplicación informática que, ante diferentes intervenciones orales, secuenciara unidades prosódicas de modo automático. (CABEDO, 2011 p. 86, grifos meus).

O que parece consensual na literatura é o tratamento da ocorrência de pausas como um fator delimitador de unidades de entoação.

3.6 Evidências sobre o controle na produção de um *filler*

A respeito do controle dos falantes sobre a produção dos *fillers* Clark & Fox Tree (2002:99) mencionam um estudo realizado por Schachter, Christenfeld, Ravina & Bilous (1991), cujo corpus de análise consistiu em vários grupos de gravações, um deles correspondendo a apresentações realizadas na Universidade de Columbia (registro formal) e outro a entrevistas feitas em particular com os mesmos palestrantes (registro informal). A quantidade média de *fillers* encontrada no primeiro grupo foi de 3,23 por minuto, enquanto que no segundo, em que se tinha uma elocução informal, a média foi de 5.18. Outra comparação foi feita entre gravações de apresentações de alunos de graduação e pós graduação. Nas apresentações dos alunos de pós, que se sentiam mais à vontade, e utilizavam uma elocução menos formal, a taxa de ocorrência de *fillers* foi igual a 3.68 por minuto. Já os alunos de graduação, mais cuidadosos com a fala, mais “formais”, se contiveram, sendo a média de *fillers* por eles utilizada igual a 2.53 por minuto.

Em relação à co-ocorrência de *fillers* e pausas silenciosas, os autores observam que embora os palestrantes tenham utilizado menor quantidade de *fillers* nas apresentações, nestas é que se encontra a maior quantidade de pausas silenciosas, o que refletiria um falar mais lento e mais cuidado. Clark e Fox Tree (2002 p.99) também fazem menção a estudos em que se compara a quantidade de *fillers* utilizados quando o falante tem o tempo de fala regulado por cronômetro com a quantidade utilizada quando não se apresenta este tipo de condicionamento, e o resultado encontrado é de que no primeiro caso o uso de *fillers* é bastante reduzido. Todas estas seriam evidências do controle do falante ao empregar um *filler*:

Uh and *um* are signals, not symptoms. One criterion for signals is choice: if one element is selected over another, and that selection contributes to a contrast in what is meant, then that element is a signal (see Fox Tree & Clark, 1997). Speakers select among *uh*, *um*, and silence (and probably other items too, including gestures), and that selection contributes to what they mean. Indeed, speakers have control over their selection both at the fine-grained level (contrasting minor and major delays) and at coarse-grained levels (contrasting formal vs. informal speaking) (CLARK e FOX TREE, 2002 p. 104-105).

Uma questão de importância translinguística para a qual atentam os autores reside no fato de que “English has at least two fillers, *uh* and *um*, and so do all other languages we have examined” (2002 p. 75)

O fato de haver pelo menos dois *fillers* em uma língua é utilizado como argumento em favor da análise segundo a qual estes são fenômenos convencionais (e não naturais) nas línguas, nos termos utilizados pelos autores “*uh and um are conventional for English: they are part of what one learns when one learns English. Speakers of English as a second language often import the fillers from their first language*” (2002 p. 93)

Clark e Fox Tree notam que assim como em inglês a oposição entre os fillers *uh* e *um* correspondem ao contraste 'relativamente + breve' ou '+ longo' ou atendem à demandas de variação de registro (formal x informal), in other languages fillers contrast on other dimensions as well (p.92). A este respeito, os autores fazem menção à trabalhos desenvolvidos sobre línguas como o japonês¹⁴.

De acordo com Watanabe (2003), os *fillers* da língua japonesa podem ser selecionados pelo falante em atenção ao critério complexidade do constituinte antecipado (...).

Clark and Fox Tree [...] argue that speakers use “um” to signal major delays and “uh” for minor ones. They believe that difference in usage of the two fillers is in the estimated length of delay, not types of problems speakers are facing. Sadanobu and Takubo, on the other hand, argue that, concerning Japanese fillers, “ano” and “eto”, the former is used when speakers have problems in formulating the appropriate linguistic forms, whereas the latter is used when they face problems at the conceptualization level. (Watanabe, 2003:2474)

A proposta de Sadanobu and Takubo (1995, apud Watanabe, 2003) como comenta Watanabe, é baseada em observações de que “*ano*” é utilizado quando o falante presta

14 Os autores citam o trabalho de Emmet, 1988, “ “Ano(o) is more than “um”: interactional functions of ano(o) in Japanese conversation””.

atenção especial à **forma** linguística, em contextos de interação verbal com pessoas desconhecidas, na qual a temática da conversação não demanda uma resposta preferida do ponto de vista do **conteúdo**, porém não costuma ser utilizada quando a marca de hesitação não supõe um cuidado especial com a forma, como quando o falante pensa consigo próprio. Ao pensar consigo mesmo o falante de japonês preferiria o *filler* “*eto*”, sendo constatado por exemplo quando se está realizando uma atividade cognitiva como o cálculo. (2003:2474)

De acordo com esta perspectiva, poderíamos considerar que a seleção de um *filler* ocorre em função do ‘tipo de hesitação envolvida’.

Watanabe em sua análise se baseia exclusivamente nas características sintáticas do constituinte que segue imediatamente ao *filler*. A autora pondera que embora a proposta de análise de Sadanobu and Takubo seja “*plausible, it needs more empirical supports. Their hypothesis does not clearly present how to distinguish types of on-going problems except for the examples mentioned above*” (2003 p. 2474). A postura de Watanabe é compreensível, uma vez que, concretamente, o pesquisador apenas dispõe de estruturas segmentais e supra-segmentais, as quais podemos entender como a forma material, sonora e tangível, resultante do processo de conceptualização ao qual não se tem acesso.

O que a autora constata em sua investigação é que

“*Eto*” had the strongest tendency of occurring at sentence boundaries, indicating that “*eto*” is a type of filler typically used when speakers are trying to express large amount of information and planning complex constituents (WATANABE, 2003, p. 2476)

O fato de que “*eto*” e “*e*” tendem a ocorrer nas margem de sentenças em maior medida que *fillers* “*ano*” e “*sono*” – oriundos dos homófonos/homônimos demonstrativos “*ano*” (aquele) e “*sono*” (esse) – é para a autora o indício de que “*eto*” é mais usado quando o falante procura expressar um maior volume de informação, correspondente a um constituinte sintático complexo.

Posteriormente, Watanabe et al (2006) constatam que em japonês há diferentes fatores que influenciam a ocorrência de um dado tipo específico de disfluência: a idade e o sexo do falante, o gênero discursivo em questão, e o contexto comunicativo, com o que os autores relativizam algumas ideias preconizadas sobre o uso dos *fillers* no ensino de Japonês como língua estrangeira:

Yokobayashi described usage of four frequent types of fillers for learners and teachers of Japanese as a foreign language as follows: use of *ano* gives polite impression to the interlocutor because *ano* indicates that speaker is trying to choose expressions suitable for the situational contexts; ***eto* is used when one tries to concentrate on thinking. *Eto* can be uttered when one is on one's own, but not *ano*. Unlike *ano*, it is not polite to use *eto* when one asks for information or requests something; *E* is typical at the beginning of formal speech. However, Ito *et al.* argued that no listeners in their experiments reported any unnaturalness when original fillers in speech material were substituted with different types of fillers. It is not clear to what extent functions of different types of fillers actually differ. (WATANABE et al, 2006 p.1256 [Grifos meus])**

Os autores analisaram mostras do Corpus do Japonês Espontâneo correspondentes a produções linguísticas em gêneros orais públicos. O Gênero utilizado no experimento foi a exposição oral, em dois distintos níveis de formalidade, o primeiro correspondendo a comunicações acadêmicas realizadas em conferências por estudantes, e o segundo a breves apresentações feitas por voluntários a respeito de temas como “a experiência mais feliz de minha vida” ou “o bairro onde moro”.

Os resultados obtidos pelos pesquisadores demonstraram que os *fillers* *ano* e *sono*, que também funcionam referencialmente na função de adjetivo demonstrativo (*aquela* e *esse*, respectivamente) são os mais frequentes nas apresentações casuais. Já nas apresentações formais (acadêmicas), o filler “*e*” se observa como o que apresenta maior percentual de escolha. Quanto ao filler “*eto*”, notam que suas taxas de ocorrência são bastante baixas nos dois tipos de apresentação, o que poderia ser um indício de que se trata de um filler maiormente usado em outros gêneros orais que não a apresentação.

$$\frac{e}{\frac{ano + sono}{eto}}$$

Tabela 3: *Fillers* da língua japonesa

3.6.1 Aportes teóricos da Análise do Discurso

Os fenômeno descrito por Clark e Fox Tree como sendo próprios da “faixa 2” de comunicação, ou seja, as expressões de autorreferência da performance, no âmbito dos estudos na Análise do Discurso recebem outras denominações, como **fenômenos metadiscursivos**.

O Metadiscurso, é definido por Hyland (2005:1)¹⁵ da seguinte maneira.

Metadiscourse is a widely used term in current discourse analysis and language education, referring to an interesting, and relatively new, approach to conceptualizing interactions between text producers and their texts and between text producers and users. (HYLAND, 2005 p.1 [grifos meus])

Conforme a descrição de Hyland, é tanto possível que o metadiscurso se dê em relação à produção linguística do próprio falante quanto em relação à expectativa de recepção por parte do interlocutor.

No caso da língua japonesa, como visto na seção anterior, os *fillers* são selecionados de acordo com a orientação metadiscursiva implicada: se para o próprio produtor do texto usa-se “*eto*”, se para o usuário/interlocutor do texto, o usa-se “*ano*”. No primeiro caso, o filler pode ser interpretado como um signo referente a um estado mental do falante em que ele por si só procura resolver o problema da formulação de um enunciado ou expressão (foco do problema na forma), ou da elaboração de uma resposta (foco do problema no conteúdo). Porém, ao utilizar “ano”, homófono do demonstrativo equivalente a <<aquele>>, é possível a

¹⁵ Tomamos licença aqui para aplicar também à linguagem oral as considerações feitas pelo autor em relação à linguagem escrita.

interpretação de que o falante em sua busca abre a possibilidade de intervenção do interlocutor.

Ainda no âmbito dos estudos discursivos, Risso e Jubran (1998) definem o metadiscorso partindo da propriedade discursiva da “auto-reflexividade” :

[...] este se elabora focalizando-se a si mesmo, pela conjunção do que é dito com o ato de dizer. Por reportar o discurso ao ato de enunciação que o cria, auto-referenciando-se, o metadiscorso constitui-se simultaneamente como discurso e como glosa sobre o discurso (RISSO, JUBRAN, 1998).

3.6.2 Marcadores Metadiscursivos vs Marcadores Discursivos

No presente trabalho, o termo “metadiscursivo”, aplicado ao uso da palavra morfofonológica *este*, é por nós utilizado do mesmo modo como Martín-Butragueño se refere a um uso “não referencial”, em oposição a “referencial” – ou lexical, para Ferrara (2001). Contudo, em trabalhos como o de Martín-Zorraquino & Portolés (1999), o adjetivo metadiscursivo é empregado como especificador de um subconjunto da categoria marcador conversacional, que para os autores corresponde à modalidade oral do fenômeno da escrita denominado marcador discursivo.

Na literatura não há unicidade na forma de refir-se a estes fenômenos

Rost-Snichelotto (2008 p. 109) observa a grande quantidade de estudos relativamente recentes sobre a categoria de palavras/expressões passíveis de serem classificadas como “marcadores discursivos”, chamando a atenção para o fato de que recebem uma “*pulverização de rótulos, pois provêm de um universo de categorias*”.

Conforme nota a autora, trata-se de um fenômeno linguístico que recebe

[...] diferentes denominações: **cue phrases** (KNOTT; DALE, 1994), **discourse connectives** (BLAKEMORE, 1987, 1992), **discourse operators** (REDEKER, 1990, 1991), **discourse**

particles (SCHORUP, 1985), **discourse signaling devices** (POLANYI; SCHA, 1983), **phatic connectives** (BAZANELLA, 1990), **pragmatic connectives** (van DIJK, 1979; STUBBS, 1983), **pragmatic expressions** (ERMAN, 1992), **pragmatic formatives** (FRASER, 1987), **pragmatic markers** (FRASER, 1988, 1990; SCHIFFRIN, 1987), **pragmatic operators** (ARIEL, 1994), **pragmatic particles** (OSTMAN, 1995), **semantic conjuncts** (QUIRK et al., 1985), **sentence connectives** (HALLIDAY; HASAN, 1976). (ROST-SNICHELOTTO, p. 2008:109) .

Em relação aos marcadores discursivos da língua espanhola, conforme mencionamos, Martín-Zorraquino e Portolés (1999) utilizam a nomenclatura “*Marcadores Conversacionales*” para referir-se às manifestações do fenômeno na oralidade, e a subcategoria “metadiscursivo conversacional” para a classificação do objeto de estudo da presente investigação: a palavra morfológica *este*

Frente a *eh, este* no suele indicar acumulación de la información. Y de modo parecido a *eh*, si puede parecer un rasgo o señal de la búsqueda de la expresión adecuada, no es menos cierto que manifiesta notoriamente que el hablante no desea ceder su turno de habla, sino que quiere seguir hablando (MARTÍN-ZORRAQUINO; PORTOLÉS, 1999 p. 4199) .

Martín-Zorraquino y Portolés reconhecem em relação à partícula *este* uma função semelhante a que apresenta a vocalização “*eh*”, à qual se referem como estratégia de manutenção de turno de fala (1999:4199). É interessante notar que os autores identificam acúmulo de informação para a partícula “*eh*”, porém não para “*este*”. Sobre a primeira, afirmam que

La interjección *eh* se ajusta a las características de marcador metadiscursivo con más pertinencia [...] Al convertirse en un marcador metadiscursivo, *eh* pierde parte de su <<significado>> apelativo [...] si bien refleja

siempre un matiz de señalamiento hacia el oyente. Como estructurador de la conversación, *eh* es utilizada por el hablante para mantener el turno de palabra [...] ir ajustando la expresión a lo que quiere decir [al tiempo que [...] al oyente [...] apunta [...] como destinatario del mensaje) (MARTÍN-ZORRAQUINO ; PORTOLÉS, 1999:4199)

A descrição feita por Martín-Zorraquino & Portolés sobre as partículas metadiscursivas *eh* e *este* sugerem uma maior complexidade no funcionamento da primeira, que consiste em uma vocalização, e não em um significante pleno. Se matizes pragmáticos são acumulados no emprego de *eh*, conforme descrevem, *este*, por outro lado serviria apenas para “ *señalar que el hablante mantiene el turno de uso de la palabra* ” (1999 p. 4199).

Fazemos especial menção à como estes autores tratam a partícula pelo fato de que a partir de sua descrição para os marcadores discursivos muitos outros trabalhos a respeito do tema foram desenvolvidos no âmbito da linguística hispânica.

3.6.3 Estudos prévios acerca da palavra *este* com valor metadiscursivo

Dentre os trabalhos que tomam a classificação de Martín-Zorraquino e Portolés como ponto de partida encontra-se o de Dexy Galué (2002), sobre o espanhol falado na cidade de Caracas, na Venezuela:

- (31) Conozco gente que estudia en La Central, ¿no?// estee ///no sé // este → // me parece que loh // que- la-las personas que estudian en La Católica, ¿no? Este // se- son unas personas que son más inclinadas a- a ser menos protestatarias / este → [...] cabezas caliente → ,/ cualquiera de esos → / incluso son más sumisas// ¿no? Este →/ con todos estos problemas del- de- de- de la Constitución/

(GALUÉ, 2002 p. 42 [grifos meus])

Gaulé considera que a função do *este*

[...] metadiscursivo está orientada a **marcar las pausas** que realiza el hablante para pensar entre una secuencia y otra, y mantener así el hilo de su discurso; uso que revela claramente su función

como apoyatura comportándose como un **expletivo**. Si bien este marcador a menudo se lo considera como una muletilla, por lo cual **carece de significado**, también es cierto que llena una función en el discurso: ayuda a **procesar** y a **planificar el discurso**. (GALUÉ, 2002 p. 2 [grifos meus])

Chama a atenção e merece destaque o percentual de ocorrências do *este* metadiscursivo no total de ocorrência de itens analisados pela autora em função linguística de articulador do discurso:

Figura 5: Percentuais de ocorrência de 8 marcadores discursivos na fala de Caracas (GALUÉ, 2002 p. 44)

De acordo com gráfico apresentado na figura, o item metadiscursivo *este* é de longe o mais utilizado na fala de Caracas, aparecendo em 40/% dos casos em que se tem o emprego do que seria um marcador conversacional.

Quando atentamos para a descrição pragmático discursiva dos elementos metadiscursivos realizada por Galué, fica bastante evidente que o diferencial do marcador *este* em relação aos demais analisados não é apenas quantitativo, mas também qualitativo: ao contrário dos

demais marcadores, para os quais se identifica um significado apelativo (orientado ao interlocutor), ou valorativo (orientado ao conteúdo proposicional emitido pelo próprio falante ou pelo interlocutor), para o *este* metadiscursivo reconhece-se uma função que “*se limita al procesamiento continuo de la información, sin valor semántico alguno*”, “*actúa como estrategia de los hablantes para pensar*” (Galué, 2002, p. 42, 44).

De acordo com a análise da autora, portanto o *este* metadiscursivo da língua espanhola, classificado como marcador conversacional, possui características funcionais que nos permitem aproximá-lo de um prototípico *filler*.

Como exposto no título, o estudo de Galué (2002), “Marcadores Conversacionales: un analisis pragmático”, se trata de uma investigação analítica sobre os valores de uso envolvendo as ocorrências dos marcadores em um corpus oral transcrito. Cabe observarmos que apesar de o objeto de análise ser um produto da modalidade oral da língua espanhola, aspectos constitutivos do fenômeno em nível suprasegmental não são contemplados.

O nível supra-segmental no funcionamento dos marcadores discursivos é um aspecto abordado em um outro estudo sobre os marcadores discursivos no espanhol falado na Venezuela: o trabalho de Martinez. et al. (2003) intitulado “*Estudio fonético-sintáctico de algunos marcadores discursivos: propuesta de formalización para desambiguarlos automática o informaticamente*”. Neste estudo, os autores procuram identificar padrões acústicos que permitem distinguir de maneira automática uma palavra morfológica quando utilizada como marcador conversacional e quando não. São analisadas 4 palavras: *bueno* (adjetivo), *no* (advérbio de negação) *ahora* (advérbio de tempo), e *este* (adjetivo/pronome demonstrativo e substantivo).

Além de comparar as características acústicas das quatro palavras com ocorrências homófonas em função de marcador conversacional, os autores também comparam seu funcionamento sintático.

Faz-se necessário destacar que o tipo de análise sintática utilizado pelos autores não é o convencional adotado na literatura para a categoria marcador conversacional. Conforme observam os próprios autores:

Aunque parece cierto que los marcadores discursivos no forman parte de la predicación oracional, también nos resulta absolutamente necesario aclarar que suponemos que **sí forman parte de un sistema predicativo aunque éste no sea de carácter oracional.** (MARTINEZ et al, 2008, p 61[grifos meus]).

Portanto, quando os autores em sua análise fazem alusão ao conceito de predicado, não estão levando em consideração a noção apresentada no âmbito dos estudos gramaticais. Aliás, a definição de marcador discursivo diz justamente que

Los ‘marcadores del discurso’ [...] no ejercen una función sintáctica en el marco de la predicación oracional - son pues elementos marginales - y poseen un cometido coincidente en el discurso: el de guiar de acuerdo con sus propiedades morfosintácticas, semánticas y pragmáticas las inferencias que se realizan en la comunicación. (MARTÍN-ZORRAQUINO; PORTOLÉS, 1999, p. 4057)

Martinez et al não são alheios a esta definição, e ponderam junto ao leitor de seu artigo que “*Como se podrá observar en los antecedentes, la totalidad de los autores revisados coinciden en señalar que un marcador discursivo está fuera de la predicación oracional*”. (Martinez et al 2004, p. 61)

Os autores explicam que a noção de predicado por eles utilizada encontra-se, dentre outros, no trabalho de Harris (1991), “*A theory of language and information. A mathematical approach*”. Podemos, portanto, considerar que a noção de predicado utilizada por Martinez et al é muito mais próxima da que se apresenta na lógica matemática. Sua proposta de análise sintática vai ao encontro dos objetivos de seu trabalho

esta investigación pretende ir encaminada hacia una propuesta de formalización que

posteriormente permita utilizar autómatas finitos deterministas y algoritmos de intersección entre ellos para desambiguar automáticamente dichos marcadores. (MARTINEZ et al 2004, p. 59)

Chama a atenção na análise de Martinez et al o fato de que novamente o item morfofonológico *este*, quando não em função adjetiva ou pronominal, apresenta um funcionamento distinto dos demais marcadores por eles estudados.

Con respecto a este marcador ocurre algo bastante particular: no hemos podido incluirlo dentro de una estructura predicativa, es decir, no es ni un predicado ni un argumento de algún predicado; desde el punto de vista metodológico utilizado en esta investigación, este hecho sugiere que **quizá no pueda ser tratado (a fines formales) como un marcador discursivo sino tan sólo como una pausa llena** (son necesarios más estudios para poderllegar a una conclusión). (MARTÍNEZ et al 2003 p. 12 [Grifos meus])

No que diz respeito às características acústicas da palavra, de acordo com sua análise

Este marcador, en promedio, presenta un descenso en la curva del fundamental de 9.8 Hz. en el 100% de los casos. Dicho descenso siempre va acompañado por un alargamiento vocálico de la última sílaba el cual, en promedio, dura alrededor de 0.46 seg, duración que hace que el marcador se diferencie de los homófonos sustantivo, adjetivo demostrativo y pronombre (MARTÍNEZ et al 2003, p. 12).

Martín-Butragueño (2003, p. 1), em seu trabalho intitulado “Hacia una descripción prosódica de los marcadores discursivos - datos del español de Mejico ” também contempla a classificação de Martín-Zorraquino e Portolés (1999). Em relação aos marcadores de um modo geral, o autor considera que ***porque su significado no es referencial o denotador, sino que tiene que ver con el***

procesamiento, presentan propiedades interesantes en relación con la entonación (Butragueño, 2002:376) (grifos meus).

No que concerne ao item metadiscursivo *este* no corpus por ele analisado, o autor nota que

En los datos orales es frecuente la aparición de *este*. Su valor es metadiscursivo, sirve para señalar que el hablante mantiene o no quiere ceder el turno de habla, **y no suele indicar acumulación de información**, sino en todo caso búsqueda de la expresión adecuada. No hay reducción fónica, pero sí alargamiento de la última sílaba (en el 0.454 de los casos), en apariencia más larga cuanto más se quiere conservar el turno. (MARTÍN-BUTRAGUEÑO, 2002, p. 397 [grifo meu])

No trecho acima, dentre as considerações de Martín-Butragueño a respeito do item metadiscursivo *este*, destacamos a observação de que se trata de um elemento que **não costuma indicar um acúmulo de informação**, o que nos permite entender que em alguns casos é sim possível notar o referido acúmulo.

Embora o autor não faça referência a nenhum caso em que se tenha o acúmulo mencionado de maneira explícita, um dos exemplos¹⁶ de seu corpus sugerem a ocorrência do fenômeno, Vejamos.

(32) [los doctores] [este me dicen] [que debo de caminar una hora] (EM , CD 1-6-04:23)
|
L*+H

(MARTÍN-BUTRAGUEÑO, 2003, p. 396)

O tom identificado pelo autor no exemplo acima é “L*+H” (Baixo [tônico] + Alto), tendo-se, para todos os efeitos, uma direção melódica ascendente.

Conforme mencionamos anteriormente , para Martinez et al (2004), o item metadiscursivo “*este, en promedio, presenta un descenso en la curva del fundamental de 9.8 Hz. en el 100% de los casos*”(p.12), ou seja, a direção melódica implicada é descendente. Cabe destacar que

¹⁶ De todos os exemplos do funcionamento não referencial de este apresentados pelo autor, este é, aliás, o único que conta com descrição tonal.

para os mesmos autores, *este* é identificado não como um autêntico marcador discursivo, mas como um som preenchedor de pausa.

Esta diferença entre as análises de Martinez et al (2004) e Martín-Butragueño (2003) podem corresponder não apenas a uma variedade dialetal entre o espanhol falado na Venezuela e no México, respectivamente, mas podem ser indícios da existência de dois itens metadiscursivos com a forma morfofonológica *este*: um *filler* e um marcador.

Como veremos mais adiante, na seção Resultados, na presente investigação analisamos os parâmetros duração e variação tonal em 367 amostras de ocorrências metadiscursivas da palavra *este* em falas do espanhol do México.

4. Metodologia

O procedimento primário da investigação foi a escolha do site norte americano de compartilhamento de vídeos YouTube como fonte de dados. O tratamento dado a cada vídeo selecionado é descrito em detalhes mais adiante na seção Constituição do Corpus. A seguir discorreremos sobre como foi selecionado o material de análise.

4.1 Critérios de seleção das fontes

Em um primeiro momento, estabeleceu-se como critério que seriam selecionados vídeos de esportistas abordados imediatamente “recém saídos” de uma performance, como por exemplo as breves entrevistas feitas a corredores imediatamente após a cruzarem a linha de chegada. Neste tipo de situação são recorrentes na fala as chamadas pausas de respiração (MOYANO; CALDIZ; GNECCO, 20013, p. 3), que são involuntárias e atendem a uma necessidade fisiológica, mas paralelamente, como é de se esperar em qualquer fala espontânea [fala que não corresponde à leitura de um texto escrito], também se verificam outros tipos de disfluência. Uma vez que uma maior incidência de pausas fisiológicas na fala não implica que necessariamente seja também maior o número de disfluências em geral, foi suprimida a restrição inicial quanto ao vídeo coletado apresentar uma fala “pós performance atlética”. Passaram, então a ser igualmente catalogados vídeos de esportistas em entrevistas de estúdio, ou mesmo entrevistas a indivíduos de alguma forma relacionados ao mundo dos esportes, como patrocinadores. Também passaram a ser consideradas as falas dos entrevistadores, que no caso de alguns vídeos em particular apresentaram tantas disfluências como a dos entrevistados.

A rigor, portanto, um dos critérios que delimita o corpus constituído é a macro-temática que orienta todas as conversações coletadas: um esporte, visto de diferentes pontos de vista (econômico, cultural, físico, etc...)

Outro critério é a região dialetal do espanhol escolhida. A princípio os vídeos coletados provinham dos meios de comunicação de diferentes países hispano-falantes, como a Colômbia, a Argentina, o Peru e o México. Para contornar possíveis dificuldades no

tratamento dos dados, oriundas da heterogeneidade das variedades de espanhol que compunham o corpus, optamos por considerar apenas as mostras da variedade mexicana, uma opção arbitrária.

Cabe observar que não obstante a opção por vídeos gravados em uma dada região geográfica hispano-falante, a seleção de entrevistas realizadas nos meios de comunicação mexicanos por si só não garantiu a homogeneidade dialetal esperada. Por vezes, deparamo-nos com casos em que se pode notar uma alteridade sensível entre as variedades faladas pelo entrevistado e o entrevistador. Quando constatado que se tratava de uma entrevista com uma personalidade do esporte de outro país hispano, as falas do entrevistado(a) foram desconsideradas, sendo mantidas apenas as falas do entrevistador(a).

Finalmente, o terceiro critério de seleção de um vídeo para a compilação do corpus foi a constatação de que nele se encontrasse ao menos uma mostra de ocorrência da palavra morfológica *este* com valor metadiscursivo. Não se dando esta condição, o vídeo foi descartado da coleção, não se levando em consideração uma entrevista em que apenas o uso referencial de *este* (adjetivo/pronome) fosse observado.

A opção pela seleção de vídeos que, primordialmente, contivessem ocorrências metadiscursivas de “*este*” se deve ao objetivo geral da pesquisa: investigar a existência de regularidades e irregularidades nas características acústicas do *este* metadiscursivo da língua espanhola tendo como parâmetro de análise as características acústicas do *este* referencial. Por esta razão julgamos que as proporções entre o número de ocorrências de *este* referencial e *este* metadiscursivo seriam satisfatórias em uma razão de aproximadamente 1 para 3, respectivamente.

Como exposto anteriormente, nossa hipótese é a de que encontrando-se irregularidades acústicas entre mostras de uso metadiscursivo de *este*, podem-se encontrar regularidades dentro das irregularidades, isto é pode-se reconhecer a existência de diferentes padrões acústicos próprios da utilização do *este* metadiscursivo do espanhol, que seriam uma espécie de significante, um correlato físico de uma situação de uso, ou significado pragmático.

Na seção *Pressupostos Teóricos* apresentamos o quadro dos possíveis significados pragmáticos já identificados para um *filler*, sobre o qual discorrem Clark e Fox Tree (2002, p.90-91). Com o objetivo de adequar as categorias descritas pelos autores para a análise das ocorrências de *este* que observamos, foram operadas simplificações sobre o quadro original,

as quais ocorreram em duas etapas. Na primeira etapa, das 16 categorias iniciais foram obtidas 7. Abaixo enumeramos as sete classificações resultantes, indicando a(s) categoria(s) de origem – de (a) a (p) [Vide seção Pressupostos Teóricos, pags 32-33] – apresentadas por Clark e Fox Tree (2002, p 90-91) :

- 1) **Seleção** (Léxica ou estrutural) – de acordo com as classificações (a), (b), (o)
- 2) **Valoração** – seguindo os critérios de classificação (c) e (d)
- 3) **Sustentação** [fática] – de acordo com (e) e (f)
- 4) **Cessão** – seguindo as classificações (g), (h), (i), (j)
- 5) **Requisição** – de acordo com (k)
- 6) **Mitigação** – uma proposta de síntese entre (l) e (p)
- 7) **Avaliação** – síntese das classificações (m) e (n) .

A simplificação operada sobre as classificações (a) – (p) foi feita em função da quantidade de trechos de fala analisados (367 mostras); ponderamos que a realização de análises estatísticas expressivas requeria um quadro de categorias semântico- pragmáticas que fosse o mais sintético possível. Posteriormente, mediante uma análise das ocorrências metadiscursivas de *este* no corpus, as sete categorias foram reduzidas a três¹⁷:

- Seleccionador
- Estruturador
- Focalizador

A categoria **seleccionador** serviu para classificar os casos em que o fato de o falante protelar a pronúncia de uma palavra isolada ou enunciado parece dever-se a uma busca pelo melhor termo ou pela melhor forma de apresentar uma ideia, quer seja do ponto de vista sintático ou estilístico.

Esta classificação foi atribuída a todos os casos em que o falante aparentasse hesitar não em decorrência de um trabalho de “encaminhamento discursivo”, nestes casos o caminho já estaria bem delimitado, e o que faltaria seria uma espécie de “cromatização dos trechos a serem percorridos”.

17 Após o estabelecimento da distinção entre as categorias seleccionador e estruturador deparamo-nos com a referência feita por Watanabe (2003) – vide “ Pressupostos Teóricos” – sobre o trabalho de Sadanobu and Takubo (1995), no qual os autores reconhecem um contraste entre os usos de *eeto* e *ano*, respectivamente, bastante semelhante ao das duas categorias por nós propostas.

Tomemos o seguinte exemplo, retirado de nosso corpus de análise:

[...]A los últimos días antes de irnos estamos, este... muy cansadas [...]

Fonte: Regresa a Coatzacoalcos bina medallista de oro en voleibol de playa de la olimpiada nacional – YouTube (1min4seg-1min8seg)

No trecho de fala acima a entrevistada hesita com o *filler* “*este*” antes de escolher o vocábulo que descreve o estado físico dela e das companheiras de equipe em um momento pré-viagem. A combinação “advérbio de intensidade+adjetivo” parece ser o conteúdo exclusivo sob o escopo do *filler* anteriormente pronunciado, o fato de neste caso a partícula cindir ao meio uma sentença copulativa poderia ser uma evidência em favor de nossa hipótese: a expressão de uma forma do verbo *estar* aponta no caminho do relato sobre as condições físicas do grupo. Traçado o caminho, a tarefa de enunciação do estado a ser mencionado é sinalizada pela emissão do *filler* que antecipa a escolha do sintagma adjetival por fim proferido. Entendemos que se trata de uma necessidade de escolha pontual em uma espécie de “trajeto cognitivo” maior, já definido.

Quanto à categoria **estruturador**, serviu à classificação dos casos em que o falante parece protelar muito mais pela necessidade de atender à demanda comunicativa em si – paralelamente ao que ocorre quando se tem expressões de função fática – do que por estar buscando uma determinada forma em particular, independentemente de este labor também vincular-se ao momento de parada no fluxo discursivo. Por exemplo:

[...] Creo que seríamos la primera y única escuela que iria por el tricampeonato nacional, este...pues ha sido parte fundamental para que esto se esté dando.

Fonte: Veracruz obtuvo medalla de plata en el torneo de voleibol de sala femenino – YouTube (1min21seg-1min25seg)

O excerto de entrevista acima traz um uso do *filler* “*este*” bastante interessante: o entrevistado, após a pronúncia da partícula, retoma um tópico discursivo anterior mudando a linha de raciocínio que até então vinha sendo desenvolvida. Neste caso, diferentemente do que ocorria no exemplo anterior, o *filler* não é utilizado em substituição a um item determinado da sequência discursiva, antes parece atrelado a toda a sequência em si.

Finalmente, a categoria **focalizador** foi utilizada para a classificação dos casos em que a expressão da palavra *este* não parece dever-se nem a uma busca pela melhor forma

propriamente dita, nem ao cumprimento de uma “função fática reversa”. Nestes casos, *este* aparentemente figura no enunciado de maneira muito semelhante à dos marcadores discursivos. Vejamos o exemplo abaixo:

Y mi papá en el otro o algo así, ya llegaron después, y *este*, y la muchacha así como que, pues ya vayanse... (risos)

Fonte: Alexa, Antes y después de Río 2da parte – YouTube (40seg-47seg)

No excerto de fala acima a entrevistada utiliza a partícula *este* como espécie de concatenador das duas sequências narrativas do trecho do relato considerado, a saber a menção do fato de que seu pai se encontrava “en el otro” recinto, e logo à atitude de “la muchacha” responsável pela ordem do lugar em questão, atitude que a entrevistada procura descrever por meio da expressão “así como que ‘pues ya vayanse’”. É necessário observar que neste exemplo a pronúncia da partícula “*este*” se realiza sem qualquer pausa em relação ao restante do enunciado, (nem à parte antecedente, nem à subsequente). Consideramos que neste caso funciona de maneira semelhante a um marcador discursivo, embora a interpretação pragmática exata não tenha sido nomeada. O rótulo **focalizador** foi então empregado para reunir este e outros exemplos similares, em que o emprego do *filler* não parecesse corresponder a um tempo de parada para a articulação discursiva. É possível que o termo “**partícula de progressão textual**” fosse aplicável à fala da ginasta Alexa que estamos considerando, contudo para englobar outros exemplos que escaparam às classificações selecionador/estruturador, que se mostraram as mais numerosas, e assim facilitar as análises estatísticas, todas as ocorrências de este não categorizáveis em termo de seleção e/ou estruturação foram mantidas sob um mesmo rótulo focalizador, utilizado aqui como um mero rótulo, e que não corresponde necessariamente ao fenômeno “pragma-prosódico” de focalização ou ênfase.

4.2 Da constituição do corpus

A coleta de vídeos no YouTube foi inicialmente realizada com o nome de práticas esportivas funcionando como chave de busca. Como resultado, num primeiro momento foram

encontradas entrevistas realizadas em diferentes países de língua espanhola, e consequentemente obteve-se um corpus inicial bastante heterogêneo. Ao optar-se pela variedade mexicana para a observação do fenômeno em análise, a chave de busca utilizado no *website* passou a ser o nome de algum esportista mexicano presente em algum vídeo do primeiro conjunto, ou o nome de um esporte adicionado à raiz 'mexic-'. Uma vez encontrado um determinado vídeo, sua seleção, além de atender ao critério possuir ocorrência metadiscursiva, também foi em grande medida influenciada pelas condições materiais do áudio a ser analisado, sendo descartados os vídeos apresentando sobreposição de vozes, ruídos de fundo, ou fundo musical, sobretudo durante o trecho de fala contendo a pronúncia da palavra *este*, o que poderia interferir na análise acústica feita pelo software utilizado. Por esta razão a compilação do corpus foi gradual, resultando num total de 140 vídeos coletados, cuja extensão varia entre 1 e 25 minutos (vide Anexos).

Após o reconhecimento de cada um, e após a constatação de trechos de fala contendo as ocorrências de *este* procuradas, procedemos à extração do sinal sonoro e segmentação (recorte) dos trechos de interesse.

4.3 Utilização do *Audacity*

Com o auxílio do software *Audacity* 2.1.3 os arquivos em formato mp4 (vídeo) selecionados foram convertidos em arquivos de formato mp3 (áudio). Ainda utilizando-se o *Audacity* como instrumento, os áudios correspondentes às entrevistas foram segmentados em trechos, cada um dos quais contendo pelo menos uma ocorrência de *este*, seja em uso referencial ou metadiscursivo.

Figura 6: Imagem do video *Cristina Guevara - Vidas Extraordinarias* - You Tube duração 24min01seg

Figura 7: Interface gráfica do Software *Audacity*

As duas linhas sinusoidais em azul na representação acima correspondem às ondas sonoras (estéreo)¹⁸ do video *Cristina Guevara - Vidas Extraordinarias* You Tube (URL

¹⁸ No corpus também se encontram videos gravados com audio monofônico.

<https://www.youtube.com/watch?v=oaH6myif4Oo>). Uma vez aberto o arquivo em mp4, e realizada a escuta do áudio correspondente, o trecho de ocorrência da palavra foi selecionado com a ajuda da ferramenta de aproximação. O procedimento é ilustrado abaixo:

Figura 8: Captura de intervalo sonoro com a interface gráfica do *Audacity*

Conforme discutido na seção “Pressupostos Teóricos”, no âmbito dos estudos da língua falada o tratamento conjunto dos níveis segmental e suprasegmental costuma trazer consigo a problemática da segmentação em unidades; a este respeito, na atualidade, a literatura especializada não apresenta nenhuma solução única e definitiva (Cabedo 2009).

No presente trabalho, a segmentação dos áudios em trechos atendeu a diferentes critérios a depender da identificação prévia da ocorrência da palavra morfológica *este* enquanto elemento de valor referencial ou metadiscursivo.

Nos casos em que *este* foi identificado como item referencial, o critério de segmentação foi primordialmente sintático, sendo o trecho selecionado ou equivalente ao sintagma de inserção de *este* ou a uma unidade sintática hierarquicamente superior (e portanto, mais extensa) na qual o sintagma em questão estivesse contido.

Já nos casos em que a segmentação dos áudios envolvia uma ocorrência de *este* metadiscursivo, dois foram os critérios norteadores:

- A inserção de *este* em um trecho de fala semanticamente interpretável;
- A manutenção de *este* em uma unidade prosódica¹⁹.

Em aproximadamente 25% dos áudios analisados ambos os tipos de ocorrência de *este* foram verificados.

Em alguns áudios inclusive os dois tipos de ocorrência encontraram-se em uma mesma fala do entrevistador ou do entrevistado, como no trecho abaixo transcrito:

(33) Eh... ¿Qué nos puedes decir... **este**... de lo que te encuentras haciendo en **este** momento?

(Benjamin Paredes em *Feria Deportiva Maratón Lala 2014* - YouTube – 2min42seg 2min47seg (URL: <https://www.youtube.com/watch?v=dD6u8mRTqSA>))

Para um enunciado como o exemplificado acima, em que se apresentam os dois usos da palavra morfológica *este* (metadiscursivo e referencial, respectivamente), inicialmente poderíamos considerar as seguintes possibilidades de segmentação:

Uso metadiscursivo	Uso referencial
Qué nos puedes decir... <i>este</i> ... de lo que te encuentras haciendo en <i>este</i> momento?	de lo que te encuentras haciendo en <i>este</i> momento?
Qué nos puedes decir... <i>este</i> ... de lo que te encuentras haciendo	te encuentras haciendo en <i>este</i> momento?
	en <i>este</i> momento?

Tabela 4: Exemplos de possíveis segmentações de trecho de fala

Conforme já mencionado, no caso dos adjetivos /pronomes a seleção dos trechos foi feita com o critério sintático como sendo o principal, contudo em todos os casos procuramos selecionar trechos correspondentes a unidades de entoação e de informação. Com este procedimento, dada uma fala qualquer, procuramos garantir que as margens de um trecho recortado coincidissem, à esquerda, com um instante antes do qual se encerra tanto uma unidade informacional (ou sub constituinte de informação) quanto uma unidade rítmica, e à direita com outro instante similar. Com a segmentação tentamos capturar uma espécie de

19 No momento da segmentação a interpretação das fronteiras entre unidades foi impressionística.

marcação rítmica entre o pensamento e articulação de enunciados. O custo de uma segmentação que atendesse simultaneamente aos dois critérios mencionados foi a grande variabilidade na extensão dos trechos selecionados. Os excertos de áudio que constituem o corpus apresentam de dois a nove segundos de duração.

No momento da segmentação, os arquivos de áudio foram nomeados, ou de acordo com o intervalo de sua extensão, ou do intervalo de localização no vídeo do qual foram extraídos. Assim, por exemplo um trecho de fala tomado do vídeo *Entrevista Pamela Verboonen, surfista Mexicana - 7min6seg* (URL <https://www.youtube.com/watch?v=ur-guXdTCdE>), que ocorre entre 6 minuto e 51 segundos e 6 minutos e 53 segundos, pôde receber uma das seguintes etiquetas:

1s_3s_Entrevista Pamela Verboonen, surfista Mexicana – YouTube
ou
6m51s_6m53s_Entrevista Pamela Verboonen, surfista Mexicana – YouTube

Uma vez realizada a segmentação, cada trecho em formato mp3 obtido foi acusticamente analisado por meio do software *Speech Filing System*. Mais especificamente, com o software foram verificados os valores correspondentes aos parâmetros F0 (Frequência Fundamental) e Intensidade do trecho considerado.

Após geradas as listas com os valores de F0 e intensidade de um dado trecho, nelas foram identificados os instantes correspondentes ao intervalo de pronúncia da palavra morfológica *este*, o que também foi feito por meio do *Speech Filing System*, utilizando-se a ferramenta de transcrição.

Figura 9: Intervalo de pronúncia da palavra *este* localizado pelo Speech Filing System

Em posse das três informações fornecidas pelo *Speech Filing System* (valores de F0 e de intensidade do trecho de fala, e identificação do intervalo de localização da pronúncia da palavra *este*) procedeu-se com o tratamento dos dados pela rotina *Expresódia*.

Uma dificuldade encontrada no momento em que os dados foram transportados para a rotina *Expresódia* foi a manutenção da informação a respeito do intervalo de ocorrência da palavra morfológica *este* dentro dos trechos. De iniciais 530 trechos analisados, em apenas 459 a referida informação se manteve. Esta diferença de, aproximadamente, -15%, na constituição final do corpus foi ocasionada por incompatibilidades entre valores de frequência fundamental, duração e intensidade presentes no referido percentual de excertos de áudio e as configurações da rotina *Expresódia*, programada²⁰ para detectar porções do continuum da fala passíveis de serem definidas como unidades entocionais:

Três parâmetros são considerados para essa definição: frequência maior do que 50 Hz e menor do que 700 Hz; intensidade maior do que zero e, garantidos os critérios anteriores, duração maior do que 20 ms. (FERREIRA NETTO et al. , 2016 p. 12)

²⁰ Conforme esclarecido pelo autor, o usuário pode modificar os valores estabelecidos no programa, o que viabiliza a revisão dos dados desconsiderados em investigações futuras.

Estas porções do continuum da fala, às quais nos referimos, correspondem às unidades chamadas UBIs no projeto Exprosódia. O empecilho encontrado para a análise de determinados áudios do corpus deveu-se a uma não correspondência entre o instante de ocorrência de uma UBI e o instante de articulação dos segmentos equivalentes à palavra morfológica *este*. Em outros termos, a rotina Exprosódia não reteve a informação da localização da palavra no trecho toda vez que esta não atendia aos critérios previamente estabelecidos para a classificação de uma unidade rítmica.

Nos casos em que a informação se manteve, foi catalogada a planilha gerada em Excel pelo Exprosódia, contendo as informações referentes aos parâmetros frequência, intensidade e duração. A planilha, correspondente a um determinado arquivo em formato mp3, e de mesmo nome, foi então etiquetada de acordo com a função linguística identificada na ocorrência da palavra *este*, e com o sexo do falante. Nos casos em que se reconheceu a função referencial (adjetiva/pronominal), a planilha recebeu em seu nome a palavra “este”, seguida de um traço baixo (‘-’ ou ‘_’), da abreviação “adj”, e da abreviação “masc” (para masculino), ou “fem” (para feminino). Desta forma, a um dado arquivo de áudio em mp3, nomeado como

1m25s_1m29s_Once Norticias- Debuta con triunfo Paola Longoria en racquetbol – YouTube

Corresponde outro arquivo de extensão xls (Excel), chamado:

Este_adj_fem_1m25s_1m29s_Once Norticias- Debuta con triunfo Paola Longoria en racquetbol - YouTube

Nos casos em que se identificou função metadiscursiva para a palavra morfológica *este* a etiquetagem das planilhas foi similar, a palavra “Este”, seguida de um traço baixo (‘-’ ou ‘_’), da classificação metadiscursiva na mostra analisada - isto é, selecionador, estruturador, focalizador -, das abreviações “masc” ou “fem” (“fala masculina”, “fala feminina”) e algum comentário adicional atinente à ocorrência.

Um arquivo de áudio com o nome

2m27s_2m31s_Entrevista con Paola Espinosa Control Técnico de Clavados 2015 – YouTube

tem os valores referentes a seus parâmetros acústicos contidos na planilha correspondente etiquetada como

Este_estruturador_fem_-2m27s_2m31s_Entrevista con Paola Espinosa Control Técnico de Clavados 2015 - YouTube

	Z	AA	AB	AC	AD	AE	AF	AG	AH	AI	AJ	AK
		FO de UBI	TM de UBI	TM sup	TM inf	TM Fin	TM F/Epos	TM F/Eneg	Frame inicial	Frame Final	Intra Frames	Inter Frames
1		249,647058824	249,647058824				0		13	29	17	
2		246,222222222	247,934640523	297,08	198,132586368	166,431372549	0	0	49	75	27	20
3		238,615384615	244,828221887	295,042222222	196,773524225	165,289760349	0	0	89	101	13	14
4		249,5	245,996166415	291,345584046	194,308112609	163,218814591	0	0	114	125	12	13
5		239,235294118	244,643991956	292,735438034	195,235052711	163,997444277	0	0	134	150	17	9
6		232,6	242,636659963	291,126350427	194,161898378	163,095994637	0	0	155	174	20	5
7		242,363636364	242,597656592	288,737625356	192,568777749	161,757773309	0	0	184	194	11	10
8		237,204081633	241,923459722	288,691211344	192,537822692	161,731771061	0	0	207	255	49	13
9		273,322580645	245,412250936	287,888917069	192,002745811	161,282306481	0	0	259	289	31	4
10		238,218181818	244,692844024	292,040578613	194,771627727	163,60816729	0	0	391	445	55	102
11	este	236,862068966	243,980955382	291,184448438	194,20066996	163,128562683	0	0	491	519	29	46
12	este	219,714285714	241,95873291	290,337336905	193,635678875	162,653970255	0	0	560	573	14	41
13	este	261,742424242	243,48055532	287,930892163	192,030740405	161,30582194	0	0	579	644	66	6
14		258,458333333	244,550396607	289,741860831	193,238535968	162,320370213	0	0	646	669	24	2
15		253,257142857	245,130846357	291,014971962	194,087616355	163,03597738	0	0	681	715	35	12
16		237,384615385	244,646706921	291,705707165	194,548290759	163,420564238	0	0	726	738	13	11
17		246,166666667	244,736116318	291,129581236	194,164053112	163,097804614	0	0	753	782	30	15
18		231,256410256	243,987243759	291,235978418	194,235012951	163,157410879	0	0	793	831	39	11
19		240,954545455	243,827628059	290,344820073	193,64066965	162,658162506	0	0	833	854	22	2
20		241,047619048	243,688627608	290,15487739	193,513990523	162,551752039	0	0	869	889	21	15
21				289,989466854	193,403672705	162,459085072						

Figura 10: Planilha com valores de F0, duração e intensidade em fala com ocorrência de este

Na planilha acima representada, a palavra *este* é apresentada na coluna Z, linhas 11, 12 e 13. Nas mesmas linhas, os valores equivalentes à frequência fundamental, duração e intensidade de sua pronúncia aparecem nas colunas subsequentes. Com a extração destes valores, realizamos os cálculos estatísticos apresentados nos Resultados desta investigação.

Das 459 ocorrências de *este* integralmente analisadas pelo Exprosódia, e que constituem a totalidade do corpus, 92 consistem em usos referenciais (adjetivo/pronome) e 367 em usos metadiscursivos.

4.4 Imprecisão de valores absolutos

Todas as ocorrências da palavra morfológica *este* tiveram seus valores de frequência fundamental e duração mensurados. Entretanto os valores absolutos inicialmente considerados mostraram-se pouco produtores para uma análise estatística. O motivo para a inviabilidade de uma análise com os valores absolutos é a heterogeneidade das mostras de fala: algumas são masculinas, outras femininas, dentro de cada um dos grupos há registros de voz mais graves, outros mais agudos, além do que cada falante apresenta um ritmo de fala particular. Estes fatores impossibilitaram que se tabulassem os valores de F0 e de duração de tais como fornecidos pelo *Speech Filling System* e pelo *Exprosódia*. Para ambos os parâmetros adotamos medidas de valor relativo, de maneira que se pudesse efetuar uma comparação entre os dados das diferentes mostras.

A solução encontrada, no caso da altura de voz (frequência fundamental) foi considerar os valores de F0 de *este* produzidos por um determinado falante, em uma dada mostra de fala em relação a outras medidas de frequência referentes à mesma mostra, a saber: o tom médio superior, o tom médio central (ou simplesmente, tom médio) o tom médio inferior e o tom médio de finalização.

A seguir realizamos uma breve descrição de como os referidos valores são obtidos pelo programa *Exprosódia*.

4.5 O programa *Exprosódia*: medidas de Tom Médio

O Tom Médio (TM) empregado por um determinado falante, em uma dada amostra de fala, e em um enunciado específico, pode ser definido nos termos de Ferreira Netto et al (2016 p. 10) como "uma frequência relativamente estável [...] que se repete nos momentos $Z(t)$ mensurados de F0". Conforme o autor descreve:

TM é a tendência central dos valores válidos de F0 calculada como a média aritmética acumulada no tempo. Os valores válidos mensurados são os momentos de F0 que cumprem as restrições de altura, intensidade e duração [...] chamadas de UBI (Unit of Base of Intonation) [...] (FERREIRA NETTO et al, 2016 p. 10)

As restrições de altura, intensidade e duração às quais faz menção o autor corresponde aos valores anteriormente mencionados para a identificação de uma UBI: “frequência > 50 Hz e < 700 Hz; intensidade suficiente para ser percebida e, garantidos os critérios anteriores, duração maior do que 20 ms” (Ferreira Netto et al, 2016:106).

A partir da medida do tom médio, são calculadas as medidas do tom médio superior, (correspondente a 3 semitons acima), do tom médio inferior (4 semitons abaixo), e do tom de finalização frasal (7 semitons abaixo), o que é feito em escala MIDI.

Uma vez em posse destas medidas de tom médio, as medidas absolutas de F0 da palavra *este* foram classificadas de acordo com 5 intervalos de altura relativos: mais alto que o Tom Médio Superior; simultaneamente mais baixo que o Tom Médio Superior e mais alto que o Tom Médio Central; mais baixo que o Tom Médio Central e ao mesmo tempo mais alto que o Tom Médio Inferior; mais baixo que o Tom Médio Inferior e ao mesmo tempo mais alto que o Tom de Finalização.

Posteriormente, em decorrência da pequena taxa de ocorrência de *este* em função adjetiva e para facilitar a análise estatística, os dois últimos intervalos foram fusionados em um único equivalente a qualquer altura abaixo do Tom Médio Inferior. A tabela abaixo ilustra as classificações referentes ao parâmetro altura que foram utilizadas.

Intervalo	Altura relativa
I	Acima do Tom Médio Superior
II	Entre o Tom Médio Superior e o Tom Médio Central
III	Entre o Tom Médio Central e o Tom Médio Inferior
IV	Abaixo do Tom Médio Inferior

Tabela 5: As quatro faixas tonais definidas para a análise de *este*

No que diz respeito ao parâmetro duração, as medidas absolutas de extensão temporal em milissegundos nos segmentos de cada ocorrência da palavra *este* foram consideradas em relação a duração média de segmentos circundantes, posteriores e/ou anteriores à mesma dentro do trecho analisado.

Os valores referentes à duração interna e externa das UBIs correspondentes à palavra *este*, expostos nas colunas AJ e AK da planilha criada pelo Expresódia, foram comparados aos

demais valores apresentados nas mesmas colunas – referentes às unidades entoacionais dos outros vocábulos presentes no trecho de fala em análise –, o que foi feito por meio da ferramenta de *teste Z* do editor Excel. O teste foi realizado após ter-se efetuado o comando “Realizar avaliação interna da UBI” no Exprosódia.

O teste Z é um teste estatístico cuja resposta obtida é o percentual probabilístico de que um evento seja aleatório em meio a outros eventos. No caso considerado, o evento consiste nas proporções encontradas na extensão dos segmentos de *este* frente às proporções dos segmentos de outras palavras no excerto de ocorrência.

Figura 11: Curva normal obtida com teste Z

A resposta obtida com o teste é um número cujos valores variam de 0 a 1, sendo as margens 0,5 e 0,95 os limites de normalidade de um evento, isto é: todo e qualquer evento cuja probabilidade de ocorrência seja menor que 0,5 e maior que 0,95 não se encontra dentro da curva normal, ou dentro do esperado, devendo ser analisado como um dado relevante.

Na figura acima, a localização deste tipo de evento se encontra nas bordas da linha curva, de maneira que se a imaginássemos como uma montanha, os dados expressivos seriam aqueles junto à sua base, localizados nos pequenos intervalos em que a linha ainda não adquiriu verticalidade, ou em que deixou de apresentar verticalidade.

Tendo o objetivo de verificar se, dada uma ocorrência qualquer de *este*, a palavra deveria ou não ser entendida como articulada com alongamento, apenas o limite 0,95 foi utilizado em nosso teste [a margem 0,5 serviria para a identificação de segmentos com duração menor que a média no trecho]. Assim, foram computadas como articulações alongadas as ocorrências que submetidas ao teste devolveram um valor superior ao do limite ($> 0,95$). Abaixo, as classificações de *este* no tocante ao parâmetro duração.

Duração	Teste Z
Neutra	< ou = 0,95
Estendida	> 0,95

Tabela 6: Valores determinantes da extensão relativa de *este*

Conforme observamos acima, com a realização do teste Z para a determinar a medida de duração de um segmento leva-se em conta o ritmo de fala particular do indivíduo, o qual consideramos constante, ou seja, **não variável**, seja em um intervalo de tempo de 3 ou de 7 segundos.

5. Resultados

Conforme observado na seção “Metodologia”, as mostras da palavra morfológica *este* em função discursiva referencial (adjetivo/ pronome demonstrativo) foram coletadas com o objetivo de que servissem como grupo de controle na análise acústica das mostras de *este* em função metadiscursiva, razão pela qual o primeiro grupo de mostras é composto por um menor número de elementos. Para a realização da análise estatística, as ocorrências de uso referencial e metadiscursivo da palavra foram contabilizadas em percentuais.

5.1 *Este* referencial vs. *este* metadiscursivo: diferenças no parâmetro duração

A tabela abaixo ilustra a distribuição dos dados de acordo com a duração e função linguística da palavra em estudo:

Dados obtidos

	Estendido	Neutro	Total
Referencial	41	51	92
Metadiscursivo	224	143	367
Total	265	194	459

Tabela 7: Duração de *este* em função referencial e metadiscursiva

Submetidos o Teste Quiquadrado de contingência²¹, os números acima remetem à seguinte distribuição de dados esperados:

²¹Teste QuiQuadrado de contingência definido por duas variáveis: a função linguística da palavra e sua extensão segmental.

Dados Esperados (Relativos)

		Estendido	Neutro
Dados esperados	Referencial	53,12	38,88
Dados obtidos	Metadiscursivo	211,88	155,12

Tabela 8 : Resultados do teste Quiquadrado de contingência (duração de *este*)

O resultado do Teste Quiquadrado de aderência entre os 4 valores referentes à intersecção das variáveis função linguística e duração da palavra no constituinte prosódico – ou seja, entra as tabelas 7 e 8 (excluindo-se os totais) – é igual a 0,0042, um valor bastante abaixo dos 0,05 que indicariam similaridade nas taxas de ocorrência de *este* enquanto adjetivo/pronome e item de valor metadiscursivo. De acordo com o teste de probabilidade estatística realizado, há portanto, uma clara tendência relacionada à duração de *este* dentro da frase entoacional, a qual é dependente de seu uso discursivo ou metadiscursivo: quando adjetivo ou pronome, a palavra não apresenta alongamento vocálico, ocorrendo o inverso quando na fala é empregada metadiscursivamente (*filler* ou marcador discursivo).

Levando-se em conta que o total de ocorrências da palavra *este* em função referencial igual a 92 e o número de ocorrências da mesma em função metadiscursiva igual a 367, as comparações entre o grupo de controle e o grupo analisado também foram realizadas por meio de medidas relativas, isto é, do número total de casos (100%) em que nos deparamos com um adjetivo ou pronome demonstrativo *este*, quais os percentuais de ocorrência em que a palavra apresentou duração média maior do que a das palavras no entorno adjacente. Encontramos como resposta a esta pergunta o percentual de 45%, correspondendo os demais 55% de ocorrências a casos em que não se observa qualquer tipo de alongamento na pronuncia da palavra.

Concernente aos dados de *este* metadiscursivo, nos mostram que em 61% dos casos a palavra apresenta um alongamento no segmento vocálico final, frente a 39% de ocorrências em que a duração observada não se mostrou maior do que a de qualquer elemento fonêmico do entorno imediatamente adjacente. A tabela 9 expressa os valores referidos:

Dados Obtidos (Relativos)

		Estendido	Neutro	
Dados esperados	Referencial	45%	55%	100%
Dados obtidos	Metadiscursivo	61%	39%	100%

Tabela 9: Percentuais de duração de *este* referencial e metadiscursivo

O Teste Quiquadrado de aderência entre os percentuais de ocorrência de extensão neutra e alongada para a palavra em função referencial e os mesmos percentuais para a palavra em função metadiscursiva é igual a 0,00129, um valor significativamente inferior aos 0,05 que incluiria o desvio dentro da curva normal. Novamente, os números demonstram haver uma diferença entre a extensão da palavra morfológica *este* enquanto pronome ou adjetivo e sua homófona metadiscursiva, esta última tendendo sempre a apresentar um alongamento silábico final.

Gráfico 1: Tendências na duração de *este* referencial e metadiscursivo

5.2 Tendências de F0 nas realizações referencial e metadiscursiva de *este*

O parâmetro acústico frequência (F0) não se mostrou como um fator diferenciador entre “este” referencial e metadiscursivo em todos os testes probabilísticos.

Os dados inicialmente obtidos em relação a frequência fundamental F0 são os que se apresentam na tabela a seguir:

Dados Obtidos – Faixa Tonal (I-V)

	I	II	III	IV	V	Total
Referencial	6	36	48	2	0	92
Metadiscursivo	15	76	234	34	8	367
Total	21	112	282	36	8	459

Tabela 10: Distribuição de ocorrências de *este* referencial e metadiscursivo por tonalidade

Na tabela acima, as categorias expressas pelos algarismos romanos de I a V referem-se às faixas de tonalidade relativas à fala de um determinado falante em particular, faixas nas quais se inserem as ocorrências da palavra morfológica *este*, (Vide seção “ Metodologia ”).

Conforme exposto na seção, para facilitar o tratamento estatístico dos dados optou-se pela junção das faixas tonais IV (dentro dos limites entre o Tom Médio Inferior e o Tom de finalização), e V abaixo da linha do tom de finalização. A tabela resultante é a que segue:

Dados Obtidos – Faixa Tonal (I-IV [Simplificado])

	I	II	III	IV	Total
Referencial	6	36	48	2	92
Metadiscursivo	15	76	234	42	367
Total	21	112	282	44	459

Tabela 11: A tonalidade nas ocorrências de *este* referencial e metadiscursivo (simplificado)

Havendo-se efetuado o teste Quiquadrado de contingência sobre os dados relativos à F0 na tabela 11, chegamos aos seguintes valores probabilisticamente esperados;

Dados Esperados – Faixa Tonal (I-IV)

	I	II	III	IV
Adjetivo	4,21	22,45	56,52	8,82
Metadiscursivo	16,79	89,55	225,48	35,18

Tabela 12 : A tonalidade nas ocorrências de *este* referencial e metadiscursivo (simplificado)

Os valores acima expostos referem-se à taxa de ocorrência da palavra morfológica “este” em cada uma das duas funções consideradas (referencial e metadiscursiva), em cada uma das faixas tonais identificadas.

O teste de contingência entre os valores das tabelas 11 e 12 indica que a aleatoriedade dos dados tem probabilidade igual a 0,000228, assim, sendo, uma vez mais $P < 0,05$, estando em um intervalo consideravelmente distante daquele que o situaria dentro da curva normal.

Entretanto, o mesmo não se verifica quando tomamos os dados obtidos referentes ao uso adjetivo ou pronominal de “este” como o modelo esperado para a análise dos valores que dizem respeito ao uso metadiscursivo. Vejamos:

Dados obtidos relativos

		I	II	III	IV
Esperado	Referencial	7%	39%	52%	2%
Obtido	Metadiscursivo	4%	21%	64%	11%

Tabela 13: Percentuais sobre a tonalidade nas ocorrências de *este* referencial e metadiscursivo

Operando-se com os percentuais relativos de ocorrência da palavra “este” em cada uma das duas funções, e em cada uma das cinco faixas tonais em análise, temos como resultado do teste Quiquadrado de aderência o valor probabilístico de 0,91, portanto, um valor situado dentro do intervalo de eventos aleatórios na curva normal (de 0,05 a 0,95).

Gráfico 2: “Este” referencial e metadiscursivo por faixa tonal (duração neutra)

O gráfico acima, entretanto, mostra uma tendência a disparidade entre as funções metadiscursiva e referencial quando consideradas as faixas tonais II (entre o tom médio superior e o tom médio geral) e IV (abaixo do tom médio).

Com a realização de um teste Z adicional, envolvendo também as três subcategorias da função metadiscursiva (selecionador, estruturador, focalizador) foram gerados dois gráficos nos quais, em relação a esta função, é possível visualizar não apenas a tendência de que a pronúncia da palavra se concentre entre as faixas II e III, como também a de que a faixa tonal I seja a menos comum e a IV a com a terceira maior taxa de ocorrência.

No caso da função referencial, o gráfico mostra uma tendência que é de certa forma inversa à observada para a função metadiscursiva, já que apesar de também se verificar uma centralidade das faixas tonais II e III para o uso de este como adjetivo/pronome, neste caso a faixa tonal I é a que apresenta a terceira maior taxa de ocorrência, e a IV a menor taxa.

As medições feitas no gráfico são referentes à pronúncia de *este* classificada como ‘neutra’, do ponto de vista da duração.

O mais interessante destes resultados se observa quando consideradas as sub subdivisões da função metadiscursiva: enquanto as subcategorias selecionador e estruturador apresentam tendências de distribuição entre as faixas tonais paralelas à da categoria metadiscursiva, a subcategoria focalizador acompanha as tendências de comportamento tonal próprias da categoria referencial.

Abaixo os mesmos dados são apresentados em relação à variável duração, desta vez consideramos *este* pronunciado com duração ‘estendida’.

Gráfico 3: “Este” referencial e metadiscursivo por faixa tonal (duração estendida)

A existência de dois padrões entoacionais distintos no interior da função metadiscursiva de *este* é uma evidência em favor da hipótese formulada que deu origem à pesquisa: a de que a palavra *este*, quando não utilizada referencialmente pode apresentar mais de uma função metadiscursiva.

Abaixo sintetizamos os dois gráficos sobre a distribuição das ocorrências de *este* por faixa tonal, e na sequência discutimos os resultados obtidos tecendo comentários sobre alguns casos de ocorrência de *este* em uso referencial e não referencial que constituem os dados submetidos à análise estatística.

Gráfico 4: Distribuição das ocorrências de *este* por tonalidade

6. Discussão

Conforme visto na seção anterior, quando utilizado como demonstrativo(pronome/adjetivo), *este* apresenta tendências de manifestação prosódica que o diferenciam do homônimo metadiscursivo, sobretudo em relação à função *filler*.

Abaixo analisamos gráficos relativos aos valores dos parâmetros acústicos na pronúncia da palavra em uso referencial e nas duas categorias metadiscursivas diferenciadas no presente trabalho.

6.1 Dados de *este* referencial

Consideremos a linha delineada F0 em relação a cada uma das três medidas de tom médio tomadas:

Y en “**este**” caso te invitó a “**este**” proyecto, no?

Gráfico 5: Parâmetros acústicos de vídeo *FAMA Football -Entrevista Gabriel Zuleta, Inversionista INZULE Store* – YouTube (2min9seg-2min12seg)

A ocorrência da palavra morfofonológica “este” no trecho acima tem valor adjetivo, é um qualificador do substantivo “*proyecto*”. Como é possível visualizar no gráfico acima, a realização segmental da palavra é concomitante com uma tonalidade de F0 que coincide com

a linha do tom médio do enunciado. O enunciado em consideração é proveniente de fala masculina.

Em relação às falas femininas se verifica um comportamento tonal semelhante nas ocorrências adjetivas de “este”. Vejamos:

Que empezó mi preparación para... **“este”** nuevo ciclo

Gráfico 6: Parâmetros acústicos do vídeo *Desde Budapest, Hungria estas son las palabras de Viviana, medallista de Plata en Natación* – YouTube (20seg-23seg)

No caso do enunciado acima, a ocorrência segmental de “este” coincide com um leve movimento tonal ascendente, de maneira mais precisa a F0 neste momento tangencia a linha do tom médio, a ultrapassa em um percentual de aproximadamente 75% - considerado o 100% do intervalo entre a linha do tom médio e do tom médio superior -, e novamente a tangencia.

Os valores de F0 em relação às linhas dos tons médio do caso a seguir mostram o mesmo tipo de tendência:

Ya que... **“este”** es mi primer torneo después de vários meses

Gráfico 7: Parâmetros acústicos do vídeo *Once Norticias - Debuta con triunfo Paola Longoria en racquetbol* – YouTube (1min25seg-1min29seg)

No trecho acima, a palavra morfofonológica “este” aparece não como adjetivo, mas como **pronome** demonstrativo; novamente em uma fala feminina, na da desportista Samantha Salas. O pronome é sujeito de uma oração copulativa e concorda em gênero e número com os elementos do sintagma adjetival “mi primer torneo”. No exemplo deste enunciado, a variação de F0 em relação à linha do tom médio é pequena, mas é possível notar uma ascensão sutil no intervalo de tempo correspondente à pronúncia de “este”.

O exemplo a seguir, outro caso em que se tem um enunciado com o pronome demonstrativo “este” em fala feminina, traz uma curva melódica mais acentuada:

...No sólo de **“este”**, y que ya se está dando...

Gráfico 8: Parâmetros acústicos do vídeo *Itzel Santoyo es nominada para el premio estatal del deporte* – YouTube (1min40seg-1min43seg)

O trecho de fala acima transcrito inicia com uma cadência tonal. A curva melódica muda de direção, assumindo um contorno ascendente, no intervalo de tempo que coincide justamente com a pronúncia da palavra “*este*”, após a qual novamente adquire contorno ascendente. Novamente, estamos diante de um caso em que a realização segmental de “*este*” é coincidente com uma alta de F0 no enunciado, um ascenso que no exemplo em questão corresponde ao único pico do enunciado. É interessante notarmos como a F0 ultrapassa inclusive a linha do tom médio superior no instante da pronúncia de “*este*”.

Também as falas masculinas apresentam exemplos em que “*este*” em função referencial atinge a linha do tom médio superior:

el.. es el siguiente compromiso, **este** fin de semana ya pasó, ya se nos acabó, ya no hay más que hacer hay que pensar en lo que sigue

Gráfico 9: Parâmetros acústicos do vídeo *La academia de Halcones no gano en la copa de baloncesto 2016* – YouTube (1min12seg-1min18seg)

No excerto de fala masculina acima, a pronúncia de “*este*” com valor adjetivo inicia com a F0 situada exatamente num ponto central entre o tom médio e o tom médio superior, em seguida tangencia a linha do tom médio superior e apresenta um descenso que não chega à linha do tom médio, ou seja, sua pronúncia mantém-se todo o tempo acima da linha do tom médio.

O mesmo se observa para a palavra enquanto demonstrativo em falas masculinas. Vejamos:

Ah... posterior a **este** compromisso eh...

Gráfico 10: Parâmetros acústicos do vídeo *Jorge Quiñones y el equipo Virtus Guanajuato al Final-Four de la LMV*– YouTube (1min57seg-2min)

No caso acima ilustrado a pronuncia de “*este*” é iniciada junto à linha do tom médio, apresenta um ascenso que ultrapassa a linha do tom médio superior, e na sequência o regresso à linha do tom médio, constituindo o segundo maior pico do enunciado.

6.2 Dados de *este* metadiscursivo

O comportamento tonal de “*este*” com valor metadiscursivo, especialmente nos casos em que a palavra se presta a uma interpretação pragmática típica de *filler* como <<seleção de expressão>> (‘busca por melhor termo’, ‘busca por melhor estrutura’, ‘sinalização de hesitação /parada para planejamento’, ‘marcação de fronteira sintática/discursiva’), apresenta uma tendência oposta à que se observa em relação ao uso referencial, concernente ao tom médio. Vejamos:

Este...primero que nada es...

Gráfico 11: Parâmetros acústicos do vídeo *Union de Curtidores - Christian Rodriguez* – YouTube (13seg-14seg)

O trecho de fala masculina acima ilustrado inicia com uma cadência melódica correspondente à pronúncia da palavra “este”. A frequência fundamental (F0) parte da linha do tom médio em direção a um ponto da escala de altura considerada que corresponderá à linha do tom médio inferior. Estamos dizendo “corresponderá”, no futuro, porque de acordo com o gráfico, não há identificação de tom médio superior, inferior, ou de finalização até o instante imediatamente posterior ao do término da pronúncia da palavra “este”, o que pode ser um indicativo de que o software utilizado (Exprosódia) não consegue calcular os referidos valores de tom com a inclusão dos dados de frequência (em hertz) da pronúncia de “este” no algoritmo. Ao que parece, no caso acima descrito, o programa encontra dificuldade para interpretar a palavra em questão como uma unidade tonal constitutiva do enunciado analisado.

Mesmo nos casos em que não se opera esta “cisão” entre a pronúncia de *este* e a do entorno circundante, segue-se verificando a tendência decrescente de F0 em relação à linha do tom médio. Vejamos:

Yo creo que es el mismo equipo, entonces...**este**...el único que yo creía, creo que sería el más fuerte sería Rusia

Gráfico 12: Parâmetros acústicos do vídeo *Comenzó el arribo de más selecciones nacionales para el mundial femenino sub 20 de Voleibol de sala* – YouTube (32seg-38seg)

No gráfico referente ao enunciado acima, tem-se o ponto no tempo coincidente com o início da pronúncia de “este” corresponde a uma realização de F0 localizada a aproximadamente 45% de distância da linha do tom médio, em direção ao tom médio inferior. Ao longo do tempo de pronúncia o valor de F0 continua decrescente. Notemos que a transcrição de “este” é identificada pelo programa como correspondendo a oito diferentes UBIs – daí a justaposição de *este* oito vezes no gráfico -, o que indica uma maior duração da palavra em função metadiscursiva, quando comparada à duração da mesma em uso referencial.

Fenômenos semelhantes podem ser observados no exemplo abaixo:

La final fue el partido más difícil, el que con más dificultad nos quedó, **este**... y pues

Gráfico 13: Parâmetros acústicos do vídeo *Nota Leonas Conadeip 6* – YouTube (40seg-47seg)

No gráfico do exemplo acima, são identificadas 4 UBIs correspondentes aos instantes associados à transcrição de “este”, novamente um indício de que a duração da palavra é relativamente longa. A F0, no início da pronúncia encontra-se pouco acima da linha do tom médio, a partir da qual apresenta um decréscimo bastante sensível, chegando a situar-se a uma distância de aproximadamente 80% de distância em direção à linha do tom médio inferior. O ascenso de F0 só ocorre após o término da pronúncia da palavra.

O decréscimo de F0 nos instantes de pronúncia da palavra *este* em função metadiscursiva em alguns casos não corresponde a um distanciamento sensível em relação à linha do tom médio. Tais casos costumam coincidir com os da classificação pragmática focalizador, por nós atribuída. É o que ocorre no seguinte exemplo:

Gráfico 14: Parâmetros acústicos do vídeo *PACO CRUZ VIAJA A LETONIA* – YouTube (30seg-33seg)

No enunciado, acima a variação de F0 durante a pronúncia de “este” delineia um contorno descendente-ascendente, abaixo da linha do tom médio, porém a distância máxima alcançada em relação à mesma linha é aproximadamente 25% – em direção ao tom médio inferior. Considerando-se outros percentuais de distância do uso metadiscursivo, como os dos dois enunciados anteriores, a variação de F0 é aqui bastante “tênue”. Além disso, como notamos, o contorno de F0 para o caso em questão é descendente-ascendente, diferente da curva simples descendente verificada nos dois casos anteriores. Um terceiro diferencial prosódico da pronúncia de “este” que podemos apontar aqui diz respeito ao parâmetro duração: enquanto os dois primeiros exemplos de uso metadiscursivo apresentam uma pronúncia

segmental alongada da palavra, envolvendo mais de três UBIs, o exemplo imediatamente acima é graficamente representado como equivalente a uma só UBI, mais breve inclusive, do que algumas pronúncias da palavra enquanto adjetivo/pronome, considerando que em 3 dos gráficos sobre seu uso referencial, a mesma é ilustrada como compreendendo duas UBIs

O gráfico a seguir traz um caso cuja leitura nos foi um tanto controversa:

Aprensiva con las cosas, **este** con los momentos...

Gráfico 15: Parâmetros acústicos do vídeo *Cristina Guevara; Vidas Extraordinarias* – YouTube (37seg-41seg)

A tendência a um acentuado decréscimo no valor de F0 quando considerado o uso não referencial de *este* torna a se repetir no exemplo acima, novamente a pronúncia da palavra se realiza bem abaixo da linha do tom médio com o qual é proferido o enunciado. É interessante observarmos que ao ouvir o áudio referente ao excerto tem-se a impressão de que a realização do *filler* não apenas equivale a um tempo de procura por uma expressão adequada, mais do que isso, parece que o que se faz é selecionar uma expressão mais exata, com vistas a, se não a retificar, pelo menos a “aperfeiçoar” a expressão. Esta impressão não se deve simplesmente ao fato de que a expressão “con las cosas”, semanticamente leve – e portanto, mais genérica – é sucedida pela expressão “con los momentos”, de contornos semânticos mais definidos – <<lugar temporal>>, ou <<espaço de tempo>> –, pois a julgar somente pelo conteúdo semântico dos termos envolvidos – incluindo-se o *filler* –, também caberia a interpretação de que primeiro se faz referência à qualidade <<aprensiva con las cosas>> – “aprensiva com

as coisas” –, e que na sequência se realiza o *filler* para seleccionar o termo mais idôneo referente a um segundo fato causa/objeto da <<apreensão>>. A entoação que se percebe do *filler* “este”, nos leva a não descartar a interpretação de que o termo “con los momentos” possa estar sendo expresso no enunciado não apenas em adição a, mas possivelmente em especificação de “las cosas”. Se nossa hipótese for válida, a entoação do *filler* no enunciado acima nos permitiria identificar uma função discursiva bastante semelhante a que se verifica nos marcadores discursivos classificados por Martín-Zorraquino e Portolés (1999) como reformuladores explicativos, no grupo dos quais se encontra a expressão “esto es”, correspondente da latina *id est*. Conforme havíamos observado no capítulo 1, sugere que nesta expressão se encontra a origem lexical do *filler* “este” da língua espanhola. Discutir a proposta do autor extrapola os objetivos da presente investigação, que foi concebida em uma perspectiva sincrônica, contudo a observação de dados como o do exemplo em discussão são passíveis de constituírem o objeto central da análise em investigações futuras. Por ora, respeitando os limites dos objetivos por nós estabelecidos a princípio, atemo-nos a reforçar a ideia de que há indícios de que o uso metadiscursivo de “este”, mais do que prestar-se a diferentes interpretações pragmáticas, pode servir inclusive a funções de articulação discursiva.

Já no exemplo abaixo, *este* traz as características prosódicas de um *filler*:

Yo regreso a mi casa, yo regreso a mi trabajo, **este**... me dieron permiso

Gráfico 16: Parâmetros acústicos do video *Selección Mexicana de Baloncesto Femenil Guadalajara 2011* – YouTube (1min24seg-1min29seg)

No caso do exemplo acima, a F0 do enunciado, durante a pronúncia de *este* realiza um contorno descendente-ascendente, que tem início a aproximadamente 40% de distância da linha do tom médio, em direção ao tom médio inferior, e que atinge seu ponto máximo de descenso em um nível inclusive abaixo do que seria a linha do tom de finalização do enunciado. A reiteração da palavra *este*, conforme mostrada no gráfico 16, indica que sua pronúncia compreende 7 UBIs, portanto, apresenta uma duração relativamente longa. Este se trata de um prototípico caso em que a palavra cumpre a função metadiscursiva de *filler*, sendo interpretada como um tempo de parada para o planejamento do termo subsequente a ser proferido.

Gráfico 17: Parâmetros acústicos do vídeo *Itzel Santoyo es nominada para el premio estatal del deporte* – YouTube (1min2seg-1min4seg)

Conforme ilustrado no gráfico 17, no exemplo acima a pronúncia de “*este*” inicia com a F0 um pouco acima da linha do tom médio identificado para o excerto, e a partir decresce de maneira bastante saliente, chegando a ultrapassar a linha do tom de finalização em uma proporção no maior do que a distância entre a linha do tom médio e linha do tom médio inferior ou do que a distância ente a linha do tom médio inferior e a linha do tom de finalização.

Também no exemplo a seguir *este* parece caracterizar-se como um *filler*:

La labor de un capitán es árdua, es **este**... es pesada, pero siempre con mucho orgullo de representar a los

Gráfico18 : Parâmetros acústicos do vídeo *Celebran XV años Halcones UV en Fútbol Americano* – YouTube (1min41seg-1min48seg)

O gráfico acima apresenta um contorno melódico descendente para a pronúncia de “este”. A frequência fundamental (F0) neste caso vai de um ponto distante da linha do tom médio inferior em mais ou menos 10% (em direção à linha do tom médio), até aproximadamente 60% de distância (em direção a linha do tom de finalização). A tonalidade presente nos segmentos de “este” é, portanto, bastante grave quando comparada a dos outros segmentos do excerto. Tem-se aqui comportamento tonal identificado por Martinez et. al (2003) para a palavra “este” quando não em função referencial. Nossa interpretação pragmática para o exemplo em questão vai de encontro com a dos autores, que identificam a função som preenchedor de pausa (*filler*) nos dados por eles analisados.

Quanto à fala masculina abaixo, parece apresentar um uso de *este* distinto:

Que yo pienso que cualquiera de mis compañeros, y todos **este**... tien...es lo que, es lo que quieren

Gráfico 19: Parâmetros acústicos do vídeo *ENTREVISTA HÉCTOR HERNÁNDEZ, SELECCIÓN MEXICANA DE BASQUETBOL* – YouTube (2min13seg-s2min17seg)

Uma primeira análise do funcionamento metadiscursivo de “este” no enunciado acima levou-nos a descartar a classificação *filler*. Nossa interpretação foi a de que o emprego da palavra, neste caso não se presta a indicação de um tempo de planejamento do termo subsequente. Os correlatos acústicos de nossa interpretação, identificados pelo software Exprosódia, são ilustrados acima: no momento da pronúncia de “este”, a frequência fundamental que se apresenta é praticamente a mesma do tom médio. Ao longo do enunciado observam-se cinco pontos em que a F0 se encontra abaixo da linha do tom médio, e ranqueando-os por ordem de distância em relação a esta linha, o ponto correspondente à pronúncia de “este” fica em quarto lugar. Soma-se a este fato o de que quando se compara a quantidade de UBIs compreendidas pela pronúncia da palavra com a de outros casos de ocorrência metadiscursiva, nota-se que se trata de uma pronúncia bastante breve, que não compreende mais que uma única UBI. Martinez et al (2003), sobre a duração de “este” não-referencial, conforme vimos anteriormente, afirmam que sempre envolve um alongamento segmental. Também vimos que os autores classificam as ocorrências não referenciais de “este” em seu corpus de análise como som preenchedor de pausa. Sem descartar nenhuma das duas propostas dos autores, entendemos que uma ocorrência metadiscursiva de “este” como a do exemplo em questão, no qual não se apresenta o referido alongamento, tampouco equivale a de um *filler*. Uma classificação exaustiva de ocorrências como esta não é contemplada no presente trabalho, porém constitui, sem dúvida uma tarefa interessante para futuras investigações. Por ora limitamo-nos a uma classificação genérica “marcador discursivo”, atribuída por oposição à categoria *filler*.

No caso abaixo, a classificação foi diferente:

Gráfico 20: Parâmetros acústicos do vídeo *Entrevista Daniel Vargas Maraton Houston* – YouTube (37seg-42seg)

O enunciado acima apresenta um contorno melódico descendente-ascendente no instante que corresponde à pronúncia da palavra morfofonológica “este”. O contorno não apenas se realiza totalmente abaixo da linha do tom médio inferior do enunciado, mas contém o seu ponto mais grave. O acentuado decréscimo de F0 durante a pronúncia da palavra identificado pelo software Exprosódia neste caso, novamente coincide com a classificação pragmática *filler* atribuída por nós a esta ocorrência metadiscursiva de “este”.

Nosotros sabíamos que iba a ser Pachuca, iba a ser un... eh ... **este**... una sede difícil, por la altura por el clima, reseco.

Gráfico 21: Parâmetros acústicos do vídeo *Dupla de UV trabajan duro para voleibol playero de Universiada Nacional* – YouTube(53seg-57seg)

No exemplo acima o contorno melódico descendente que corresponde à pronúncia de “este” ocorre totalmente abaixo da linha do tom médio e chega bastante próximo à linha do

tom médio inferior. O segundo ponto mais baixo atingido pela F0 no enunciado coincide com o do máximo descenso durante a pronúncia da palavra. Cabe observar que no enunciado, imediatamente antes da pronúncia do *filler* ‘este’, tem-se a realização do *filler* ‘eh’, conforme podemos notar na transcrição correspondente.

Abaixo a realização do *filler* se dá em uma curva tonal descendente

Gráfico 22: Parâmetros acústicos do vídeo *ENTREVISTA HÉCTOR HERNÁNDEZ, SELECCIÓN MEXICANA DE BASQUETBOL* – YouTube (1min11seg-1min14seg)

No gráfico acima nota-se que a pronúncia de “este” tem início abaixo da linha do tom médio, e acompanha um decréscimo da F0 no enunciado que chega a atingir um ponto abaixo da linha do tom médio inferior.

Algo semelhante ocorre no gráfico a seguir:

Y no es lo mismo enfrentarte en la jornada uno, donde em-penas empiezas a agarrar **este**, eh el camino

Gráfico 23: Parâmetros acústicos do vídeo *Mexicas de la universidad del conde con tres victorias en la jornada del Futbol Americano de Morelos* – YouTube (1min15seg-1min16seg)

O gráfico 23 apresenta acentuadas oscilações “ascendente-descendente-ascendente” de F0. A pronúncia de “este” encontra-se em uma destas curvas, localizada em uma altura tonal que contém o segundo ponto de F0 mais baixo no enunciado. A transcrição da palavra, repetida três vezes, nos informa que durante sua pronuncia foram detectadas três distintas UBIs. Ainda em relação à fala correspondente, é interessante notarmos que nela o *filler* ‘este’ aparece seguido pelo *filler* ‘eh’

Em 24, abaixo, a tonalidade do *filler* é sutilmente mais grave

Sí de... **este**..., el está dispuesto a apoyar de todo lo que el pueda hacer para...para ayudarnos a nosotros

Gráfico 24: Parâmetros acústicos do vídeo *PACO CRUZ VIAJA A LETONIA* – YouTube (51seg-55seg)

A pronúncia de “este” no enunciado acima corresponde a um intervalo de decréscimo de F0, partindo da linha do tom médio até uma distancia de 55% da mesma, em direção à linha do tom médio inferior.

No exemplo a seguir, a tonalidade do *filler* atinge um nível bastante grave:

...es Cristian, **este**... sabes de lo...

Gráfico 25: Parâmetros acústicos do vídeo *Union de Curtidores - Christian Rodriguez* – YouTube (3seg5seg)

No gráfico referente ao exemplo acima, tem-se que a pronúncia de “este” é iniciada após um acentuado descenso da F0, que chega a uma distância de aproximadamente 50% de distância entre a linha do tom médio inferior do enunciado. Durante a pronúncia da palavra, a F0 ascende até tangenciar a linha do tom médio inferior, e descende, afastando-se da mesma linha numa distância de aproximadamente 90% em direção à linha do tom de finalização. As UBIs compreendidas neste movimento tonal são três.

6.2.1 Princípios de análise da distribuição entre ‘este’ e ‘eh’

Os gráficos que apresentamos a seguir correspondem a análises não computadas nas estatísticas referidas na seção resultados. São concernentes à realização de *este* em comparação com a vocalização *eh*, que por questões teórico-metodológicas foi posta à margem do escopo do presente trabalho. De todo modo, julgamos pertinente a apresentação de alguns dados iniciais que podem vir a constituir uma futura investigação sobre a distribuição entre os *fillers* ‘este’ e ‘eh’.

Vejamos:

Eh, Benjamín Paredes...**este**...Mariscal del Maratón Lala, en su...vigésimo sexta edición...**este**... ¿qué representa?

Gráfico 26: Parâmetros acústicos do vídeo *Benjamim Paredes en FERIA Deportiva Maraton Lala 2014* – YouTube (0seg15seg)

O excerto de fala acima, tem duração de 15 segundos. Trata-se de um trecho relativamente longo (possui quase o dobro da extensão dos trechos utilizados na versão final do corpus). As unidades segmentais transcritas no gráfico correspondem apenas ao vocábulo encabeçando o grupo entoacional. Excetua-se as três realizações de *fillers*, cada uma das quais foi tratada como um grupo entoacional por si só. O primeiro *filler* do excerto corresponde à forma *eh*, abrindo a interlocução; uma função de *eh* aparentemente ainda não tratada na literatura. As duas ocorrências subsequentes se realizam por meio da forma *este*. Podemos observar no gráfico que a forma *eh* é realizada em uma tonalidade ascendente, que parte da linha do tom médio em direção à linha do tom médio superior. Todo o grupo tonal que sucede ao primeiro *filler* também se realiza com contorno tonal ascendente, sendo que sua pronúncia chega a ultrapassar a linha do tom médio superior. A tonalidade do enunciado cai de forma brusca com

o início do terceiro grupo tonal, equivalente à realização do *filler* 'este', atingindo um nível cerca de 5% abaixo da linha do tom médio inferior, em direção à linha do tom de finalização. Uma acentuada queda de F0 também se observa na segunda realização do *filler* 'este', após o grupo entoacional encabeçado pela palavra 'vigésimo', nesta última ocorrência, a pronúncia de 'este' se afasta consideravelmente da linha do tom médio inferior, o distanciamento em percentuais é de aproximadamente 83%, rumo à linha do tom de finalização. A julgar pelos exemplos de uso de 'eh' e 'este' fornecidos no exemplo, tem-se a impressão de que os dois *fillers* se diferenciam, desde um ponto de vista acústico, pela tonalidade mais grave do último em relação ao primeiro.

Consideremos ainda o seguinte exemplo:

Pues yo creo que.... no es diferente en todos los estados... **eh** ...apoyan mucho los deportes obviamente... cada quien con sus gustos de... de deportes, algunos en el futbol, tiro con arco, voleibol, **eh**...yo creo que... se va dando... la emoción y el evento en el que se presente va a haber gente apasionada, como en todos los país...en todos los estados **eh**, hay apoyo de los jugadores mismos atletas y personas familiares que van a estar ahí gritando y haciendo bulla.

Gráfico 26: Parâmetros acústicos do vídeo *Entrevista Equipo Femenil de Voleibol Parte 2* – YouTube (04min23seg-5min4seg)

No exemplo acima, o *filler* 'eh' constitui o terceiro grupo tonal do excerto de fala. De acordo com o gráfico, sua pronúncia se dá numa curva tonal descendente-ascendente-descendente, com a F0 partindo da linha do tom médio e se aproximando da linha do tom médio inferior (cerca de 67%), para logo ascender aproximadamente 15% acima da linha do tom médio, em direção ao tom médio superior, e finalmente descender, ultrapassando a linha do tom médio em cerca de 60% em direção ao tom médio inferior. Se ao contrário do

observado no exemplo anterior, aqui a pronúncia de *eh* apresenta contorno melódico descendente e tonalidade mais grave (abaixo da linha do tom médio do enunciado), contudo não chega ainda a bordear a linha do tom de finalização, como vimos ocorrer com o *filler* 'este' no primeiro exemplo.

Um comportamento tonal de 'eh' genuinamente semelhante ao das duas ocorrências de 'este' às quais nos referimos pode ser apreciado a seguir:

Sí bueno, **eh**...en la segunda etapa nos toca ir a República Tcheca. De hecho terminamos de jugar el domingo aquí y...el lunes estamos volando para República Tcheca.

Gráfico 27: Parâmetros acústicos do vídeo *Entrevista Equipo Femenil de Voleibol Parte 2* – YouTube (05min23seg-5min36seg)

No excerto de fala acima a pronúncia do *filler* “eh” inicia com a F0 situada a aproximadamente 65% de distância da linha do tom médio, em direção à linha do tom médio inferior. O nível tonal a seguir descende, chegando a F0 final da pronúncia a uma distância de cerca de 45% de distância da linha do tom médio inferior em direção à linha do tom de finalização.

Já o exemplo a seguir nos dá uma mostra de o quão brusca pode ser uma variação tonal envolvendo a pronúncia do *filler* ‘eh’:

Caberia perguntar-nos se a vocalização ‘*eah*’, do exemplo acima, no gráfico 29 indicada como possuindo considerável extensão – cinco UBIs, de acordo com o número de repetições da forma na transcrição –, também permitiria um salto tonal como o observado para ‘*eh*’.

Sendo a extensão dos segmentos do *filler* um fator essencial para a identificação do mesmo enquanto uma UBI – ou uma unidade tonal/ rítmica reconhecível –, na etapa em que foram gerados os gráficos e as planilhas contendo os valores acústicos de seu trecho de ocorrência, a forma do *filler não foi* detectada pelo software Exprosódia como unidade entoacional discreta. Vejamos:

Gráfico 30: Parâmetros acústicos do vídeo *FAMA Football - Entrevista Gabriel Zuleta, Inversionista INZULE Store* – YouTube (1min1seg-1min26seg)

Z	AA	AB	AC	AD	AE	AF	AG	AH	AI	AJ
	F0 de UBI	TM de UBI	TM sup	TM inf	TM Fin	TM F/Epos	TM F/Eneg	Frame inicial	Frame Final	Intra Frames
1	131,4666667	131,4666667				0		79	108	30
2	127,7777778	129,6222222	156,4453333	104,3386243	87,64444444	0	0	138	146	9
3	184,5147,9148148	154,2504444	102,8747795	86,41481481	30,24955556	0	0	173	180	8
4	189,8888889	158,4083333	176,0186296	117,3927102	98,60987654	13,87025926	0	204	221	18
5	113,9166667	149,51	188,5059167	125,7208995	105,6055556	0	11,8042328	244	267	24
6	102,025641	141,5959402	177,9169	118,6587302	99,67333333	0	16,63308913	306	344	39
7	106	136,5108059	168,4991688	112,3777303	94,39729345	0	6,377730294	365	372	8
8	105	132,5719551	162,447859	108,3419094	91,00720391	0	3,341909413	374	398	25
9	140,6153846	133,4656695	157,7606266	105,2158374	88,38130342	0	0	459	471	13
10	95,7777778	129,6968803	158,8241467	105,9251345	88,97711301	0	10,14735676	505	531	27
11	116,5	128,4971639	154,3392876	102,934032	86,46458689	0	0	539	552	14
12	104,4473684	126,4930143	152,9116251	101,9818761	85,66477596	0	0	582	619	38
13	103,122807	124,6953061	150,526687	100,3912812	84,32867621	0	0	638	694	57
14	92,2222222	122,3758001	148,3874142	98,96452862	83,13020404	0	6,742306402	714	722	9
15	104,6842105	121,1963608	145,6272021	97,12365085	81,58386672	0	0	756	774	19
16	88	119,1215882	144,2236693	96,18758792	80,79757385	0	8,187587916	799	813	15
17	90,36842105	117,4302255	141,75469	94,54094304	79,41439215	0	4,172521983	871	889	19
18	108,4716981	116,9325295	139,7419683	93,19859163	78,28681697	0	0	891	943	53
19	100,1052632	116,0468839	139,1497101	92,80359483	77,95501966	0	0	944	962	19
20	99,95833333	115,2424564	138,0957918	92,1007015	77,36458926	0	0	991	1014	24
21	92,18181818	114,1443307	137,1385231	91,46226695	76,82830424	0	0	1017	1027	11
22	88,18181818	112,9642165	135,8317536	90,59073868	76,09622049	0	2,408920497	1065	1075	11
23	91	112,0092506	134,4274177	89,6541401	75,30947769	0	0	1082	1100	19
24	93,41176471	111,2343553	133,2910082	88,89623063	74,67283373	0	0	1103	1119	17
25	88,68421053	110,3323496	132,3688829	88,2812344	74,1562369	0	0	1123	1141	19

Figura 12: Planilha com valores acústicos de trecho de fala sem identificação segmental

O gráfico e a planilha imediatamente acima, são referentes a um trecho de fala cuja transcrição dos segmentos não foi associada pelo programa Exprosódia aos valores dos parâmetros acústicos correspondentes. A coluna Z, destinada a apresentar os itens lexicais ou segmentais pronunciados no excerto, traz apenas uma série numérica, equivalente ao número de UBIs constatadas no trecho como um todo. Sem a identificação da correspondência entre os valores dos parâmetros e unidades segmentais discretas, portadoras de significação lexical, a análise do exemplo foi inviabilizada.

A recorrência deste tipo de caso durante as análises é uma das razões que levaram a opção por investigar-se exclusivamente os contrastes de uso da função *filler* internos à forma ‘este’.

Outra questão que se colocou ao longo da investigação foi a do estatuto teórico destas partículas na literatura: a partícula *eh* é reconhecida na literatura (Martín-Zorraquino e Portolés, 1999) como passível de servir a pelo menos duas diferentes interpretações pragmáticas, (Vide “Pressupostos Teóricos”) quanto a ‘este’, é descrito pelos mesmos como estratégia de manutenção de turno. Consideramos, portanto que uma mínima descrição prévia de contrastes internos ao uso de ‘este’ seria uma condição necessária para a realização de um posterior estudo contrastivo envolvendo outras partículas empregadas como *filler* em espanhol.

7. Conclusões

A palavra morfofonológica *este* apresenta diferentes tendências de comportamento prosódico, as quais se correlacionam com seus usos referencial e metadiscursivo.

Em relação ao parâmetro duração constatamos que quando a palavra é usada referencialmente, como adjetivo ou pronome demonstrativo, seus segmentos tendem a ser mais breves que os que se observam em seu uso metadiscursivo.

No que diz respeito ao parâmetro altura, constatamos que nos usos pronominais e adjetivais a frequência fundamental da palavra costuma coincidir com a da linha do tom médio do enunciado, podendo haver pequenas variações em sentido descendente e ascendente.

Quando em uso metadiscursivo, a palavra morfofonológica *este* apresenta mais de uma tendência de comportamento tonal, podendo sua pronúncia corresponder a um intervalo de acentuada queda de F0 dentro do enunciado, ou à manutenção de F0 próxima à linha do tom médio. No primeiro caso, em que a F0 pode tangenciar ou mesmo ultrapassar a linha do tom médio inferior do enunciado, tem-se em geral uma coincidência com as etiquetas selecionador/estruturador, adotadas no presente trabalho em referência a funções reconhecidas para um *filler* na literatura.

No segundo caso, em que a F0 se mantém pouco distante, ou mesmo coincidindo com a linha do tom médio do enunciado, os percentuais de ocorrência da etiqueta focalizador são expressivos. Havendo classificado a partícula metadiscursiva *este* como focalizadora em todas as ocorrências cuja interpretação pragmática não coincidia com a de hesitação (própria de um *filler*), consideramos que nestes casos temos um marcador discursivo; deste modo, podemos afirmar que a partícula apresenta uma segunda tendência comportamental acústica que é por sua vez correlata de uma função metadiscursiva diferente da função *filler*.

Com objetivo de facilitar a análise estatística das ocorrências metadiscursivas de *este* coletadas, a notação “focalizador” na investigação foi utilizada por oposição a *selecionador/estruturador*, contudo outras possíveis interpretações pragmáticas, alternativas ou paralelas a foco podem ser atribuídas aos casos que receberam esta etiqueta. Uma análise acústica destas distintas interpretações, entretanto, requer a coleta de um maior número de ocorrências da partícula em função metadiscursiva, assim como requer que se amplie o leque

de critérios de análise, incluindo por exemplo o parâmetro intensidade, desconsiderado na presente investigação.

No que diz respeito à oposição acústica entre a partícula metadiscursiva focalizadora (marcador discursivo) *este* e pronome ou adjetivo demonstrativo, os dados analisados nos permitem propor uma diferença baseada fundamentalmente no parâmetro duração. A investigação sobre a existência de possíveis diferenças de altura entre tais usos igualmente requer um maior número de dados, e possivelmente que se considerem menores intervalos de hertz.

8. Perspectivas Futuras da investigação

Com a investigação levada a cabo, temos indícios de correlatos acústicos para pelo menos duas funções: de um lado uma categoria selecionador-estruturador, a qual grosso modo, em um primeiro momento podemos aproximar da classificação *filler*, e de outro lado a categoria focalizador, que poderia equivaler à classificação marcador discursivo.

É necessário, contudo que se tenha em mente todo o leque de matizes pragmático-discursivos já descritos na literatura. Os resultados ora obtidos podem ser considerados como o primeiro passo para uma análise descritiva detalhada do funcionamento metadiscursivo da palavra *este* em língua espanhola.

Conforme visto na seção Pressupostos Teóricos (pág 32-33), as possíveis funções pragmático-discursivas de um *filler*, constituem todo um leque, e é possível que para cada diferente matiz de significado haja um correlato acústico.

Também é necessário ter em mente que as interpretações semânticas dos *fillers* consideradas na presente investigação se baseia em descrições de trabalhos em psicolinguística utilizadas para *fillers* de outras línguas, que não a espanhola. A inexistência de trabalhos prévios focados especificamente na questão da função pragmática de um *filler* nesta língua é uma lacuna a ser preenchida.

Investigações futuras, baseadas em testes de percepção e interpretação de falantes nativos de espanhol se fazem necessárias para a viabilização de um trabalho descritivo sobre a correlação entre a função semântica e os padrões acústicos que seja consistente.

No que diz respeito à homofonia entre o *este* referencial e o *este* metadiscursivo são igualmente exíguos os trabalhos realizados. Encontram-se trabalhos como o de Martinez (2003), no qual se busca diferenciar acusticamente diversos itens homófonos da dicotomia uso referencial/uso metadiscursivo, e nos quais a palavra *este* figura como item de uma lista com várias outras palavras analisadas, ou trabalhos como o de Erland (2016), no qual se levanta a hipótese de que o *este* metadiscursivo deriva da expressão latina *id est*, mas não se efetua qualquer análise acústica comparativa entre a palavra e a expressão equivalente “*esto es*” do espanhol moderno. Conforme observado na seção “Discussão” (pág 91), a análise subjetiva de alguns casos observados no corpus permitiria que se pensasse em uma possível similaridade acústica não apenas entre “*este*” e a expressão “*esto es*”, em particular, mas também entre a

palavra e outras expressões como “*o sea*”, “*así que*”, e “*es decir*”, as quais ao menos de um ponto de vista metadiscursivo, parecem funcionar todas de maneira bastante similar no espanhol do México.

As línguas japonesa e chinesa são exemplos de sistemas linguísticos nos quais o adjetivo/pronome demonstrativo funciona como item de valor metadiscursivo, o que a princípio constituiria uma evidência em favor da hipótese de que também a palavra *este* de função metadiscursiva da língua espanhola é originária do homófono adjetivo/pronome. Contudo, dado o fato de haveremos constatado que não há apenas um padrão comportamental acústico para a palavra, poderia-se igualmente indagar a respeito da unicidade de sua origem.

Uma vez constatada diferenças acústicas no funcionamento de “*este*” enquanto *filler* e marcador discursivo, em investigações futuras é ainda possível aprofundar-nos na descrição desta partícula de funcionamento metadiscursivo no que diz respeito a seu funcionamento enquanto som preenchedor de pausa.

Ao lado de “*este*”, “*eh*”, é um segundo som preenchedor identificado na literatura linguística para a língua espanhola (Martín-Zorraquino & Portolés, 1999, Clark e Fox Tree 2002). Possivelmente possamos reconhecer ainda outras partículas em cumprimento desta mesma função na língua. No corpus analisado no presente trabalho, nos deparamos com casos em que em lugar de “*este*”/“*eh*” a vocalização “*ah*” foi realizada. Seria interessante verificar se o comportamento acústico dos três *fillers* é equivalente, para o que, antes de mais nada devemos nos colocar algumas questões como

- 1) Os lugares de ocorrência são os mesmos desde um ponto de vista sintático?
- 2) Todos os *fillers* ocorrem nos mesmos lugares dentro de uma unidade entoacional?
- 3) A seleção de um *filler* atende a critérios como qual o gênero oral discursivo da performance?
- 4) Todos apresentam tonalidades e durações semelhantes quando realizados em um dado contexto?

No que diz respeito à distribuição entre “*este*” e outras formas reconhecidas como marcadores discursivos, podemos mencionar o exemplo do trecho de fala transcrito abaixo, porém ainda não submetido à análise acústica:

Es un gran orgullo, porque...estás representando a ... o sea todo Méjico, no? No sólo de que “ah, y tu colégio”, como antes [...]

Trecho de fala do vídeo *Entrevista Ana Paula Canseco* – YouTube (12seg-19seg)

Uma análise subjetiva do exemplo acima nos leva a considerar que a expressão “o sea” tem tonalidade e duração parecida de muitos exemplos de uso de “este” que identificamos como marcador discursivo. Somente mediante a análise acústica de vários casos semelhantes é que se pode verificar a validade desta hipótese, bem como a existência ou não de uma interpretação semântico-pragmática comum para as duas formas.

É ainda possível desdobrar as perspectivas de análise apresentadas acima, aplicando-as ao campo do ensino de espanhol como língua estrangeira.

No site YouTube encontramos o caso de um falante nativo de português brasileiro e de espanhol como LE, no qual se constata a utilização de “este” metadiscursivo. Catalogando um número expressivo de casos é possível realizar uma análise comparativa entre os contextos de ocorrência e as características acústicas do *filler* quando utilizado por falantes nativos e por falantes não-nativos

Referências Bibliográficas

ALMEIDA, Vanessa B. “Pausas Preenchidas e domínios prosódicos: evidências para a validação do descritor fluência em um teste de proficiência oral em língua estrangeira”, Alfa 53, São Paulo, p. 167-193, 2009

CABEDO-NEBOT, Adrián. Segmentación prosódica de la conversación coloquial: sobre el grupo entonativo como mecanismo demarcativo de unidades mínimas Tesis doctoral dirigida por Antonio Hidalgo Navarro (dir. tes.). Universitat de València (2009).

_____. Hacia un modelo predictivo para la segmentación prosódica del discurso oral coloquial: MESTEL (Modelo Estadístico para la Selección de Términos Entonativos Ligados) Oralia: Análisis del discurso oral, N° 14, 2011, págs. 85-104

CASCÓN MARTÍN, Eugenio. Español coloquial : rasgos, formas y fraseología de la lengua diaria. Madrid : Editorial Edinumen, 1995

CLARK, H.; FOX TREE, J. E. 2002. Using Uh and Um in Spontaneous Speaking. In Cognition, 73-111

CHRISTENFELD, Nicholas. “Does it hurt to say um?”, In Journal of Nonverbal Behaviour, 1995, p. 171-186

CORLEY, Martin; MACGREGOR, Lucy J. & DONALDSON, David I. “It’s the way that you, er, say it: Hesitations in speech affect language comprehension ” In Cognition 105, 2007, p. 658–668

CRYSTAL, D. (2008). A dictionary of linguistics and phonetics (6th ed.). USA: Blakewell publishing. <https://doi.org/10.1002/9781444302776>

CRUTTENDEN, Alan. “The functions of Intion”, In Intonation, Cambridge University Press, Cambridge, 1986

GNECCO, Virgínia; CALDIZ, Adriana & MOYANO, Sara. “La demarcación discursiva y los efectos pragmáticos de las pausas y de su elipsis: un análisis centrado en casos de discurso político” In III Jornadas Internacionales de Fonética Y Fonología – Mar del Plata, 2013

EGUREN, LUIS. Pronombres y adverbios demostrativos: las relaciones deíctivas In Gramática descriptiva de la lengua española / coord. por Violeta Demonte, Ignacio Bosque, Vol. 1, 1999 (Sintaxis básica de las clases de palabras), 929-972

ERLAND, S. H. 2014. Los marcadores del discurso más frecuentes en el castellano argentino. Cuadernos Iberoamericanos (MGIMO УНИВЕРСИТЕТ 2(4), 138–146.

FERREIRA NETTO, Waldemar, Org. *Exprosódia: resultados preliminares*, São Paulo, Paulistana, 2016

FOX, Barbara A. Introduction In *Fillers Pauses and placeholders* Amiridze, Nino, Boyd H. Davis & Margaret MacLagan (eds.). 2010. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins [Typological Studies in Language 93] p 1-11

GALUÉ, Dexy. 2002. Marcadores conversacionales: un análisis pragmático. En: *Boletín de Lingüística*, Vol. 18, p 27-46

HAYASHI, M; YONN, E. K., 2010 A cross-linguistic exploration of demonstratives in interaction: With particular reference to the context of word-formulation trouble In *Fillers Pauses and placeholders* Amiridze, Nino, Boyd H. Davis & Margaret MacLagan (eds.). 2010. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins [Typological Studies in Language 93] p.33-66

HANKS, William F. 1992. The indexical ground of deictic reference. In *Rethinking Context: Language as an Interactive Phenomenon*, Alessandro Duranti & Charles Goodwin (eds), 43–76. Cambridge: CUP.

HIDALGO A. 2010b. Los marcadores y su significante: en torno a la interfaz marcadores-prosodia In Loureda, O., Acín, E. y Vázquez, N. (Eds.), *La investigación sobre marcadores del discurso en español, hoy*. Madrid. Arco Libros, . 61-92.

HYLAND, K. (2005b). *Metadiscourse*. London: Continuum.

KRIVOKAPIĆ, Jelena. “Prosodic planning: Effects of phrasal length and complexity on pause duration”, *Journal of Phonetics* 35, p. 162-179

MACGREGOR, Lucy J., CORLEY, Martin, & DONALDSON, David I. “Listening to the sound of silence: disfluent silent pauses in speech have consequences for listeners”, *Neuropsychologia* 48 (Elsevier), 2010, p. 3982–3992

MARTÍN-ZORRAQUINO, María Antonia; PORTOLÉS L, José . “Los marcadores del discurso” In *Gramática descriptiva de la lengua española* / coord. por Violeta Demonte, Ignacio Bosque, Vol. 3, 1999 (*Entre la oración y el discurso. Morfología*), págs. 4051-4214

MARTÍN-BUTRAGUEÑO, Pedro. “Hacia una descripción prosódica de los marcadores discursivos- Datos del español de México” In MARTÍN-BUTRAGUEÑO, P. & HERRERA, E. *La tonía: dimensiones fonéticas y fonológicas* (Estudios lingüísticos y literarios / Linguistic and literary studies) (Spanish Edition) January 1, 2003

MARTINEZ, Hernán, URDANETA, Lino & Domínguez, Carmen Luisa. “Estudio fonético-sintáctico de algunos marcadores discursivos: propuesta de formalización para desambiguarlos automática o informáticamente” , *Lengua y Habla* 8. 2003-2004

MONIZ, Helena. “Contributo para a caracterização dos mecanismos de (dis) fluência no Português Europeu”. Dissertação de Mestrado – Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 2006

POBLETE, María Teresa B. Los marcadores discursivo-conversacionales de más alta frecuencia en el español de Valdivia (Chile) *Estudios Filológicos*, N° 33, Valdivia, 1998, pp. 93-103

PODLESSKAYA, VERA I. Parameters for typological Variation in Placeholders, In *Fillers Pauses and placeholders* Amiridze, Nino, Boyd H. Davis & Margaret MacLagan (eds.). 2010. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins [Typological Studies in Language 93] p.12-32

PONS BORDERÍA, S. “Gramaticalización por tradiciones discursivas: el caso de esto es” In KABATEK, Johannes(ed) *Sintaxis histórica del español y cambio lingüístico: nuevas perspectivas Iberoamericana*, Vervuert.2008 p. 249, 274,

RIGAU, Gemma *Gramática descriptiva de la lengua española* / coord. por Violeta Demonte, Ignacio Bosque, Vol. 1, 1999 (*Sintaxis básica de las clases de palabras*), págs. 311-362

RISSE, M. S. & JUBRAN, C. C. A. S. (1998). Self-reflexive discourse: Metadiscursive processing of the text. <http://www.scielo.br/scielo.php?4450>

ROST-SNICHELOTTO, C. A. Os marcadores discursivos nas línguas românicas: (macro)funções textuais e interacionais. *Interdisciplinar*. V. 6, n. 5. Jul/Dez, p. 109-130, 2008.

WATANABE, M. 2003. The constituent complexity and types of fillers in Japanese. *Proceedings of the 15 th International Congress of Phonetic Sciences*, (Barcelona), p 2473-2476

_____, DEN, Y., HIROSE, K., MIWA, S. & MINEMATSU, N. (2006). Factors affecting speakers’ choice of fillers in Japanese presentations. In *INTERSPEECH 2006 – ICSLP*, ninth international conference on spoken language processing, Pittsburgh (pp. 1256–1259).

_____; ROSE, R. “Pausology and hesitation phenomena in second language acquisition,” *The Routledge Encyclopedia of Second Language Acquisition*, pp. 480–483, 2012.

WENNERSTROM, A. 2001. *The music of everyday speech - Prosody and Discourse Analysis*. New York, Oxford Press

Anexo A

Lista de URLs dos vídeos que constituem o corpus

URL	Duração	
http://www.youtube.com/watch?v=3NckA8FDwEQ	1:29	6 Nota Leonas Conadeip
http://www.youtube.com/watch?v=UJ5x-845mok	1:32	9 NOTA Leonas Coatzacoalcos
http://www.youtube.com/watch?v=1GyM_NNdKvs	1:42	ATLETA VOLLEYBALL BRICIO FINAL PKG
http://www.youtube.com/watch?v=wdqtuhP1Pmk	1:48	Actividad de la Academia de Baloncesto Halcones UV
http://www.youtube.com/watch?v=2Ov86ijbPO8	0:56	Alberca semiolímpica del parque Deportivo la Alameda de Coatzacoalcos celebra segundo aniversario.
http://www.youtube.com/watch?v=KpIYKgx6mMY	6:17	Alexa, Antes y después de Río 2da parte
http://www.youtube.com/watch?v=3CT8If1t348	3:55	Alista Tania Arrayales su participación en Río 2016
http://www.youtube.com/watch?v=I7r5AOg6_Ik	1:15	Arranco torneo intersecundarias de fútbol en Xalapa
http://www.youtube.com/watch?v=sxMPPAn5na0	1:38	Basquetbol selección de Veracruz
http://www.youtube.com/watch?v=dD6u8mRTqSA	5:0	Benjamin Paredes en Feria deportiva Maraton Lala 2014
http://www.youtube.com/watch?v=eKOCNoNatGg	1:6	Bibiana Candelas habla del voleibol de playa mexicano rumbo a Río 2016
http://www.youtube.com/watch?v=N4nnH7ZLQus	3:8	Bibiana Candelas, Lagunera Voleibol de Playa
http://www.youtube.com/watch?v=QVThZLu8BB8	2:59	Bravo respondió a Daniel Ludueña
http://www.youtube.com/watch?v=cJipPCdzS4Q	1:23	Buscará boleto el Veracruzano Alexis Rodríguez para los Centroamericanos de Barranquilla 2018
http://www.youtube.com/watch?v=-I7XLRH5dOQ	6:12	CHARLAS DE ALEJANDRO ÁLVAREZ CON CESAR RAMIREZ
http://www.youtube.com/watch?v=7sTs8n3TukQ	1:29	CWU20, MEX vs CRC, Karla Nieto Interview
http://www.youtube.com/watch?v=-kW-COxpOvI	5:42	CadenaDeportes Entrevista RAUL ALCALA MEJOR CICLISTA MEXICANO SUS PLANES Y VISION OLIMPO ACTUAL
http://www.youtube.com/watch?v=DmGwu5ZxCU4	4:58	Carlos Morales, primera base Delfines del Carmen.
http://www.youtube.com/watch?v=Ok06fzYXtkY	1:56	Camera 1 Run Xalapa
http://www.youtube.com/watch?v=_vOnxowOdXY	1:28	Camera Talana 2015
http://www.youtube.com/watch?v=m7Y6_3X_r10	2:54	Celebran XV años Halcones UV en Fútbol Americano
http://www.youtube.com/watch?v=wycfSYMhxA	2:24	Christian Giménez, en exclusiva para Cadenates Deportes
http://www.youtube.com/watch?v=9fSbHqT5jdE	3:23	Coatzacoalcos recibió Campeonato Estatal de Voleibol Playero 2015
http://www.youtube.com/watch?v=FlCUJNzGhlo	0:48	Comenzó el arbo de más selecciones nacionales para el mundial femenino sub 20 de Voleibol de sala.
http://www.youtube.com/watch?v=1CIAhH_x6ql	1:42	Con eventos en puerta el equipo Raduatón y su entrenador Ramos Herrera Zavaleta.
http://www.youtube.com/watch?v=oaH6myif4Oo	24:1	Cristina Guevara Vidas Extraordinarias
http://www.youtube.com/watch?v=JWjdZOE4nFA	2:32	David Urías, short stop de los Delfines del Carmen.
http://www.youtube.com/watch?v=m4WUK2f1_gE	2:43	DeZagiero con Valdemar Valdés en la VIII Copa Panamericana
http://www.youtube.com/watch?v=Wxh5pblDuPE	8:44	Deportes Dominical. Entrevista al dúo femenino de natación sincronizada
http://www.youtube.com/watch?v=QJ5zWjfiWQ8	1:1	Desde Budapest, Hungría estas son las palabras de Viviana, medallista de Plata en Natación
http://www.youtube.com/watch?v=1hjtNkcurv0	1:26	Destaca el Club Atlético San Crispín
http://www.youtube.com/watch?v=vT8NqIScS1c	1:20	Diana Cruz Garcia Halterofilia Coatzacoalcos
http://www.youtube.com/watch?v=ohOT6kGtipE	1:55	Dulce Mari Rodriguez gana 5 mil
http://www.youtube.com/watch?v=Rkv5fOmaHII	2:36	Dupla de UV trabajan duro para voleibol playero de Universiada Nacional
http://www.youtube.com/watch?v=tMadVkl2IyyY	7:4	ENTREVISTA CON ENRIQUE ZUÑIGA PARA VIVA BASQUET
http://www.youtube.com/watch?v=QK9hXMYw9bk	2:26	ENTREVISTA HÉCTOR HERNÁNDEZ, SELECCIÓN MEXICANA DE BASQUETBOL

<http://www.youtube.com/watch?v=M0X62IOJZqs>
<http://www.youtube.com/watch?v=Vrem13PzoCI>
<http://www.youtube.com/watch?v=G5I6RJ5odnY>
<http://www.youtube.com/watch?v=6uyNKJ58gDg>
<http://www.youtube.com/watch?v=MV11nxWxLgl>
<http://www.youtube.com/watch?v=hMQbANJ57oU>
http://www.youtube.com/watch?v=Vz_P32fslids
<http://www.youtube.com/watch?v=wPK5kefdvdY>
<http://www.youtube.com/watch?v=pWnhIH9Neo>
<http://www.youtube.com/watch?v=S8cXpEzHjqc>
<http://www.youtube.com/watch?v=p5TDw9wEAM4>
<http://www.youtube.com/watch?v=F6HAAKmJYzc>
<http://www.youtube.com/watch?v=F6Dog5qw-Uk>
<http://www.youtube.com/watch?v=TZTwxv0Zd2c>
<http://www.youtube.com/watch?v=GGXoq8gtQpl>
<http://www.youtube.com/watch?v=IwlNxQEfMYg>
<http://www.youtube.com/watch?v=MptnfbF2F3o>
<http://www.youtube.com/watch?v=nYZef2vHx1l>
<http://www.youtube.com/watch?v=w4VddG4K9fc>
<http://www.youtube.com/watch?v=r2mIDgq1dVs>
<https://www.youtube.com/watch?v=BiBJamtyppg>
<http://www.youtube.com/watch?v=1FW36euojFY>
<http://www.youtube.com/watch?v=FaRwkVf0Xsl>
<http://www.youtube.com/watch?v=y-mjNtRGRk>
<http://www.youtube.com/watch?v=3HcaVBPTqes>
<http://www.youtube.com/watch?v=yt4slj3fkmM>
<http://www.youtube.com/watch?v=fsLTAgbxEbc>
<http://www.youtube.com/watch?v=ireUM0FeoRQ>
-
<http://www.youtube.com/watch?v=6DnpDVuNc-A>
<http://www.youtube.com/watch?v=5gXgP7lrWc>
<http://www.youtube.com/watch?v=vztKXKkD4Ss>
<https://www.youtube.com/watch?v=x01PHVakXK0>
<http://www.youtube.com/watch?v=e4UJBpDFbxs>
http://www.youtube.com/watch?v=_EQqj9c-kQM
<http://www.youtube.com/watch?v=hTNWkxrp5JU>
<http://www.youtube.com/watch?v=i5N831-4Osw>
<http://www.youtube.com/watch?v=RBuFOPBrYc0>
<https://www.youtube.com/watch?v=yvToUrvKPGs>

<http://www.youtube.com/watch?v=jDIV-gU000A>
<http://www.youtube.com/watch?v=SZt7Hic4hT8>
<http://www.youtube.com/watch?v=fbQNHNhEAP9s>
http://www.youtube.com/watch?v=9K_KeeiNVik
<https://www.youtube.com/watch?v=TJfJOsMZoj4>
<http://www.youtube.com/watch?v=vOJ0aUq-Ln4>
http://www.youtube.com/watch?v=9l_EKYjsds
<http://www.youtube.com/watch?v=kbauWgox20s>
<http://www.youtube.com/watch?v=eV2wPNzjouQ>
<http://www.youtube.com/watch?v=tf5bTA78Nf0>
<http://www.youtube.com/watch?v=vp1gS-YWxb4>
<http://www.youtube.com/watch?v=LcKN9forT2Y>
http://www.youtube.com/watch?v=_DU1Y_pky4M
<http://www.youtube.com/watch?v=3n5BfsYeKeI>
-
<https://www.youtube.com/watch?v=uzdNIFIHbFI>
<http://www.youtube.com/watch?v=LSrRbxe51MU>
<http://www.youtube.com/watch?v=RfijHyrtRCA>
<http://www.youtube.com/watch?v=U1ItvF8yVfk>
http://www.youtube.com/watch?v=xKSBVw_kEWY
<http://www.youtube.com/watch?v=0o5KPHKZxhk>
<http://www.youtube.com/watch?v=qf6lksr1Zio>
<http://www.youtube.com/watch?v=Ijs1zBNiWJ8>
<http://www.youtube.com/watch?v=xmIsW4lT5qg>
<http://www.youtube.com/watch?v=Ha5OK4T5zjs>
<http://www.youtube.com/watch?v=opT3uyG9nY>
<http://www.youtube.com/watch?v=VaMcqXb1Z6Y>
http://www.youtube.com/watch?v=by0n3_6XDdY
<http://www.youtube.com/watch?v=G18wiXtCALw>
<https://www.youtube.com/watch?v=4I6-jhal4VY>
<http://www.youtube.com/watch?v=jNN5k3pJCy4>

1:47 Itzel Santoyo y Cecilia Ríos al tour Norceca en Guatemala
1:7 Jair miranda tiburones
2:25 Jorge Gutiérrez juega en el equipo de Michael Jordan
2:30 Jorge Quiñones y el equipo Virtus Guanajuato al Final-Four de la LMV
2:32 Juan Stenner en Relevos ESEF 2010
1:41 Karla Díaz emocionada hasta las lágrimas por su Bronce
2:8 Kevin Flores, orgullo de la Liga Mexicana de Beisbol
6:6 LORENA OCHOA Su Historia y Legado en el Golf Profesional / SPORTS CENTER
2:9 La Asociación de Artes Marciales del golfo se reúne con entrenadores en busca promover este Deporte.
1:17 La Selección Mexicana de Voleibol Femenil Sub 20 arribó a Veracruz
1:29 La academia Atlas Xalapa parte a la Liga Elite de futbol
2:37 La academia de Halcones no gana en la copa de baloncesto 2016
1:46 La filial de Tiburones Rojos Xalapa mantienen buen paso en la liga nacional de fútbol
0:58 La halterista Jessica Jarquín se dijo contenta de sus tres preseas en la Olimpiada Nacional
1:24 La pesista Jessica Jarquín se dijo contenta y entusiasmada.
1:59 Las categorías infantiles de fútbol americano de Halcones UV tendrán actividad este fin de semana
4:57 Las hermanas Mazzoco, ejemplo de unión y perseverancia.
10:3 Leonas Coatzacoalcos vs Halcones UV
1:56 Luis Hernández Jr con Tiburones Rojos sub 20
0:38 Manuel Cortina, se dijo contento por la destacada participación de Marcos Heliud Pulido
00:55 Marcos Heliud Pulido se dijo satisfecho con su participación en los juegos olímpicos de Río 2016
1:36 Mexicas de la universidad del conde con tres victorias en la jornada del Futbol Americano de Morelos
1:34 Mexicas preparan el Training Camp 2016
4:0 Nayeli Rangel Selección Femenil de Futbol por Alejandro Schwartz JCC 2014
1:43 Nayeli Vela gana 200 mtrs.
1:39 Nota Copa Leonas y Leones
1:40 Nuevo proyecto de futbol en Xalapa
2:15 Nuria Diosdado e Isabel Delgado, oro en dueto libre del nado sincronizado de los JCC 2014
6:1 Objetivo Londres Nado Sincronizado
1:42 Once Noticias- Debuta con triunfo Paola Longoria en racquetbol
2:27 Once Noticias - Inician actividades de gimnasia en los JCC Veracruz 2014
2:30 PACO CRUZ VIAJA A LETONIA
01:29 PAOLA ESPINOSA SÍ QUIERE IR A RÍO 2016
2:4 Paco Cruz platica con Viva Basquet
2:1 Paola Espinosa anuncia que no se retira y buscará llegar a Río 2016 (10-10-2012)
14:55 Paola Longoria, la combinación perfecta
1:30 Presenta Lorena Ochoa su Invitational
1:41 Pretemporada Tiburones Premier
01:36 REGRESO SELECCI_N MEXICANA DE BASQUETBOL ESPA_A 2014

3:26 ROSTROS DE LA SUB 16 DE BASQUETBOL FEMENIL
1:41 Regresa a Coatzacoalcos bina medallista de oro en voleibol de playa de la olimpiada nacional.
2:16 Resultados positivos en las categorías infantiles del programa de fútbol americano Mexicas
6:25 Venezuela Sub20► Todo El Camino Al Mundial Korea 2017
45:04 SAMANTHA BRICIO by Voleibol & Fotos de Soco
2:4 Samantha Bricio y Rey Misterio en la alfombra roja de los ESPYS 2016
6:33 Sandra López: Mis Inicios
1:59 Se prepara Halcones UV para Liga ABE Femenil
2:16 Se reestructura el programa de fútbol americano femenino de Mexicas del CONDE
2:44 Selección Femenil Mexicana Sub-16
2:7 Selección Voleibol sub20: Ana Patricia Valle
2:53 Seleccion Mexicana de Baloncesto Femenil Guadalajara 2011
2:42 Seleccion Nacional Universitaria 2014 - Entrevista José Barios WR Llegada a Mexico
4:51 Selección Mexicana De Canotaje Agradece Patrocinio De Rafael Gutiérrez
-
03:49 Sueña Paola Longoria con ser olímpica
4:29 Taekwondo Juvenil por el Sueño Panamericano en Aguascalientes
2:15 Tamara Vega Novia de Misael Rodríguez habla de la competencia
1:57 Tiburones Premier rescatan puntos ante Morelos
1:51 Tiburones Rojos Premier gana a Inter Playa del Camen
1:45 Tiburones Rojos Premier trabajan la estrategia para enfrentar a los Burros del Politécnico
1:50 Tiburones Rojos Premier va por primer ensayo de pretemporada
1:57 Tiburones Rojos Premier vence a Ocelotes
1:45 Tiburones Rojos de Veracruz, filial Xalapa, cayeron ante el equipo Jaiba Brava de Poza Rica
1:22 Union de Curtidores - Christian Rodríguez
2:1 Veracruz obtuvo medalla de plata en el torneo de voleibol de sala femenino
1:46 Victoria Avila, Premio Estatal del Deporte Coahuila 2014
1:24 Zomos Dorados buscará este 2017 consolidar su proyectos deportivos
1:20 Zomos Dorados debutan en casa
01:09 Zumbaton San Marcos
3:56 Entrevista con Fernando Cervantes Caudillo corredor elite mexicano

Anexo B

DVD contendo os vídeos que constituem o corpus